

“Nunca Pensei Ser Artista!”

Photovoice como forma de intervenção pelo bem-estar de pessoas idosas

- Relatório de Projeto -

Rosalinda Coelho Chaves

Trabalho realizado sob a orientação de:

Maria Isabel Pinto Simões Dias

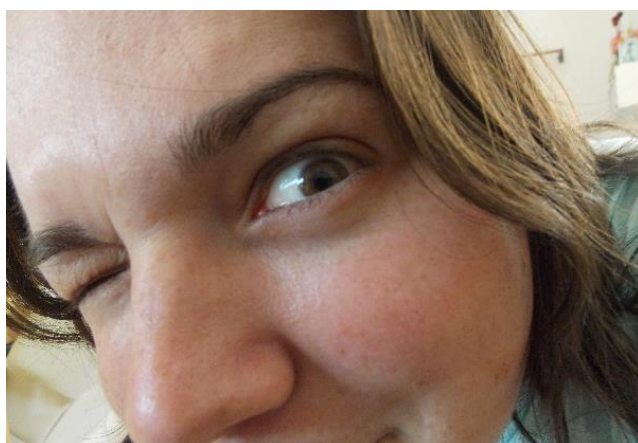
Maria Pereira Kowalski

Leiria, Setembro de 2016

MESTRADO EM INTERVENÇÃO E ANIMAÇÃO ARTÍSTICAS

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



*“Juntámos quatro idosos p’ra tirar fotografia
Foi para a gente uma alegria, nunca pensei que o fazia!
Tenho festa no sábado, como nunca me parecia...
Quando peguei na máquina, pensei que não conseguia!”*

Autoria dos Participantes no Projeto
Photovoice na ADFSAN - “Nunca Pensei Ser Artista”

Rosalinda Coelho Chaves | 2016
rosalinda.chaves@gmail.com

AGRADECIMENTOS

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” (J. Saramago *in Ensaio sobre a Cegueira*).

O primeiro destes Agradecimentos não poderia deixar de ser aos participantes que do projeto fizeram parte, e que o tornaram possível. Um enorme obrigada, igualmente, à Direção da ADSFAN e colegas da equipa, pela fé e suporte dedicado. Em especial, agradeço a Ana Constantino, Ana Catarino, Soraia Costa, Gisela Pereira, Nádía Camilo e, claro, ao Sr. Presidente José Pereira.

À Junta de Freguesia de A-dos-Negros, na voz do Sr. Heitor Carvalho da Conceição, um enorme obrigada, bem como a todos aqueles que colaboraram, permitindo a concretização dos eventos realizados: Victor Mata, Tomás Emídio, Gonçalo Jorge, Manuel Jorge, Rita Fiandeiro, Luís Neves, Pedro Teles e Rafaela Fiandeiro.

Não posso deixar de agradecer, ainda, aos amigos, afilhadas e familiares que sempre, com o seu carinho, me apoiaram apesar das temporadas de maior ausência.

A toda a turma MIAA, professores e orientadoras, destaco um especial agradecimento: à «equipa dos trabalhos de grupo» (maravilhosa), à «malta do oeste» e às Professoras Isabel Dias, Maria Kowalski e Maria São Pedro.

Um simples Obrigada a quem mais importa: ao meu Avô, à minha Mãe e ao meu Pai. Adoro-vos.

Dedicado à minha Avó Belmira.

RESUMO

Fenómeno contemporâneo de enorme pertinência, o envelhecimento assume-se vitória e desafio mundial. O aumento da longevidade trouxe claros riscos para a manutenção do bem-estar da humanidade. Por sua vez, as Instituições passaram a assumir uma considerável responsabilidade na garantia do bem-estar e dignidade das pessoas idosas. É de enorme importância continuar a apostar-se num melhor entendimento dos fatores associados à institucionalização e continuar a fomentar a implementação de boas práticas, para que melhor se promova o bem-estar destas pessoas. O *Photovoice*, metodologia de fotografia participativa desenvolvida e ampliada por Wang e Burris (1997), é um processo através do qual as pessoas identificam, representam e impulsionam a sua comunidade. Este trabalho resume a implementação de um projeto de *Photovoice* enquanto forma de intervenção e pesquisa pelo bem-estar de idosos institucionalizados. Com tal intervenção, procurou-se igualmente proporcionar a pessoas idosas uma nova ferramenta de comunicação, bem como perceber se a participação destas pessoas no projeto irá influenciar a sua própria percepção de bem-estar. Organizado em três partes, engloba uma introdução teórica que explana o tema do envelhecimento populacional, o conceito de bem-estar e linhas orientadoras de intervenção junto de pessoas mais velhas, concretizando sobre a metodologia *Photovoice*. Em seguida, é apresentado o desenho do projeto “*Nunca Pensei Ser Artista*”, e na terceira parte descrevem-se qualitativamente os resultados da sua implementação. Inferindo algumas conclusões e notas finais, este trabalho espera conseguir possibilitar a todos os leitores indicações sobre as especificidades da intervenção com pessoas idosas, em jeito de sugestão para a sua replicabilidade em edições futuras.

Palavras chave

Bem-estar, Fotografia-Participativa, Idosos, Photovoice; Projeto

ABSTRACT

As a contemporary phenomenon of great relevance, aging turn out to be a victory but also a global challenge. Increased longevity has brought clear risks for the maintenance of wellbeing of humanity. Institutions have assumed considerable responsibility for welfare assurance and the dignity of the elderly. It is extremely important to continue to invest in a better understanding of the factors associated with the reality of institutionalization and continue to promote the implementation of good practice in order to promote wellbeing of the elderly in their care. Photovoice is a method of participatory photography developed and expanded by Wang and Burris (1997). It is a process by which people can identify, represent and boost their community by using photography. This paper summarizes the implementation of a Photovoice project as a form of intervention and research for the welfare of institutionalized elderly. It aims also to give people a new way of expression, as well analyzing whether the participation in the project will influence their own health perception. It encompasses a theoretical introduction that explains the issues of the ageing population, the concept of wellness and guidelines of intervention, integrating the participatory methodology Photovoice. Secondly, it presents the design's project "Nunca Pensei Ser Artista". In the third part, it describes qualitatively the results of the implementation. Inferring some conclusions and endnotes, this paper hopes to enable all readers information about the specifics of the intervention with the elderly, suggesting solutions for its replicability in future editions.

Key words:

Elderly, participatory-photography, photovoice, project, wellbeing

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo.....	iii
Abstract	iv
Índice Geral	v
Índice de Legendas.....	vii
Índice de Abreviaturas	vii
Introdução.....	1
Capítulo I: Enquadramento Teórico	3
1.1. O Envelhecimento e as Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas em Portugal	5
1.2. Promoção do Bem-Estar Em Pessoas Mais Velhas: Linhas Orientadoras de Intervenção. 8	
1.3. Criatividade e Metodologias Participativas: O Photovoice	12
1.3.1. O Photovoice	16
Capítulo II: Desenho do Projeto	21
2.1. Ideia de Partida	22
2.1.1. Contexto de Implementação: Destinatários	22
2.1.2. Objetivos Gerais do Projeto	23
2.2. Metodologia: Diretrizes da Investigação-Ação	25
2.3.1. Aspetos Éticos e Deontológicos: Autorizações e Consentimento Informado.....	26
2.3.2. Avaliação e Monitorização	27
2.3.3. Inputs: Parcerias, Recursos e Logística.....	27
2.3.4. Implementação: Planeamento das sessões e o Papel do Formador	28
2.3.5. Outputs: A Apresentação Final de Trabalhos.....	34
2.3. Impacto Social: Ganhos para a Comunidade	35
Capítulo III: Resultados.....	37
3.1. Procedimento: Descrição de Resultados.....	37
3.1.1. Instituição, Parceiros e Participantes.....	39
3.1.2. Dados sobre a Fase Inicial	41
3.1.3. Dados das Sessões: Primeira Parte	42
3.1.4. Dados das Sessões: Segunda Parte	46
3.1.5. Dados das Sessões: Terceira Parte e Informações Finais.....	54
3.1.6. Outputs: Divulgação, Exposição dos trabalhos e Comunidade.....	60
3.2. Discussão de Resultados	63
3.2.1. Uso da Fotografia como Forma de Expressão.....	65
3.2.2. Noção de Bem-estar e alterações notadas	67

3.2.3. Resultados junto da comunidade.....	70
3.3. Considerações Gerais - Limitações do estudo.....	71
Capítulo IV: Notas Finais	74
Bibliografia	79
ANEXOS	- 1 -
Anexo I – Consentimento Informado	- 2 -
Anexo II – Autorização da Instituição.....	- 3 -
Anexo III – Autorização de Publicação de Imagem	- 4 -
Anexo IV – Lista de Dinâmicas de Grupo Possíveis	- 5 -
Anexo V – Cronograma das sessões, temas e objetivos	- 7 -
Anexo VI – Fotografias do Evento de Angariação de Fundos (Março).....	- 8 -
Anexo VII – Alguns Materiais de Divulgação (por Tomás Emídio)	- 9 -
Anexo VIII – Guião de Entrevista Inicial	- 10 -
Anexo IX – Transcrição dos Relatos (Entrevistas Iniciais).....	- 11 -
Anexo X – Tratamento do Conteúdo (Entrevistas Iniciais).....	- 29 -
Anexo XI – Planos de Sessão e sua Avaliação.....	- 30 -
Anexo XII – Transcrição dos Relatos das Entrevistas Finais	- 77 -

ÍNDICE DE LEGENDAS

Figura 1 - Estruturação das sessões por fases.....	30
Figura 2 - Caracterização da Amostra: principais elementos biográficos	40
Figura 3 - Exemplos de fotografias tiradas pelos utentes na fase prévia	41
Figura 4 - Participantes da primeira implementação do projeto de Photovoice na ADSFAN, fazendo "caretas" durante a primeira sessão	43
Figura 5 - Exemplo do Desafio 2: mesmo objeto, diferentes maneiras de fotografar.....	44
Figura 6 - Exemplos de erros comuns de início da experiência fotográfica.....	44
Figura 7 - Exemplos de fotografias de retratos tirados durante a fase inicial	45
Figura 8 - Fotografias ilustrativas das novas dinâmicas interpessoais em Lar	45
Figura 9 - Questões desafio.....	47
Figura 10 - Participantes do projeto durante o almoço, acompanhadas das suas máquinas	49
Figura 11 - Fotografia tirada (com ajuda) à sua própria boca.....	50
Figura 12 - Fotografia intencionalmente tirada como representando algo de que não gosta...	51
Figura 13 - Fotografia da Participante C2.....	51
Figura 14 – Fotografia tirada durante as “aventuras” pelo lar em busca de novas fotografias .	51
Figura 15 - Atividades no exterior	52
Figura 16 - Fotografias tiradas aos programas de Tv	53
Figura 17 - Duas das Fotografias visualizadas durante a sessão 11	55
Figura 18 - Duas diferentes formas de autorretrato (pela mesma participante)	56
Figura 19 - Imagem que deu mote à partilha sobre a importância que as equipas assumem ...	56
Figura 20 - imagem do rascunho feito durante a dinâmica de brainstorming e mapas mentais	57
Figura 21 - Avaliação do programa: "responde numa frase"	59
Figura 22 - Imagens do evento de angariação de fundos e do primeiro artigo publicado no jornal local sobre o projeto de Photovoice na ADSFAN.....	60
Figura 23 - Fotografias da minixposição de maio no convívio de aniversário da ADSFAN	61
Figura 24 - Imagens da inauguração da Exposição "Nunca Pensei Ser Artista"	61
Figura 25 - Materiais de angariação de fundos durante as exposições	62
Figura 26 - Fotografia tirada pela participante C2 a um utente da ADSFAN	68
Figura 27 – Imagem a um dos desenhos que pinta	70
Figura 28 - Fotografia de utente a fotografar e colegas da equipa.....	73

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

ADP: Atividades de Desenvolvimento Pessoal

ADSFAN: Associação de Desenvolvimento Social da Freguesia de A-dos-Negros

AIVD: Atividades Instrumentais de Vida Diárias

ERPI: Estrutura Residencial para Pessoas Idosas

IPSS: Instituição Particular de Solidariedade Social

SAD: Serviços de Apoio Domiciliário

INTRODUÇÃO

O mundo corre hoje a um ritmo nunca antes visto. A velocidade de mudança continua em aceleração e a ciência, por sua vez, trouxe-nos muitas alterações. O envelhecimento da população tornou-se foco de preocupação mundial, oficializada pela Organização Mundial de Saúde [OMS] (2002) desde finais dos anos 90, tantos pelos seus ganhos, como pelos seus desafios (Governo de Portugal, 2012). Vivemos hoje mais anos, mas sob que condições?

Investigações recentes têm vindo a efetivar a ideia de que o envelhecimento será uma experiência possivelmente bem mais positiva do que antes se acreditava (Fragoso, 2012; Lima, 2004; 2010; OMS, 2001; 2002; Rebelo, 2007; Ribeiro, 2012) e que o envolvimento contextualizado em atividades artísticas, *per si*, poderá potenciar oportunidades de sociabilização, produzindo diferentes desafios e criando-se condições para o aparecimento de novos interesses e para a manutenção de sentimentos de pertença e de participação na comunidade (Milhano, 2014), fomentando o desenvolvimento de inúmeras competências (Flood & Phillips, 2007; Woodhouse, 2013), processos metacognitivos de extrema pertinência (Formosa, 2013). Um dos cenários considerados tem sido o da intervenção em grupo (Lima & Oliveira, 2015), tanto enquanto resposta institucional e comunitária, como clínica, uma meta que será a atingir numa sociedade que se deseje inclusiva (Lima, 2012).

Não obstante, frequentemente, investigadores colocam-se em posição de «agir por» ou «em nome de» pessoas e comunidades, cujas vozes foram naturalmente silenciadas, prevenindo que elas possam ser ouvidas, completamente compreendidas ou apreciadas. Empregues em diversos campos do saber, as metodologias visuais têm vindo a afirmar-se como vias credíveis e legítimas de exploração da realidade social e cultural (Campos, 2011), estando o recurso a elas, à tecnologia e a linguagens artísticas a ser cada vez mais utilizado, nomeadamente com idosos. Proporcionam-se novas formas destes sujeitos poderem comunicar sobre a sua própria realidade. Para além do mais, se partirmos da premissa de Featherstone (1995 *cf.* Kowalski, 2013), podemos assumir que, se a aquisição de conhecimentos tiver como mediação os afetos, maior será a probabilidade de efetivar a aprendizagem a níveis mais profundos.

A fotografia “representa uma troca do homem consigo mesmo, uma forma de ver e de ser visto” (Bulla Júnior, 2005: 217). Representação imagética do mundo, a fotografia é espelho, é transformação e é discurso do real (Dubois, 1993), é um “certificado de presença” (Barthes, 1981: 122). A ligação emocional e comunicacional à imagem está presente na evolução humana desde tempos remotos (Campos, 2013), mas hoje é possível ao mais comum dos mortais usá-la facilmente para comunicar, independentemente do seu estatuto, escolaridade, raça, doenças, deficiências, idade ou gênero, por gosto e por prazer, pelo estado de alma que reflete, enfim, por algo que está inerente ao ser: a partilha do que é nosso.

O *Photovoice*, técnica fotográfica desenvolvida e ampliada por Caroline Wang e Mary Ann Burris (1997), é um processo através do qual as pessoas podem identificar, representar e impulsionar a sua comunidade, alicerçado na produção de conhecimento. O projeto em seguida descrito almeja utilizar a metodologia de investigação-ação *Photovoice* como forma de intervenção e pesquisa pelo bem-estar de idosos institucionalizados. Com tal intervenção, procurou-se proporcionar a pessoas idosas uma nova ferramenta de comunicação, bem como perceber se a participação destas pessoas no projeto influencia a sua própria percepção de bem-estar. Dentro do espírito metodológico pressuposto, considera-se igualmente parte dos objetivos a sua divulgação, fazendo-se chegar os resultados à comunidade.

Segue-se uma introdução teórica que procura explanar o tema do envelhecimento populacional, contextualizando-o no domínio português. Esta englobará uma análise do conceito de bem-estar e como novas formas de intervenção têm vindo a ser desenvolvidas, integrando-se a fotografia participativa, em particular, a metodologia *Photovoice*. Numa segunda parte, é apresentado o desenho do projeto “Nunca Pensei Ser Artista”, incluindo todas as fases do seu planeamento. Na terceira parte, descrevem-se qualitativamente os resultados da sua implementação, e sua discussão.

Inferindo algumas conclusões e notas finais, este trabalho espera conseguir possibilitar a todos os leitores indicações sobre as especificidades da intervenção com pessoas idosas, em jeito de sugestões para a sua replicabilidade em edições futuras.

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Por todo o mundo, a proporção de pessoas com mais de 60 anos tem vindo a aumentar mais do que qualquer outro grupo etário (OMS, 2002). Viver mais anos representa uma vitória. Conforme documento do Governo de Portugal (2012: 3),

Viver mais tempo implica envelhecer. Maior longevidade não é um fatalismo ou uma ameaça. É uma vitória da humanidade e uma oportunidade de potenciar o «património imaterial» que significa o contributo das pessoas mais velhas.

O aumento da longevidade trouxe, naturalmente, claros riscos para a manutenção do bem-estar da humanidade (Barreto, 2005). Assim, o envelhecimento tem vindo a ser assumido concomitantemente como vitória e problema mundial (OMS, 2002), destacando-se enquanto fenómeno contemporâneo de enorme pertinência, desafio e preocupação (Antunes & Pereira, 2014; Barros de Oliveira, 2010; Caballero, Lima, Costa & Galvis, 2013; Capucha, 2014; Carvalho, 2014; Fonseca, 2004; Gama, Teodoro & Simões, 2014; Jacob, 2007; 2012; José & Teixeira, 2014; Sequeira, 2010; Sousa, 2014; Tomé, Rodrigues, Costa & Marques, 2015).

(...) vive-se na ânsia de não se envelhecer, pelo que compreender este processo natural, dinâmico, simultaneamente progressivo e irreversível constitui um acontecimento necessário e da maior relevância. (Sequeira, 2010: 19)

Enquanto período de vida, a velhice tornou-se banal (Barreto, 2005), não sendo tão respeitada, admirada, acarinhada e protegida como antes. Ao mesmo tempo, tornou-se tema comum da atualidade, assunto recorrente de atenção e, até mesmo, alvo de investimento. O envelhecimento deixou de ser uma realidade escondida (Carvalho, 2014), assumindo-se, além da preocupação assistencialista, uma questão social, política e de defesa dos direitos humanos (OMS, 2002).

A própria Constituição Portuguesa assume a promoção do bem-estar e da qualidade de vida do povo como uma tarefa fundamental do Estado (Artigo 9.º, alínea d). De acordo com o Artigo 72.º da Constituição de 1976 (Assembleia da República, 2005):

1. As pessoas idosas têm direito à segurança económica e a condições de habitação e convívio familiar e comunitário que respeitem a sua autonomia pessoal e evitem e superem o isolamento ou a marginalização social.

2. A política de terceira idade engloba medidas de carácter económico, social e cultural tendentes a proporcionar às pessoas idosas oportunidades de realização pessoal, através de uma participação activa na vida da comunidade.

Supostamente protegida, a velhice nem sempre é encarada de forma positiva, apesar de Cohen (2006) defender que a partir de 1975 se terá dado uma mudança na forma como se perspetiva o processo de envelhecimento, ao se perceber que determinadas perdas decorrerão, maioritariamente, de problemas específicos, e não do passar dos anos em si, passando a assumir-se um sentido de responsabilidade diferente sobre a maneira como se pode atuar sobre tais questões. Etapa cada vez mais longa e significativa, assume-se urgente pesquisar os fatores que podem intensificar um envelhecer saudável (Esgalhado, Reis, Pereira & Afonso, 2014), digno e respeitador da pessoa, em todo o seu potencial.

Muito embora continue a haver um claro investimento do país nesta área, algumas características do sistema social português permitem arguir que se continua a enfatizar uma abordagem algo conservadora, que favorece mais uns grupos que outros (Esping-Andersen & Palier, 2009; Carvalho, 2014), dado que se patenteiam desigualdades no acesso aos serviços de cuidados.

Por outro lado, a par da demanda pela democratização dos cuidados e da igualdade de direitos, também a luta pela democratização do acesso à arte, à educação artística e à educação é antiga, elaborada no nosso país pela Constituição Portuguesa de 1976. Reconhece-se a enorme vantagem da assimilação da criatividade na educação, tal como se considera a sua relevância enquanto simplesmente parte integrante do Ser, em todas as idades, mote da evolução humana.

De uma forma geral, Lima (2010) resume os principais desafios do envelhecimento como sendo o reconhecimento da inevitabilidade da mudança, da imprevisibilidade da vida e do confronto com a morte. Desenvolver projetos para as pessoas mais velhas que possam potenciar o encontro de novos sentidos de significado, fortalecendo atitudes de decisão e autonomia (Myers, 1993 *cf.* Milhano, 2012), nomeadamente através do recurso a ferramentas criativas, será um dos maiores estímulos da sociedade contemporânea. É urgente a dinamização e fomentação de atividades que promovam a participação das pessoas idosas, por forma a torná-las protagonistas do seu próprio processo de desenvolvimento (Gama, Teodoro & Simões, 2014).

1.1. O ENVELHECIMENTO E AS ESTRUTURAS RESIDENCIAIS PARA PESSOAS IDOSAS EM PORTUGAL

Vivemos no desejo de não ficarmos velhos (Sequeira, 2010), mas envelhecemos desde que nascemos; o envelhecimento é indissociável da vida. Mas a verdade é que a velhice continua a assumir uma conotação negativa, pessimista e bastante limitativa (Formosa, 2013; Miguel, 2014). As pessoas idosas são identificadas pela sua idade e pelo direito a prestações financeiras (pensões) como contrapartida da perda do estatuto de sujeitos ativos (Cardoso, Santos, Baptista & Clemente, 2012). Tais conceções não só afetam os comportamentos das gerações mais novas como influenciam a visão que as próprias pessoas mais velhas têm sobre o envelhecimento e sobre a sua própria forma de estar.

Citando Barros de Oliveira (2010: 11), “(...) é secundário o modo como apelidamos os velhos e a velhice. Mais importante é compreendê-los e ajudá-los”. O ritmo de envelhecimento varia de indivíduo para indivíduo, bem como varia a idade em que se inicia a fase de senescência¹ (Barreto, 2005).

Em Portugal, o número de pessoas idosas continua a aumentar substancialmente desde os anos 90 (Carvalho, 2014), gerando altos desafios tanto no domínio da segurança social, sistema de saúde e pensões, como no que diz respeito à qualidade dos cuidados. O Instituto Nacional de Estatística (2014) prevê que o índice de envelhecimento² em Portugal quase que triplicará nos próximos 50 anos, ao passo que o próprio índice de sustentabilidade passará de 340 para 149 pessoas em idade ativa por cada 100 idosos, ilustrando as novas preocupações emergentes.

O Estado assume-se, inevitavelmente, como garantidor do bem-estar dos idosos desprotegidos e, por alguma razão, desenquadrados da sua estrutura familiar (Carvalho & Dias, 2011). Face à recente crise económica mundial, a atenção à população idosa tem exigido maiores cuidados, não só aqueles que naturalmente surgiriam, mas pelo empobrecimento geral da população, muito refletido numa faixa etária com crescentes dificuldades de acesso a serviços limitados e a apoios. As reduções nas pensões, os cortes e as limitações nos apoios com a saúde, o não pagamento de determinados subsídios, têm sido substancialmente graves para o agudizamento da situação económica de muitas

¹ Senescência: termo que se refere ao processo biológico de envelhecimento, de *involução*

² Número de idosos por cada 100 jovens dos 0 aos 14 anos

peças, principalmente daquelas com menos oportunidades de criar riqueza, como é muitas vezes o caso das pessoas mais velhas (Carvalho, 2014; Capucha, 2014). Esta situação económica do país exponenciou movimentos migratórios, fazendo com que muitas pessoas procurem alternativas nas grandes cidades ou noutros países e, por conseguinte, reduzam automaticamente o apoio que prestavam, por proximidade, aos seus pais ou avós. A fragilização gradual das famílias tradicionais e das redes próximas de suporte social da população idosa, importante elemento de bem-estar (Barreto, 1998; 2005; Capucha, 2014; Esgalhado *et al.*, 2014; Paúl, 2005), tem-se evidenciado como mais um fator gerador de dificuldades ao bom perspetivar desta fase da vida, já para não falar da probabilidade acrescida de casos de negligência e maus tratos.

Prioridade inquestionável (Guedes, 2012), não só se têm exigido alterações económico-políticas como as próprias estruturas especialmente dedicadas ao apoio à população idosa, também elas, têm vindo a adaptar-se a esta nova realidade (Antunes & Pereira, 2014; Gama, Teodoro & Simões, 2014; Jacob, 2007; Osorio, 2008; Pereira & Pimentel, 2012) por forma a que se promova uma melhor manutenção da qualidade de vida da pessoa idosa (Sequeira, 2010). O setor da Economia Social ganhou forma, tornando-se foco de atenção e preocupação dos mais diversos atores sociais.

As principais respostas que têm vindo a crescer são as organizações locais de apoio à população idosa, nomeadamente através de Universidades Sénior, Centros de Dia, Centros de Convívio, Centros de Noite, Serviços de Apoio Domiciliário [SAD], Residências Assistidas e Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas [ERPI] ou Residências Sénior, entre outros projetos. Algumas das instituições que promovem este género de cuidados assumem para si, localmente, parte das responsabilidades e deveres do Estado (Carvalho, 2014), através do estabelecimento de protocolos oficiais com o Governo Central e Segurança Social: as Instituições Particulares de Solidariedade Social [IPSS's]. Outras organizações com ou sem fins lucrativos têm surgido, não tendo, no entanto, qualquer tipo de protocolo oficial.

Gradualmente, o Estado tem vindo a diminuir a sua intervenção direta, passando a gestão dos equipamentos sociais, cada vez mais, para as IPSS (Jacob, 2012). Não sendo preferência primordial das pessoas (Fericgla, 1992 *cf.* Osorio, 2008), os *lares* têm representado uma opção cada vez mais frequente (Neto & Corte-Real, 2013).

Apesar das profundas transformações recentes em Portugal, relativas à passagem dos antigos asilos e hospícios para as estruturas que acolhem hoje as pessoas idosas de forma permanente, os lares continuam a acarretar em si uma carga simbólica muito forte e marcadamente negativa (Guedes, 2012), sendo habitualmente temidos (Neto & Corte-Real, 2013) e raramente encarados como projeto de vida (Jacob, 2012).

Na verdade, nunca foi possível escutar nenhum idoso e expressar vivamente a sua profunda alegria e contentamento por viver num lar, mesmo quando as anteriores condições de vida eram bastante penosas. (Guedes, 2012: 18).

A entrada num lar implica a reelaboração da forma como a pessoa encara a sua vida, devendo esse processo ser suportado da melhor forma possível. A adaptação à institucionalização é habitualmente difícil, e afeta em grande medida a sensação de bem-estar (Carvalho & Dias, 2011; Paúl, 1997). O processo de entrada permanente numa instituição deste carácter representa sempre uma perda, pelo menos em parte, de autonomia e da sua vida anterior e interage, inevitavelmente, com a manutenção da identidade do idoso (Guedes, 2012). Possibilitar que as estruturas identitárias da pessoa se mantenham dignas e se adaptem e integrem na nova realidade, mais do que um dever, é uma urgência a ser tida em consideração todos os dias. As Instituições assumem em si, por isso, uma enorme responsabilidade na garantia do bem-estar e dignidade destas pessoas, por forma a certificar que o próprio lar não se torne numa ameaça ao sujeito idoso.

É de enorme importância continuar a apostar-se num melhor entendimento dos fatores associados à realidade da institucionalização e do seu impacto na vida do idoso e continuar a fomentar a implementação de boas práticas neste género de cuidados. É preciso que as medidas tomadas tenham mais em conta as características individuais de cada grupo, em cada comunidade. É extremamente necessário continuar a refletir sobre esta questão, assumir e investigar todas as perdas, mas também mais-valias e oportunidades que representam a entrada num lar, compreender idiossincriticamente as dificuldades do processo que é envelhecer e não esquecer como os próprios pré-conceitos dos técnicos influenciam o género de cuidados prestados. Fazer o melhor que conseguimos pela humanidade é cuidar em consciência plena de nós mesmos.

1.2. PROMOÇÃO DO BEM-ESTAR EM PESSOAS MAIS VELHAS: LINHAS ORIENTADORAS DE INTERVENÇÃO

A Gerontologia é um campo recente (Barros de Oliveira, 2010; Paúl, 2005; Pereira & Pimentel, 2012). Apesar disso, o foco no envelhecimento enquanto objeto de estudo tem sido alvo de atenção de várias ciências, uma pluridisciplinaridade que tem sido fundamental para o enriquecimento da compreensão sobre esta área (Sequeira, 2010).

É preciso manter presente que mais idade não é sinónimo de doença (Osorio, 2008), mas perdas e alterações moleculares e celulares significativas acontecem com o avançar da idade cronológica (Lamas & Paúl, 2013; Papalia, Olds & Feldman, 2006). O conceito de envelhecimento representa uma perceção que tem sofrido significativas alterações ao longo dos tempos (Sequeira, 2010), sendo determinado em boa parte por crenças, culturas, religiões, conhecimentos, e, portanto, não é algo estanque mas sim algo que continuará, bem possivelmente, a sofrer alterações no futuro. Em Portugal, apesar dos esforços conjuntos de vários atores, a ideia de incapacidade associada ao envelhecimento ainda se encontra muito evidente na legislação (Tomé *et al.*, 2015), promovendo, ela própria, que o estigma se mantenha e elevando o risco da lei não acompanhar nem promover as mudanças sociais.

Ainda assim, no contexto do aumento dos desafios que uma maior longevidade acarreta, o paradigma de atuação perante o envelhecimento tem vindo a mudar, abandonando as anteriores visões assistencialistas, centradas na colmatação das necessidades básicas da pessoa enquanto agente social passivo (Antunes & Pereira, 2014). Por uma resposta mais efetiva, é necessário que também as políticas sociais se alterem. Citando Sequeira (2010: XXI), estas deverão procurar atuar através de programas que “promovam o envelhecimento bem sucedido; incentivem a coesão e a interação familiar; protejam o idoso de negligência, de más práticas, de violência física e psicológica”.

Quanto à intervenção, ela deve ter em conta diversos âmbitos complementares (Osorio, 2008). As linhas de orientação vigentes propostas pela OMS (2001; 2002; 2015), reconhecidas por diversos autores desta matéria, apontam generalizadamente para a defesa do paradigma do «envelhecimento ativo». Tendo-se tornado indiscutível objetivo político (Ribeiro, 2012), a sua definição, segundo a OMS (2002), assenta num processo de otimização de oportunidades pela saúde, pela participação e pela segurança, por forma

a se conseguir aumentar a qualidade de vida de cada pessoa conforme ela vai envelhecendo.

Termo adotado pelos mais diversos setores (José & Teixeira, 2014), o envelhecimento ativo pressupõe realmente uma postura ativa do indivíduo, na realização do seu potencial pela promoção do seu próprio bem-estar, em que a chave do sucesso passará pela manutenção da autonomia e da independência, não se distanciando do contexto das relações com os outros e da solidariedade intergeracional (OMS, 2002). Promove-se uma abordagem multidimensional, implicadora de responsabilização e participação de todos (inclusive do próprio) no combate à exclusão social e à discriminação, e na promoção da igualdade e da solidariedade (Carvalho, 2014; Governo de Portugal, 2012), representando a continuação de uma vida ativa e inclusiva, vivida de forma participativa e tendo em conta o reconhecimento das possibilidades, expectativas e desejos pessoais de cada um (Gama, Teodoro & Simões, 2014; Pereira, 2012).

Procura-se o aumento da esperança de vida saudável, bem como a melhoria da qualidade de vida (Jacob, 2007). Não existindo, inevitavelmente, um consenso sobre a definição de envelhecimento ativo (José & Teixeira, 2014; Ribeiro, 2012), parece tratar-se de algo que implica uma responsabilidade individual, enquanto tarefa de vida (Paúl, 2005) mas, também, coletiva, envolvendo, provavelmente, a realização de atividades produtivas e sendo o objetivo final da sua promoção a qualidade de vida, através da potencialização da igualdade no acesso às oportunidades (OMS, 2002).

É indiscutível que não falamos apenas de uma fase da vida; envelhecer é, efetivamente, algo que não acontece de um dia para o outro, mas sim ao longo do ciclo vital (Sequeira, 2010). De realçar que esta perspetiva de envelhecimento enquanto percurso de vida implica admitir que a forma como envelhecemos depende da forma como vivemos no passado (José & Teixeira, 2014) e, muito possivelmente, do modo como encaramos o futuro. Seja como for, parece ser cada vez mais aceite que “as condições do nosso envelhecimento devem ser criadas ao longo de todo o nosso percurso de vida” (Cardoso *et al.*, 2012: 628) e que mais importante que a passagem do tempo em si é compreender como as experiências afetam o comportamento humano ao longo do tempo (Fonseca, 2004). Neste sentido, um novo documento da OMS, *World Report on Ageing and Health* (2015) passa a usar o termo «envelhecimento saudável», como conceito talvez mais globalizante daquilo que se procura que seja este processo.

A intervenção com pessoas de idade avançada tem, como tal, ganhado evidente proeminência, baseada numa crença de que tanto os adultos mais novos como os mais velhos mantêm a capacidade de crescimento e mudança (Lima, 2012), sendo a posição contrária a este credo considerada discriminação³. Poder envelhecer com dignidade será o objetivo último, especialmente quando associado a dependência (Sequeira, 2010).

Na velhice espera-se uma fase de balanço da vida, de experimentação de sentimentos de realização e/ou fracasso, de aceitação de si próprio e do fim que se avizinha (Barreto, 2005), sendo isto flexível, nada universal e em muito relativo ao significado atribuído às experiências de vida. Amplamente associadas ao conceito de envelhecimento ativo surgem então, com bastante frequência, as noções de satisfação com a vida e qualidade de vida (Barros de Oliveira, 2010; Ribeiro, 2012), as quais não se dissociam de bem-estar.

O bem-estar é um conceito que tem suscitado muita atenção durante as últimas décadas, nomeadamente entre psicólogos (Barros de Oliveira, 2010; Galinha & Pais-Ribeiro, 2005; Novo, 2005) e outros profissionais da área da saúde. De acordo com autores como Barreto (2005) e Silva (2009), o bem-estar depende de inúmeros fatores, não só externos como internos, podendo ser entendido enquanto Bem-Estar Subjetivo [BES] (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005; 2011; Machado & Bandeira, 2012; Novo, 2005) ou como Bem-Estar Psicológico [BEP] (Lawton, 1983 *cf.* Paúl, 1992 *cf.* Esgalhado *et al.*, 2014; Ryff, 1989).

O bem-estar relaciona-se com o conceito de Qualidade de Vida [QdV] (Silva, 2009). Não sendo unívoco, torna complexa a sua avaliação (Pais-Ribeiro, 1994; 2009), sendo que poderá ser definido como a perceção de um indivíduo sobre a sua posição na vida no contexto cultural e de valores onde se insere, na sua relação com os seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações, incluindo sobre a sua saúde física, estado mental, nível de independência, relações sociais, crenças pessoais e relação com o ambiente (OMS, 2002).

Os primeiros estudos sobre o bem-estar e qualidade de vida surgiram associados ao domínio económico (Pais-Ribeiro, 2009) e referiam-se a um conceito de bem-estar numa perspetiva mais material (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005), distinguindo-se hoje esta ideia daquilo que se considera ser o Bem-Estar Global. A Saúde, nomeadamente a Saúde

³ *Idadismo* ou *ageism*: estereótipo, preconceito ou discriminação, com base na idade, em particular em relação a pessoas idosas (Fonseca, 2004; OMS, 2015).

Mental, é também considerada parte integrante do Bem-Estar Global, que, com o modelo Biopsicossocial, passou a preocupar-se mais com aspetos positivos, descentralizando-se da doença (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005).

Domínio complexo e de difícil definição, é consensual que quando falamos de Bem-Estar Subjetivo falamos de uma dimensão positiva da Saúde, integrando aspetos cognitivos e afetivos (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005; 2011; Novo, 2005) e fundindo-se até com outros conceitos, tais como Qualidade de Vida ou Satisfação e Felicidade. O Bem-Estar Subjetivo [BES] assume-se, assim, como o conceito chave de um campo de investigação emergente, a Psicologia Positiva. Integra em si as dimensões do Afeto e da Satisfação com a vida, enquanto que o Bem-Estar Psicológico se referirá aos campos relacionados com o desenvolvimento pessoal, entre outras dimensões (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005; 2011; Machado & Bandeira, 2012; Novo, 2005). A investigação sobre estes conceitos tem-se desenvolvido em articulação e em paralelo.

O Bem-Estar Psicológico [BEP] (Ryff, 1989), ligado à eudaimonia⁴, inclui na sua definição multidimensional autoaceitação, relações positivas com outros, autonomia, domínio sobre o ambiente, propósito na vida e crescimento pessoal. Por sua vez, Lawton (1983 *cf.* Paúl, 1992 *cf.* Esgalhado *et al.*, 2014) associa o conceito a uma sensação geral de satisfação com a vida e com uma saúde mental positiva, relacionada com o estado interno da pessoa nas suas vertentes cognitivas e afetivas.

Posto isto, conclui-se que é impensável dissociar o bem-estar e a qualidade de vida da forma como se vivem as emoções, sentimentos e afetos, conceitos distintos que interatuam e se relacionam entre si. António Damásio (2003) defende existirem emoções básicas, de origem inata, emoções secundárias ou sociais (autoconscientes⁵) e emoções de fundo, onde se insere a sensação de bem-estar. Os sentimentos, mais privados e duradouros do que as emoções, serão processos mentais relativamente estáveis e acontecerão em resultado destas. Refere Moura (2008, *cf.* Fragoso, 2012: 67) que “as emoções desenrolam-se no teatro do corpo; os sentimentos no teatro da mente”.

Apesar de muitas pessoas conotarem as emoções dicotomicamente como positivas ou negativas, todas elas são importantes e úteis, funcionando como bússolas internas que

⁴ Eudaimonia, enquanto felicidade ou bem-estar, num sentido de plenitude do Ser.

⁵ As emoções autoconscientes são aquelas que pressupõem que a pessoa já tenha desenvolvido um sentido de si, surgindo a partir dos 18 – 24 meses (Castillo, 2003 *cf.* Fragoso, 2012).

podem potenciar o desenvolvimento e o crescimento pessoal (Fragoso, 2012). Há, aliás, uma urgência antiga pela educação da faculdade de sentir (Rodrigues, 2011). Muitas vezes mal conotadas, as emoções que geram sensações desagradáveis tentam ser controladas e, não raramente, dissimuladas ou, até mesmo, é negada a sua presença. Tal pode gerar o desenvolvimento de reatividades fisiológicas/psicossomáticas que, necessariamente, afetam o bem-estar da pessoa de tal forma que a situação se pode tornar invalidante e/ou patológica.

A par do que tem vindo a acontecer noutras áreas, o conceito de *empowerment* tem ganho terreno nesta perspetiva de investimento no processo de envelhecimento. Associado a uma melhor saúde (Wallerstein & Bernstein, 1988), trata-se de um modelo que sugere a participação dos indivíduos na construção da própria mudança como promotora de uma maior efetividade e proximidade ao real, onde o recurso ao desenvolvimento de processos criativos parece deter uma importante vantagem (Formosa, 2013).

“Quando nos sentimos vítimas, encerramos a nossa capacidade de comunicar” (Lima, 2010: 125). Procura-se, pois, nos dias de hoje, encarar o envelhecimento como um processo positivo, numa perspetiva inclusiva, humanista e contextualmente sensível, prezando-se não tanto a quantidade mas a qualidade, isto é, «*envelhecer bem*». Ser ativo, ou envelhecer bem, não será necessariamente espelho de se ser produtivo, mas refletir-se-á sim na forma como escolhermos escolher e decidir sobre a nossa vida.

1.3. CRIATIVIDADE E METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS: O PHOTOVOICE

“Todos têm direito à educação e à cultura”, refere o primeiro ponto do Artigo 73.º da Constituição Portuguesa (Assembleia da República, 2005), bem como “à fruição e criação cultural” [artigo 78.º]. Direito Universal, a cultura e a arte são constituintes fundamentais de uma educação que conduza ao pleno desenvolvimento da pessoa (UNESCO, 2006), numa ligação direta com a agilização do potencial criativo.

A arte é libertadora de emoções, é intermediária na comunicação e no crescimento do indivíduo, assumindo um potencial inclusivo (Oliveira, 2007), frequentemente ligada ao desenvolvimento da criatividade. Carl Rogers (1974: 301) define o processo criador como

“uma emergência na acção de um novo produto relacional”, natureza única da pessoa, na sua interação com materiais, acontecimentos ou outras pessoas. A estimulação da criatividade é encarada como uma grande mais-valia na promoção do bem-estar humano, nos mais diversos contextos e independentemente de grupos e idades.

Por sua vez, a criatividade surge, de uma forma geral, associada à resolução e problemas, à adaptabilidade, à autoexpressão e à saúde (Runco, 2004). Flood e Phillips (2007), bem como Woodhouse (2013), por exemplo, e com base na análise de diversos estudos, evidenciam como a criatividade está associada ao bem-estar em pessoas mais velhas, e como o envolvimento em atividades criativas parece potenciar a melhoria de diversas habilidades, nomeadamente, no domínio da resolução de problemas, autoestima, competências de *coping*, ansiedade, *locus* de controlo interno, satisfação com a vida, sintomas depressivos e hipocondria. Potencia o desenvolvimento de mecanismos de autocontrolo, de influência da mente sobre o corpo, de envolvimento social e de plasticidade cerebral (Cohen, 2006).

Resposta efetiva à evolução (Runco, 2004), o ato criador envolve variados processos abrangendo, portanto, a capacidade de compreender, bem como a de relacionar, ordenar, configurar e significar (Ostrower, 1993). As artes e a participação criativa têm, por isso, se revelado fundamentais como forma de as pessoas idosas se manterem envolvidas (Woodhouse, 2013) e de maneiras não antes imagináveis (Moody, 2002). Já vão sendo cada vez mais os projetos alicerçados no recurso às artes com pessoas idosas, difundindo-se um pouco por todo o mundo os seus resultados que colocam a tónica na inclusão e no envolvimento ativo dos indivíduos, pela melhoria do seu bem-estar global (Milhano, 2012), acompanhando simultaneamente estas intervenções a evolução tecnológica (Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2014).

A atividade recreativa, artística, é necessária ao ser humano, especialmente em altura de privação ou cessação de ocupações, podendo ajudar a reparar sentimentos de perda, promovendo o reencontro do sujeito consigo mesmo (Hilário, 2007). Tendo em conta toda a contextualização teórica até aqui mencionada, são conhecidas as imensas potencialidades de se utilizar a arte não só como produção estética, mas como *trigger* para ações mais prazerosas e criativas, e estas não se podem continuar a restringir à atuação junto apenas das populações mais novas e independentes.

Perspetiva recentemente desenvolvida pela literatura, Cohen chega mesmo a criar o conceito de *creative ageing*⁶. Associado ao bem-estar (Cohen, 2006; Flood & Phillips, 2007; Woodhouse, 2013) e a uma melhor saúde mental (Garcês, Pocinho & Jesus, 2013), a verdade é que a perpetuação de um estilo de vida criativo em fases mais avançadas da vida transforma o indivíduo num sujeito autoempendedor, descartando o ênfase no processo de envelhecimento enquanto declínio (Fristrup, 2013). A criatividade é, portanto, considerada um potencial que faz parte do Ser, e faz parte das necessidades da pessoa a sua realização (Ostrower, 1993), evidenciando-se agora, e talvez mais do que nunca (Runco, 2004), como uma competência chave para a prosperidade pessoal e social.

Por sua vez, as soluções digitais têm ditado a modernidade, obrigando as pessoas, independentemente da sua idade e da sua vontade, a adaptarem-se a esta nova realidade. Nos últimos anos, as novas tecnologias têm-se revelado vantajosas ferramentas de capacitação e *empowerment* (Romero, Hyvönen & Barberà, 2012).

“O homem é um ser eminentemente visual” (Rodrigues, 2011: 23). A lente fotográfica tem a capacidade de captar detalhes que escapam ao olho humano (Scharf, 1994). Por outro lado, a imagem está em tudo o que nos rodeia: “Vemo-la por toda a parte, sem aliás olharmos verdadeiramente para ela (...)” (Bauret, 2000: 9). Dentro das imensas linguagens artísticas disponíveis, a fotografia representa uma fonte inigualável de informação sobre os outros, sobre nós próprios. Com ela podemos exprimir os nossos sentimentos, os nossos ideais, as nossas preocupações, conseguimos dizer muito mais até, possivelmente, do que aquilo que as palavras conseguem. A fotografia participativa é um método usado no campo do desenvolvimento comunitário, saúde pública e educação, que concretiza a fotografia como base da ação social (Crespo & Pulido, 2014).

Não raramente a fotografia é utilizada em variadíssimos contextos e por múltiplos atores, dentro de âmbitos de atuação mais ou menos estruturados. *Photovoice*, autobiografia e fotografia comunitária são técnicas de fotografia participativa habitualmente usadas para dar voz e reativar o poder das pessoas e comunidades (Griebling, Vaughn, Howell, Ramstetter & Dole, 2013).

⁶ Envelhecimento Criativo, teorizado por G. D. Cohen (2000) no seu livro “*The Creative Age: Awakening Human Potential in the Second Half of Life*”, o primeiro focado exclusivamente no envelhecimento e criatividade (Cohen, 2006).

Espelho do mundo contemporâneo (Souza & Lopes, 2002), forma de catalogar, revelar e redescobrir o mundo (Vega, 2004), a fotografia não é uma produção de imagens inocente, casual ou mecânica (Bauret, 2000; Ribeiro, 2005); trata-se de uma linguagem mais ou menos estruturada, não obstante as múltiplas abordagens que a consideram. A fotografia é, por essência, tanto testemunho artístico e jornalístico, como uma prática social amplamente popular por todos praticada, e hoje a todos muito mais acessível, continuando a acompanhar o Homem na sua relação com o mundo. Ela tem uma “maneira, só dela, de fazer parar o tempo” (Bauret, 2000: 114) possibilitando a transmissão de emoções de uma forma especialmente única. Com ela, “eternizamos o que é passageiro, tornamos a ver o que já passou, continuamos vivos depois de mortos” (Carvalho, 1976: 5), pois “ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (Barthes, 1981: 17), tornando-se arquivo da memória (Vega, 2004), carregada não raras vezes de significado simbólico (Martin, 1987).

Posser (1998) refere que há progressivamente um maior consenso no que toca à imagem poder ser encarada como forma de investigação. Numa era de revolução digital (Ribeiro, 2005), no contexto da intervenção alguns autores refletem sobre a importância da educação do olhar enquanto potenciadora da interação crítica e reflexiva, através das imagens do quotidiano, como combate à aquisição de conhecimentos banal e superficial (Kowalski, 2013; Souza & Lopes, 2002; Rodrigues, 2011). A fotografia pode oferecer caminhos para a elaboração de projetos inovadores, contribuindo com meios, espaços e estratégias que promovem o desenvolvimento de competências socioemocionais e comunicativas (Cronin, 1998; Crespo & Pulido, 2014).

Recurso narrativo identitário, a fotografia pode, efetivamente, facilitar o acesso aos esquemas mentais de quem fotografa (Caetano, 2008; Sitvast & Abma, 2012). Para Morin (1970 *cf.* Bulla Júnior, 2005), por exemplo, a imagem mental é uma função psicológica mediadora, indissociável da presença do homem no mundo e do mundo no homem. Dubois (1993) reafirma neste sentido que, para ele, uma fotografia esconde sempre outra, descrevendo assim, em interligação com as ideias de Freud, o funcionamento do aparelho psíquico fotográfico. Numa perspectiva hermenêutica (Lopes, 2011), a fotografia pode ser ainda utilizada com fins terapêuticos, ao facilitar que a pessoa encontre novos significados para as suas experiências de vida, através do foco nos seus desejos e ambições (Sitvast & Abma, 2012).

Captar uma fotografia consiste em capturar um momento e o que ele representa para mais tarde o comunicar (Crespo & Pulido, 2014). É representação do passado e presente, mas é igualmente portadora de um significado futuro (Kowalski, 2013). É muito mais do que ali se aprecia: implica uma história, um antes e um depois, um contexto e um significado. Envolve sentimentos e emoções, pensamentos mais ou menos conscientes, de quem a tira e de quem a vê. A imagem pode ser, por isso mesmo, fonte de pesquisa (Campos, 2011). Ao facilitar a recolha, análise e divulgação de dados (Neiva-Silva & Koller, 2002), torna-se inegável a sua importância como forma de intervenção direta pela promoção de uma melhor saúde mental.

A fotografia é uma linguagem, que assume várias formas, diferentes aplicações e múltiplas interpretações (Bauret, 2000). Ela permite que entremos em contacto com nossos conteúdos mais profundos, abrindo caminhos para a reflexão e para a possível transformação da forma como percebemos o que nos rodeia (Bulla Júnior, 2005), desencadeando novas maneiras de consciência sobre o mundo e sobre nós mesmos (Caetano, 2008; Souza & Lopes, 2002). Pelas razões apresentadas anteriormente e tantas mais, a fotografia assume um potencial de intervenção gigante, nomeadamente no que toca ao uso da mesma de forma participativa em contexto de investigação-ação. Existem realmente diferentes modos de utilizar a fotografia como forma de intervenção participativa, mas o *Photovoice* é, talvez, o procedimento mais consolidado em termos metodológicos.

1.3.1. O PHOTOVOICE

Caroline Wang e Mary Ann Burris (1997) são as autoras reconhecidas pelo desenvolvimento, implantação e divulgação do *Photovoice*, uma metodologia fotográfica participativa que permite às pessoas identificarem, representarem e impulsionarem a sua comunidade, baseada na produção de conhecimento. Segundo as autoras, o conceito foi desenvolvido através de três diferentes fontes: literatura teórica e educacional sobre consciência crítica, teoria feminista e abordagens não tradicionais de fotografia documental; do trabalho de fotógrafos e educadores comunitários como desafiadores da representatividade e autoria dos documentários; e da sua própria experiência na

articulação e aplicação do processo⁷. Desde aí, esta metodologia tem-se tornado conhecida e utilizada nos mais variados contextos (Catalini & Minkler, 2010).

Forma de investigação-ação participativa e colaborativa, o *Photovoice* implica um processo em que as máquinas fotográficas são entregues a pessoas para que estas possam funcionar como «gravadores» das suas comunidades, sem grandes exigências técnicas, assumindo, assim, o potencial de poderem ser catalisadoras de mudança (Wang & Burris, 1997; PhotoVoice.org, s.d.), pelo interesse de si mesmos e não do investigador, numa ótica de permitir a avaliação de necessidades. Ao usarem a fotografia, é fornecida a oportunidade de documentarem a sua própria realidade (Wang, Yi, Tao & Carovano, 1998), revelando-se uma autenticidade que de outra forma não seria possível se fotografada por quem vê, mas não *o vive* (Kowalski, 2013).

Adaptado da educação para a saúde de Wallerstein e Bernstein (1988) e baseado nos princípios propostos por Paulo Freire (2005) sobre a imagem como meio para a potenciação do pensamento crítico, parte daquilo que as pessoas consideram como central nas suas vidas e que identificam como temas comuns. Sendo inspirado mas diferente da fotografia documental e jornalística, trata-se de uma metodologia que oferece a oportunidade de fotografar a pessoas que dificilmente teriam acesso a tal ferramenta, assumindo a capacidade de as poder transformar em sujeitos ativos, diretores das suas próprias intenções e representações. É neste sentido que se trata de uma forma de investigação participativa mas, igualmente, de intervenção pela mudança. Efetivamente,

A aquisição de conhecimento por si só não chega, mantém a ignorância, porque a assimilação de factos sem um contexto e sem uma intenção poderão promover a aquisição de informação, mas não sendo esta processada através de uma análise crítica, torna-se demasiado superficial para construir um conhecimento sobre algo. (Kowalski, 2013: 9)

Não existirá conhecimento nem criatividade sem que haja reflexão. Existem, portanto, alguns conceitos que envolvem transversalmente esta técnica (Wang, 1999). O primeiro é o de que a imagem ensina, ela molda os nossos ideais e a forma como nos vemos a nós mesmo e ao mundo. Talvez por isso mesmo, a imagem exerce também influência no mundo político, podendo alterá-lo, e é usada implicitamente por este fornecendo indicações sobre o que deverão ser os interesses públicos. Ao potenciarmos que os

⁷ No *Ford Foundation-supported Yunnan Women's Representative Health and Development Program*

indivíduos usem crítica e conscientemente a imagem, poderá ser possível moldar políticas públicas e, por isso, as perspectivas fotografadas têm de chegar a políticos e pessoas socialmente influentes. Um último conceito é pois o de que o *Photovoice* enfatiza a ação individual e comunitária.

Dependendo do grupo alvo, existirão diferentes objetivos e resultados na partilha das descobertas decorrentes de um projeto através de *Photovoice* (Palibroda *et al.*, 2009), nomeadamente o desafiar de estereótipos negativos, a captura de atenção e suporte por parte dos *policy-makers*, bem como a sua maior consciencialização sobre os reais problemas de determinada comunidade, podendo ocasionar alterações de leis e políticas. Podendo assumir diferentes propósitos, em diferentes contextos e com os mais variados públicos, Wang e Burris (1997) postulam que o *Photovoice* assume declaradamente três objetivos transversais:

- a) Permitir às pessoas gravar e refletir sobre as potencialidades e preocupações da sua comunidade;
- b) Promover o diálogo crítico e o conhecimento sobre assuntos importantes da comunidade, através do debate em grupo sobre as fotografias; e
- c) Chegar aos autarcas, políticos e outras figuras de importância social.

Procura-se fazer com que vozes sejam ouvidas, por um lado e, por outro, encorajar ao autodesenvolvimento (PhotoVoice.org, s.d.). Trata-se de uma metodologia que, pelas suas características, acaba por motivar uma colaboração mais estruturada entre investigador e participantes, ao mesmo tempo que desenvolve competências pessoais e coletivas para estes documentarem e refletirem sobre as suas próprias realidades (Meirinho, 2015). Em termos sociopolíticos, a envolvência das pessoas com poder de decisão permitirá, pois, uma operacionalização prática mais próxima da realidade e das verdadeiras necessidades das pessoas, para quem o estado social é suposto existir.

A fotografia é uma ferramenta apelativa, relativamente fácil de usar, sendo por isso próxima do ser humano. Como refere Bauret (2000), é através da sensibilidade do olhar que a sensibilidade do espírito se exprime. Assim sendo, múltiplos projetos têm vindo a ser desenvolvidos um pouco por todo o globo e são representativos da utilização do *Photovoice* para trabalhar questões de ordem social complexas. Recorrendo à experiência e perceção dos participantes, que ilustram a realidade segundo as suas próprias visões, promove-se a criatividade e a autonomia. Em quase todos os casos, os participantes

ganharão autoestima (PhotoVoice.org, s.d.). Promove-se a investigação, mas também a participação e a ação de grupos e comunidades, num verdadeiro envolvimento das pessoas em refletirem sobre si mesmas pelo autocrescimento.

Apesar das suas múltiplas vantagens, o *Photovoice* integra naturalmente algumas limitações (Wang & Burris, 1997; Palibroda *et al.*, 2009; Julien, Given & Opryshko, 2013). Fotografar metaforicamente conceitos tão abstratos pode ser extremamente difícil para algumas pessoas. O risco de expor tanto indivíduos, participantes ou não, como questões sociais, pode até originar autocensura. Enquanto ferramenta de investigação continua a poder ser enviesada pelo(s) investigador(es), para além do julgamento pessoal dos próprios atores. Pelas próprias características dos processos participativos, estes podem ainda correr o risco de perpetuarem a desigualdade social que almejam combater. Sendo uma metodologia centrada no uso da imagem, não será necessariamente adequada para pessoas com limitações visuais.

Em Portugal, alguns projetos no domínio do uso da imagem como forma de intervenção têm sido desenvolvidos, investigados e divulgados. O *W2P* (Caballero *et al.*, 2013) é inspirado no Projeto *SenseCam*, que usa uma câmara minúscula para gravar as atividades do quotidiano. Neste programa, as pessoas realizam uma rota fotográfica pela cidade, estimulando-se, primariamente, os processos da memória. Daniel Meirinho (2012; 2015; 2016) tem desenvolvido um importante contributo no contexto português, havendo divulgado o projeto *Olhares em Foco*⁸, onde a fotografia participativa se tornou elemento de representação e reflexão identitária de jovens de diferentes contextos sociais, provenientes de meios desfavorecidos no Brasil e em Portugal. Em Leiria, a *InPulsar*, com o *Giros na Rua*⁹, tem usado o *Photovoice* pela capacitação de determinadas comunidades, nomeadamente com indivíduos em situação de exclusão social. O Projeto *REALidades*¹⁰, em Coimbra, usa o *Photovoice* como forma de intervenção com pessoas idosas. Uma iniciativa intergeracional, promovida pelo Centro Integrado de Apoio Familiar de Coimbra [CEIFAC], que visa fomentar o contacto e a proximidade entre jovens universitários da cidade e pessoas idosas residentes na Alta da cidade. Em Lisboa, a *FOS*, uma associação sócio-cultural que utiliza metodologias participativas no campo da

⁸ Sobre o projeto: <http://olharemefoco.wix.com/projecto#!>

⁹ Projeto descrito na página da *InPulsar*, em <http://www.inpulsar.pt/projetos/giros-na-rua/>; Dissertação de Lisete Cordeiro (2011) sobre o projeto em <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4358>

¹⁰ Website do projeto em: <http://projeto-realidades.pt/>

imagem, desenvolve o projeto *fos – Olho Aberto Olhar Desperto*¹¹ como potenciador da inclusão social e digital.

Um estudo internacional particularmente interessante relacionado com o âmbito do projeto aqui desenvolvido foi o de Lewinson, Robinson-Dooley e Grant (2012), que implementaram um programa de *Photovoice* junto de pessoas idosas que viviam numa residência assistida. Os referidos autores optaram por esta metodologia por considerarem uma forma efetiva de investigar o que os sujeitos consideravam que seria importante, a nível das instalações, para que se sentissem mais «em casa». A partir deste estudo perceberam, por exemplo, que os aspetos estéticos tinham muito menos importância do que o desenvolvimento de atividades com sentido, bem como a perceção de inclusão social. Para além destes domínios gerais, pelo facto de estarem a trabalhar pela perspetiva dos próprios residentes, conseguia ainda detetar pormenores funcionais que, para os participantes, eram de enorme importância e sobre os quais os mesmos conseguiram propor possíveis sugestões.

A imagem generalizou-se e, quotidianamente, somos levados a usá-la, decifrá-la e interpretá-la. Não obstante o automatismo do mundo digital contemporâneo, a imagem fotográfica é mais do que um produto da máquina; ela reflete uma escolha significativa do fotógrafo, que influencia determinantemente o seu resultado. Implementar a fotografia participativa é dar oportunidade a que se escutem pontos de vista, vozes, lutas, valorizando o que verdadeiramente se pensa e o que realmente se sente.

¹¹ Página do Facebook em <https://www.facebook.com/fos.fotografiaparticipativa/>

CAPÍTULO II: DESENHO DO PROJETO

A importância da Educação Artística e da aproximação de públicos às artes, em geral, é um tema que não é recente. No documento “A Educação Artística e a Promoção das Artes, na Perspectiva das Políticas Públicas”, publicado em 2000 pelo Ministério da Educação, o Eixo 4 desta publicação refere-se precisamente à importância de “formar públicos”, independentemente das suas características (nomeadamente a idade), proporcionando-se formas e possibilidades de contacto com a cultura, numa aprendizagem contínua e ao longo da vida. Por outro lado, a velhice passou a ser assumida não necessariamente como uma derrota mas como oportunidade; uma fase do desenvolvimento de enormes ganhos.

Estes ganhos em anos de vida produzem alterações na existência humana, presente e o futuro, e exigem novos comportamentos, estilos de vida, expectativas e valores obrigando a um questionamento sobre representações sociais estereotipadas e a ter em conta a explosão de singularidades, no âmbito do direito inclusivo. Não se olvida portanto, as pessoas idosas em situação de pobreza e, ou exclusão social. Se, por um lado, existem pessoas idosas autónomas, que participam ativamente na vida familiar, comunitária e social, por outro, há pessoas que estão condicionadas pelas situações de pobreza, incapacidade, doença e, ou isolamento. As iniciativas devem assim, abranger estas diferentes dimensões e a proteção social deve prioritariamente, responder às situações de maior vulnerabilidade. (Governo de Portugal, 2012: 5)

A própria OMS (2002; 2015) alerta para a valorização das pessoas idosas enquanto fonte de importantes contribuições para a sociedade. Mais, assume que o novo paradigma encara, igualmente, a aprendizagem como algo que diz respeito e pertence a todas as idades, e que o suporte para tais oportunidades deve ser garantido. As pessoas idosas mantêm a sua capacidade para aprender, crescer e tomar decisões, estando com isto implicados múltiplos processos, envolvidos na manutenção de um envelhecimento saudável. E, através de atividades criativas, pessoas mais velhas podem melhorar o seu sentido de *self* (Flood & Phillips, 2007).

A fotografia é fruto da própria natureza (Vega, 2004); é testemunho artístico, jornalístico e social, cada vez mais acessível, continuando a acompanhar o Homem desde há séculos até um tempo provavelmente eterno. Com um carácter único de captação do momento, a fotografia possibilita a transmissão de emoções de uma forma especialmente singular.

2.1. IDEIA DE PARTIDA

O processo de envelhecimento é efetivamente caracterizado por determinadas perdas e alterações (Lamas & Paúl, 2013). O reconhecimento e aceitação de tais limitações poderão assumir, por isso, um papel fundamental na promoção do bem-estar e qualidade de vida destas pessoas. Além destes aspetos, a entrada num *lar* comporta sempre a ameaça da identidade e da individualidade do idoso, forçado a enfrentar condições de vida de maior dependência e alterando, para melhor ou pior, a sua perceção de bem-estar. Neste enquadramento, as atividades de animação sociocultural têm vindo a ser consideradas de enorme pertinência (Jacob, 2007), essenciais na promoção de experiências de resgate da identidade da pessoa institucionalizada (Sousa, 2014). Forma privilegiada de promoção da mudança social (Serrano, 1997), provavelmente especiais na atuação junto de pessoas a residir em «lares», possivelmente descontextualizadas daquilo que consideram «casa».

Acredita-se que o uso da fotografia auxilia a comunicação de significados, difíceis de serem expressados verbalmente (Neiva-Silva & Koller, 2002). A fotografia captada por alguém pertencente à própria comunidade reflete também uma aproximação ao real que não se conseguiria se tirada por alguém de fora (Kowalski, 2013). Para além do mais, investigações qualitativas têm a potencialidade de contribuir com informações mais ricas (Silva, 2009), aumentando a probabilidade de se gerarem programas de intervenção mais apropriados e eficazes. Nasce, daqui, a ideia deste projeto.

2.1.1. CONTEXTO DE IMPLEMENTAÇÃO: DESTINATÁRIOS

Segundo o relatório preliminar dos Censos 2011 (INE, 2011), que indica que a população idosa representa quase 20% da total, a zona centro do país, a seguir ao Alentejo, é onde se assinala uma maior percentagem de pessoas com mais de 65 anos registando-se, à altura, um índice de envelhecimento nacional de 129 idosos para cada 100 jovens e, na zona centro, 164. É no concelho de Óbidos e, por conveniência e numa primeira instância, A-dos-Negros, que se insere este projeto.

Óbidos¹² é um pequeno concelho situado na zona Oeste, junto à costa litoral portuguesa. Com cerca de 141 km², é composto por sete freguesias e tem vindo a demarcar-se pela sua aposta na inovação, tanto a nível educacional como cultural. Das antigas nove freguesias, A-dos-Negros é a terceira com mais residentes, a segunda com maior número de habitantes com mais de 65 anos. Numa freguesia cujos lugares se tornam dispersos, a população acaba por se encontrar distante entre si, sendo frequentes as situações de isolamento geográfico.

A Associação de Desenvolvimento Social da Freguesia de A-dos-Negros [ADSFAN]¹³ é uma Instituição que conta com mais de 20 anos de existência, tendo sido registada como IPSS em 1994. Assume, atualmente, a responsabilidade de gerir as valências de Serviço de Apoio Domiciliário [SAD], Centro de Convívio, Cantina Social e Estrutura Residencial para Pessoas Idosas [ERPI], sendo nesta última a sua sede. Com 23 vagas em ERPI/Lar e 42 outras em SAD, habitualmente lotadas, a sua equipa é composta por cerca de 44 colaboradoras, que, entre todos os serviços, prestam cuidados a mais de 100 famílias na sua totalidade.

Numa perspetiva ampla, os destinatários deste projeto são os utentes de Instituições Particulares de Solidariedade Social de apoio à pessoa idosa, dentro dos vários serviços que prestam. Enquanto beneficiários indiretos, toda a comunidade envolvente. Tem sido recomendado que o tamanho do grupo dependa das características do mesmo, sendo que deverá incluir entre 6 a 12 participantes (Yalom, 2005 *cf.* Lima & Oliveira, 2015), idealmente, entre 7 a 10 (Wang, 1999), nunca mais de 15 (PhotoVoice.org, s.d.).

2.1.2. OBJETIVOS GERAIS DO PROJETO

Unindo as ideias basilares anteriormente apresentadas, em particular, a de dar voz às pessoas alvo da intervenção e a de se adaptarem os projetos criativamente às necessidades do grupo, a fotografia e, em especial, a metodologia *Photovoice*, parecem encaixar com perfeição como uma das respostas possíveis ao problema em questão. O objetivo não é

¹² Para mais informações, consultar <http://www.cm-obidos.pt/>

¹³ Atual website da Instituição em <http://adsfan.webnode.pt/>

resolver *problemas*, passará, sim, por potenciar capacidades e competências criativas, valorizando a identidade e a vontade de cada um.

Dentro desta lógica de pensamento, este projeto pretende compreender melhor o que a pessoa idosa considera como importante para o seu bem-estar e de que forma a percepção de bem-estar de uma pessoa idosa é influenciada pela sua participação num programa de *Photovoice*. Em última instância, procura investigar de que forma esta metodologia pode ser utilizada enquanto ferramenta terapêutica, num contexto de promoção da saúde mental, bem-estar e qualidade de vida. Assim sendo, irá assumir enquanto objetivos:

- Implementar um programa de *Photovoice* junto de idosos clientes da ADSFAN, disponibilizando aos participantes uma nova atividade, ao ensiná-los a usar a fotografia como forma de expressão;
- Aferir, ao longo do programa, as percepções dos participantes sobre o que consideram importante para o seu bem-estar, através dos dados recolhidos com a ferramenta *Photovoice*, e refletir sobre como a participação no projeto pode influenciar a sensação de bem-estar e qualidade de vida dos mesmos; e
- Fazer chegar tais conclusões aos *decision makers* e à comunidade.

Neste caso, pretende-se fazer chegar os resultados, em primeira instância, à direção da Associação em análise, pois é quem diretamente toma decisões que vão influenciar o bem-estar dos utentes desta instituição em particular. Numa perspetiva mais alargada, pretende-se vir a chegar à esfera política do concelho (Junta de Freguesia de A-dos-Negros e Câmara Municipal de Óbidos - Pelouro da Ação Social, Programa “*Melhor Idade*”), uma vez que existe já algum investimento em termos de ações para a população envelhecida e estas poderão ser, eventualmente, redirecionadas. Em última análise, pretende-se combater o isolamento social e a desesperança na velhice, alertando a população em geral para o que são as reais necessidades das pessoas mais velhas, neste caso institucionalizadas, almejando-se igualmente a desconstrução de eventuais preconceitos discriminatórios.

2.2. METODOLOGIA: DIRETRIZES DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO

Qualquer investigação levanta questões morais e éticas. Especialmente com pessoas, a própria escolha do tipo de investigação determina a natureza dos problemas que se podem colocar (Fortin, Prud'homme-Brisson & Coutu-Kulczyk, 1999).

A fotografia é uma ferramenta fiel, fácil e rápida, já referia Davanne em 1889 (*cf.* Vega, 2004). Cada vez mais barata e acessível a todos, a sua potencialidade para a intervenção com grupos é imensa. A investigação-ação, proposta pelo *Photovoice*, é uma abordagem que promove a mudança social através da investigação empírica, em que participantes colaboram ativamente nas diferentes fases que compõem a planificação, ação e avaliação da intervenção (Wang & Burris, 1997; Wang, 1999; Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2014). Tal como refere Guerra (2002), trata-se de um género de pesquisa que representa mais do que a mera recolha de informação e que considera os sujeitos como seres participantes na investigação, objetos e sujeitos do conhecimento, num processo continuado e com um ponto de partida num problema real, concreto, e não em teorias ou hipóteses. O investigador deixa de ser mero observador, mantendo o foco no processo e não no resultado, no particular ao invés da generalização, num “processo activo, sistemático e rigoroso de indagação dirigida” (Serrano, 2011: 328).

Esta dimensão participativa, de *empowerment*, faz com que o tópico investigado realmente importe à população, o que se torna particularmente interessante com a população idosa (Blair & Minkler, 2009). Simões (1990 *cf.* Coutinho, 2011) refere que tal investigação terá sempre um triplo objetivo: produzir conhecimento, modificar a realidade e transformar os atores. Um tipo de investigação que “impede a rotinização e a repetição de “receitas” (Guerra, 2002: 52), permitindo a inovação idiossincrática, a produção de mudança e a formação de competências. Importa, portanto, o processo, tendo como objeto a reflexão sobre a ação (Serrano, 1997: 111):

A investigação-ação orienta-se para o aperfeiçoamento mediante a mudança e para a aprendizagem a partir das consequências das mudanças: é participativa; segue uma espiral de ciclos de planificação, acção, observação e reflexão; é um processo sistemático de aprendizagem orientado para a práxis; exige que esta se submeta a prova e permite dar uma justificação conclusiva do trabalho sociocultural, mediante uma argumentação desenvolvida, comprovada e criticamente examinada.

De uma forma geral, o *Photovoice* é uma metodologia muito preparada para a área social, caracterizada pelo seu dinamismo, perspectiva reflexiva e crítica, e de maior proximidade para com o objeto de estudo, arrogando assim um caráter assumidamente transformista (Coutinho, 2011), acabando por ser considerada como uma ferramenta de investigação essencialmente qualitativa. Enquanto instrumento que permite o diagnóstico de necessidades, o *Photovoice* integra em si diferentes ferramentas de apreciação, aglomerando diversas vantagens (Wang & Burris, 1997), sendo uma das principais o facto de possibilitar «ver o mundo» pela própria ótica daqueles que são objeto de investigação, muitas vezes parte de populações vulneráveis e pouco instruídas, juntando à fotografia participativa a avaliação colaborativa numa robusta mas fácil forma de comunicação.

2.3.1. ASPETOS ÉTICOS E DEONTOLÓGICOS: AUTORIZAÇÕES E CONSENTIMENTO INFORMADO

O garantir de questões éticas é sempre primordial no planeamento de um projeto, especialmente se este implicar a intervenção (e relação) com seres humanos. Mesmo pelo bem do conhecimento, existe um limite que deve sempre ser garantido: o do respeito pelos participantes e da manutenção da sua segurança, dignidade e liberdade.

A obtenção de consentimento informado é obrigatória, e tudo deve ser bem explicado aos participantes (Bogdan & Biklen, 1994; Fortin, Prud'Homme-Brisson & Coutu-Wakulczyk, 1999; Wang, 1999; Marques, Pais-Ribeiro, Alves & Neves, 2010), voluntários, nomeadamente o tipo de atividades que irão ser desenvolvidas e seu significado, objetivo, potenciais riscos e benefícios, natureza voluntária da ação, possibilidade de desistência a qualquer momento sem repercussões e compreensão de que nenhuma fotografia que implique sua identificação será divulgada sem uma autorização própria para tal [Anexo I]. A obtenção de consentimento formal junto da própria Instituição, tanto para a implementação do projeto como para os espaços físicos poderem ser fotografados, é igualmente indispensável [Anexo II].

É fundamental que todos entendam que é essencial atender a questões éticas relativas a quem é fotografado (Wang & Burris, 1997). É preciso alertar que, para que fotografias escolhidas onde apareçam terceiros possam ser publicadas, existe uma autorização própria [Anexo III]. As fotografias, apesar de inseridas num projeto com momentos

públicos, pertencem unicamente aos participantes (Wang & Burris, 1997). As autorizações para que as mesmas sejam divulgadas, de uma forma geral, e acompanhadas de textos baseados nos relatos produzidos durante as sessões, devem ser igualmente concedidas (Wang, 2006).

Assim sendo, esta investigação compromete-se a garantir os cinco direitos fundamentais determinados pelos códigos de ética, sejam, o direito à autodeterminação, à intimidade, ao anonimato e à confidencialidade, à proteção contra o desconforto e prejuízo e, por fim, a um tratamento justo e leal (Fortin, Prud'Homme-Brisson & Coutu-Wakulczyk, 1999).

2.3.2. AVALIAÇÃO E MONITORIZAÇÃO

Sobre a avaliação de programas de intervenção e animação sociocultural, Serrano (1997) refere a necessidade de se promover uma tomada de consciência para responsabilidade de se refletir, para melhorar, a própria atividade.

A fotografia pode ser vista como passível de ser instrumento de avaliação na sua capacidade de produzir evidência, seja ela suscetível ou não de manipulação (Winston, 1998). No entanto, as narrativas partilhadas serão o principal foco de análise. Tratando-se de uma investigação qualitativa, o foco incide sobre descrições detalhadas do processo, situações e pessoas, interações e comportamentos, (observáveis), importando o que os sujeitos dizem, as suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões, tal como eles próprios as expressam (Serrano, 2011). As técnicas que irão ser usadas incluem: observação participante, entrevista inicial, entrevista final, notas de campo e análise das narrativas enquanto contextualizantes das fotografias obtidas.

2.3.3. INPUTS: PARCERIAS, RECURSOS E LOGÍSTICA

É preciso atender ao facto de a investigação neurocientífica tem revelado que parece haver uma diminuição da capacidade de resposta das pessoas de idade avançada, mas que esta diminuição acontece ao nível da velocidade e não em termos de conteúdos (Fonseca, 2004). Isto significa que, com a idade, as pessoas, desde que sem patologia neurológica, continuam a ser capazes de aprender e fazer, apenas demoram mais tempo, e tal tem de

ser tido em conta. Um projeto de *Photovoice* deve, também, ser criativamente adaptado às necessidades dos seus participantes (Wang & Burris, 1997) na sua adequação às escolhas tecnológicas (Romero, Hyvönen & Barberà, 2012).

Sendo a visão um dos sentidos mais afetados – e a sua perda uma das mais temidas - pela idade (Lamas & Paúl, 2013) é essencial que as câmaras fotográficas sejam digitais, simples e que tenham grandes ecrãs. É igualmente importante que se faça atenção às condições de visualização das fotografias, nomeadamente nas sessões de grupo, em que é aconselhado o uso de um projetor (Wang & Burris, 1997). Alterações ao nível do tato (Lamas & Paúl, 2013) e da motricidade fina também acontecem, sendo por isso ideal que não se usem máquinas demasiado pequenas, por serem mais difíceis de manusear. É importante prestar atenção se a pessoa consegue usar os botões, pelo menos os mais relevantes, nomeadamente o de *on/off* e o de disparo, o que com as câmaras compactas torna-se frequentemente impossível.

Tais condicionantes tornam o orçamento mais exigente. A ADSFAN assume o custo da eventual deslocação dos utentes, quando necessária, bem como dos recursos humanos (integrados no habitual funcionamento da instituição). No entanto, existem recursos que exigem financiamento próprio, nomeadamente a compra do material fotográfico apropriado. A PhotoVoice.org (s.d.) sugere que a procura desse suporte seja feita de diferentes formas, seja através do pedido de doações ou descontos, pela venda através de leilão de fotografias e/ou bens, ou pela organização de outro género de eventos de angariação de fundos.

Facilmente este projeto se torna sustentável a partir da sua primeira edição: os mesmos materiais voltam a ser usados, a nível de logística a própria Associação assume os custos e as exposições dos trabalhos, entre parcerias e angariação de fundos, sustentar-se-ão a si mesmas. É uma luta incansável mas da qual não se deve desistir. Mesmo após a sua implementação, a procura de Parceiros e a divulgação continuarão.

2.3.4. IMPLEMENTAÇÃO: PLANEAMENTO DAS SESSÕES E O PAPEL DO FORMADOR

De processo científico a ato genuinamente lúdico, a fotografia é mensagem, é símbolo, é comunicação. O essencial do ato fotográfico é o olhar (Bauret, 2000).

A fase seguinte deste projeto (Wang *et al.*, 1998; Wang, 1999) passa por apresentar a metodologia aos participantes e facilitar o processo de debate e reflexão, o que não poderá prosseguir sem a obtenção de consentimento informado. Pelas características do público, haverá uma sessão anterior ao início das atividades em grupo (sessão “zero”), em que será explicado com tranquilidade a cada participante, individualmente, o que irá acontecer e o que se encontra escrito no documento que cada um irá assinar. Este primeiro momento funcionará como pré-avaliação e incluirá, portanto: a) explicação pormenorizada do programa; b) entrevista; e c) leitura e assinatura do consentimento informado.

Não existem conteúdos predefinidos a serem implementados num programa de *Photovoice*, precisamente porque estes dependerão, como referido anteriormente, das características do público. Segundo a PhotoVoice.org (s.d.), existem quatro linhas orientadoras dos principais aspetos que as sessões deverão seguir:

- a) Estabelecimento da dinâmica do grupo e determinação dos objetivos;
- b) Introdução à Fotografia;
- c) “Falar” através da Fotografia;
- d) Fortalecimento e personalização da mensagem.

Uma primeira sessão nunca começa com a distribuição de máquinas fotográficas, mas sim com uma introdução ao conceito e metodologia em uso (Wang, 1999). Deve incluir um debate sobre câmaras fotográficas, ética e poder; formas de ver a fotografia; filosofia de devolução das imagens à comunidade como maneira de partilhar e expressar apreço, respeito ou camaradagem (Wang & Burris, 1997). Exemplos de questões podem ser “*Será correto tirar fotografias a alguém sem o seu conhecimento?*”, “*Em que situações nunca desejariam que vos fotografassem?*”, “*A quem gostariam de fazer chegar as vossas fotografias?*”. Regras para o bom funcionamento do grupo (e.g.: respeito, pontualidade, ouvir os outros...) deverão ser estabelecidas e enumeradas, consensualmente pelos próprios participantes logo nesta primeira abordagem.

Nesta fase inicial das sessões, questões técnicas sobre o uso da câmara são também essenciais (Wang & Burris, 1997). Podem-se incluir indicações sobre as partes da máquina, como a proteger, como a usar, quando usar o *flash*, uso da luz, distâncias, noções sobre ângulos e enquadramentos, entre outros (ibidem). Estas noções devem ser trabalhadas de forma leve e não castradora da criatividade. Paralelamente, as pessoas devem ser encorajadas a conhecer e a refletir sobre fotografias internacionalmente

históricas, como exemplificativas de como a imagem pode ser usada no sentido da promoção pela transformação social.

Promover a literacia visual é um objetivo essencial do processo (PhotoVoice.org, s.d.). Arcari (2001) relembra a importância do pormenor na fotografia. O ponto de vista ou enquadramento, como em outras artes, pode ser um modo de exprimir um juízo sobre uma imagem, dado que reflete o nosso modo de ver o objeto, pessoa ou situação (ibidem). Formas alternativas de evidenciar uma situação devem ser estimuladas ao longo de todo o processo. A figura 1 ilustra a organização do projeto por fases, sessões e objetivos específicos.

Fases	Temas	Objetivos
<i>Entrevistas iniciais individuais</i>		Avaliação inicial
I	<i>Apresentação e iniciação do programa; Conceitos Base de Fotografia.</i>	Introduzir a fotografia e o photovoice; Trabalhar a relação entre o grupo.
II	<i>Conceitos Base de Fotografia; Levantar questões, procurar respostas.</i>	Afinar questões técnicas de fotografia; Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa, investigando o bem-estar.
III	<i>Aprofundar questões e respostas; Finalização do projeto.</i>	Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa; Encerrar os trabalhos, levantando apreciações sobre o projeto; Preparar a exposição final.
Inauguração da Exposição e divulgação de resultados		

Figura 1 - Estruturação das sessões por fases

Uma das formas mais comuns de estimular a participação do grupo e potenciar o envolvimento dos participantes é o recurso a jogos, quebra-gelos e outras dinâmicas de grupo (PhotoVoice.org, s.d.). Neste projeto, cada sessão terá sempre início com estas dinâmicas e mais devem ser promovidas ao longo das sessões, potenciando o

divertimento. A escolha dos jogos dependerá da forma como o grupo for aderindo aos mesmos e das necessidades do momento, sendo necessário atender ao que parece resultar melhor consoante a evolução do processo. Dado que não se saberá o que irá acontecer, será perspicaz possuir uma listagem de dinâmicas previamente pensadas (Anexo IV).

Um tema inicial deve ser fornecido e o próprio grupo poderá debater sobre formas de como o fotografar. No entanto, nalguns casos o tema é definido ainda antes do recrutamento de participantes e, nestes casos, é sugerido que o mesmo seja geral o suficiente para não limitar o grupo (Julien, Given & Opryshko, 2013). Neste caso, partir-se-á do tema «bem-estar», pois é esse o propósito da investigação. Seguidamente, serão, então, distribuídas as máquinas fotográficas. Entre sessões, os participantes deverão ter tempo para tirar as fotografias, habitualmente uma semana, e o facilitador deve estar disponível para fornecer apoio durante este espaço – especialmente com esta população. Reunidas tais condições, são desenvolvidos os encontros para debate em grupo de seleção, contextualização e codificação das fotografias captadas ao longo de cada semana.

O propósito da discussão de grupo passa por proporcionar que as pessoas reflitam sobre as imagens que elas mesmas produziram. Assim sendo, é sugerido (Wang & Burris, 1997) que os participantes passem por três fases essenciais, a cada desafio. Primeiro, a própria seleção das fotografias (aquelas que mais refletem a necessidade da comunidade). Depois, a contextualização das mesmas, incluindo as histórias por detrás dos seus significados. Por último, a codificação destas, identificando os temas, assuntos ou teorias que dali emergem. É esta abordagem participativa que fornece múltiplos significados a cada imagem.

Uma fotografia, para ser amplamente apreciada, deve ter em conta os seus valores técnicos e componentes formais (Arcari, 2001), e podem ser encorajadas por profissionais sobre como fotografar além do óbvio numa outra sessão. Não obstante serem necessárias competências base de ensino de fotografia, um facilitador eficaz deve também compreender com clareza o método de discussão-ação proposto por Freire (Wang & Burris, 1997), estimulando naturalmente o pensamento e o debate. Este mesmo autor (Freire, 1979; 2005) defende que a questão não passa pela explicação, mas pelo diálogo sobre a ação, na crença no povo e nas massas com todo o seu potencial reflexivo e gerador de mudança, na crença de que estes são capazes de lutar pela sua própria emancipação, não sendo possível existir diálogo verdadeiro se não houver pensar crítico.

Os desafios são, pois, trabalhados através de questões que são lançadas ao grupo, para que os participantes lhes respondam em fotografia. Cada participante escolhe uma fotografia a ser apresentada e debatida com o grupo durante a sessão seguinte. O uso de videoprojetor, pelo impacto do tamanho da projeção, é aconselhado (Wang & Burris, 1997). As questões deverão procurar expandir as concepções dos participantes sobre fotografia apelando e estando próximo daquilo que sejam as suas emoções mais internas (Ewald, 1985 *cf.* Wang & Burris, 1997). O clima vivido deve ser de suporte.

A interpretação da imagem não é universal (Joly, 2007) e a sua contextualização depende muito dos esquemas e representações mentais daquele que fotografa. Seleccionadas uma ou duas fotografias por questão, o participante pode partilhar o porquê de cada escolha. Para a fase da contextualização, Wang (1999) sugere o seguinte tipo de questões:

- *O que é que vê na foto? / O que é que está a acontecer?*
- *De que forma é que esta imagem está relacionada com a sua vida?*
- *Porque é que este problema / situação / força existe?*
- *O que é que pode fazer para ultrapassar este problema? Do que é que necessita? Como é que se poderia resolver?*

Os autores Lewinson, Robinson-Dooley e Grant (2012) sugerem como estratégia a ser utilizada nos momentos em grupo a metodologia *ORID*, de Stanfield (2000), uma estratégia de discussão e questionamento que consiste em:

- *Objetificar: O que está na fotografia? O que não está na fotografia?*
- *Refletir: O que sente sobre a imagem? De que forma é que a imagem reflete o tema em questão?*
- *Interpretar: Que semelhanças / diferenças existem entre as fotografias dos participantes? Que estória está aqui a ser contada?*
- *Decidir sobre o curso da ação: Que preocupações são eleitas para abordagem? Qual é o plano de ação?*

Gerir um grupo representa uma dinâmica deveras complexa e exige uma atuação cautelosa. Faz parte da humilde responsabilidade do trabalhador social optar pela mudança, mas esta não pertence apenas a *alguns* (Freire, 1979). Notoriamente, o facilitador é um elemento essencial do processo (Wang & Burris, 1997; Photovoice Hamilton Ontario, 2007) e assume em si uma enorme responsabilidade, devendo ser bom

conhecedor do contexto em que pretende intervir. Terá como seu encargo comprometer-se a impulsionar a que o grupo trabalhe efetivamente em conjunto. Por outro lado, é essencial que consiga funcionar como fonte de suporte e de informação, ao mesmo tempo que reduz esta dependência, ou seja, que potencie que os próprios participantes não necessitem de o procurar no processo de resolução de problemas. Para além do mais, como referem Lima e Oliveira (2015), é preciso manter presente que as aptidões comunicacionais e de relação (empática e de suporte) são o mais importante, especialmente em contexto de grupo e com pessoas idosas.

É por isso extremamente importante que um facilitador de um programa deste género receba formação, estude, e receba permanentemente orientação de especialistas. Uma boa facilitação deve (PhotoVoice.org, s.d.):

- Fornecer estrutura e gerir o tempo eficazmente;
- Transmitir novos conhecimentos e competências;
- Reforçar, ajudando as pessoas a reconhecer a sua evolução;
- Encorajar a participação e a partilha;
- Garantir um clima de segurança;
- Fornecer outros pontos de vista;
- Usar técnicas comunicacionais apropriadas;
- Manter-se autoconsciente; e
- Não descurar a intuição.

Como noutra tipo de ações de grupo (Lima & Oliveira, 2015), as técnicas usadas devem servir para investigar o material fornecido e não para provocar informação, potencializando-se a consolidação da aprendizagem e o aumento da responsabilização individual. Reconhecendo o poder político-social que o *Photovoice* assume, o facilitador deve estar sensível a questões éticas, sociais e de poder, em particular relacionadas com o uso da imagem, ser capaz de reconhecer tendências estéticas pessoais e ser capaz de assumir uma postura de suporte independentemente do estilo fotográfico (Wang & Burris, 1997). Para sua própria segurança, e principalmente se dinamizar as sessões sozinho, o facilitador deve procurar *feedback* junto de outras pessoas ao longo de todo o processo, especialmente após cada sessão (Photovoice Hamilton Ontario, 2007).

Rogers (1974) refere que existem algumas condições essenciais ao desenvolvimento da criatividade construtiva. Enumera a importância da *Segurança Psicológica*, conseguida através da aceitação incondicional do indivíduo, do estabelecimento de um clima de não julgamento e da fomentação da compreensão por empatia, e da *Liberdade Psicológica*, no sentido da livre expressão simbólica. Possivelmente relacionadas com estas noções de segurança e a liberdade, existem naturalmente variadíssimas razões para idosos não se sentirem incentivados a usar novas tecnologias, muitas vezes decorrentes de medos e ansiedades ou na crença de que não possuem escolaridade suficiente para aprenderem novos conhecimentos (Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2014). As vantagens do uso de máquinas digitais e computador devem ficar claras para o participante idoso e o seu uso, tanto quanto possível, deve evitar situações geradoras de frustração por enganos no seu manuseamento (Romero, Hyvönen & Barberà, 2012).

As sessões acontecerão uma vez por semana, numa sala que existe dentro do lar, podendo haver alterações pontuais. Serão dinamizadas por uma Psicóloga, mentora do projeto, e deverão ter uma duração não superior a duas horas, incluindo um rápido intervalo para lanche, que se constituirá como momento de sociabilização e de partilhas informais entre os utentes. Pelas condicionantes associadas a este tipo de grupo, as fotografias a trabalhar em cada sessão serão seleccionadas pelos participantes antecipadamente e com a ajuda do facilitador (eventualmente e de forma colaborativa poderão ser inclusive editadas); serão projetadas na parede ou na televisão que se encontra na sala onde acontecerão as sessões, por ser grande e de boa qualidade. As fotografias escolhidas serão debatidas pelo grupo, dando-se espaço para críticas e sugestões, desde que respeitadoras e construtivas. Foram previstas entre 10 a 12 sessões, consoante o decorrer do processo e as necessidades evidenciadas.

2.3.5. *OUTPUTS: A APRESENTAÇÃO FINAL DE TRABALHOS*

A imagem transmite e provoca um significado hipotético através da combinação entre a realidade do fotógrafo e as interpretações do observador (Griebling *et al.*, 2013; Martin, 1987). Tal como qualquer outra forma de arte ou literatura, a fotografia assume uma mensagem, um significado, que só existe plenamente se for fruída por um leitor que lhe dê interpretação, recriando-a, reconstruindo-a (Bauret, 2000).

A divulgação final dos trabalhos é de enorme importância. Ela deve ser preparada pelos próprios participantes, com pouca diretividade por parte do dinamizador do projeto, assumindo-se como verdadeira ferramenta de *empowerment*, de comunicação à sociedade daquilo que a pessoa idosa tem a dizer e de agitar de consciências. Com a ajuda do facilitador, pode ser organizada uma exposição fotográfica, ou outra forma de apresentação ao público (Wang, 1999), onde toda a comunidade é convidada, mantendo-se sempre um registo cooperativo entre técnicos e participantes.

A exposição fotográfica final é de enorme pertinência ao trazer à tona histórias e representações dos participantes, acabando por poder gerar mudanças comunitárias significativas, apoiadas pelo sentimento de união e força que entretanto tenha sido criado ao longo do trabalho, possibilitando benefícios tangíveis e imediatos. Ajuda, assim, a informar e organizar os membros da comunidade, por forma a que estes priorizem as suas preocupações e debatam os assuntos que os preocupam no sentido de encontrarem novas soluções (PhotoVoice.org, s.d.; Wang & Burris, 1997). Esta exposição poderá capacitar os participantes a trabalharem com as pessoas que os rodeiam, bem como com os dignatários locais, o que lhes dá um forte sentido de realização, posse e poder, ganhando os problemas da comunidade uma escala alargada, aumentando as possibilidades pela sua resolução.

2.3. IMPACTO SOCIAL: GANHOS PARA A COMUNIDADE

Necessariamente, alguns elementos integram esta metodologia (Wang & Burris, 1997), nomeadamente a necessidade de estar presente a construção de condições para a ação, ou seja, potenciar que as informações recolhidas sejam transformadas em mudança, por exemplo, criando grupos de discussão que reúnam e façam chegar material aos agentes de mudança.

Os fatores diferenciadores deste projeto englobam: a) a promoção da qualidade de vida dos clientes deste género de instituições através de metodologias artísticas, motivadoras e atrativas, levando-os a refletir e produzir um processo de transformação e mudança interna em diferentes dimensões; b) a estimulação criativa e reflexiva dentro de uma atividade ocupacional nova e diferente, financeiramente pouco exigente; c) o facto de se

procurar intervir com uma parte substancial de pessoas idosas que muitas vezes não são incluídas neste género de projetos.

No seu último documento publicado (2015), a OMS refere algumas barreiras identificadas no processo de facilitação do envolvimento das pessoas idosas numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida. Com este projeto, será possível contribuir para o combate a tais barreiras, enumeradas no referido documento (pp. 175 - 179):

- Desafiando atitudes negativas e estereótipos em relação ao envelhecimento;
- Aumentando a literacia (neste caso, artística e digital) de pessoas mais velhas;
- Investindo em oportunidades de aprendizagem e crescimento ao longo da vida;
- Facilitando o poder de escolha

Não é possível deixar de acrescentar que o facto de outras pessoas poderem contemplar os resultados de um projeto destes significa poder olhar para o outro de outras formas, percebendo o seu potencial, as suas características positivas e o seu verdadeiro valor. Perceber o que jovens provenientes de contextos violentos têm a dizer sobre as suas vidas, encontrar qual o olhar de crianças órfãs sobre o mundo, acreditar nas capacidades criativas de pessoas com deficiências, perceber a angústia daqueles com doenças mentais, ouvir as vozes de mulheres vítimas de violência, entender como a pessoa idosa vê realmente a sua vida são apenas alguns exemplos das mais variadas áreas de possível influência. Esta lado ativo de participação na comunidade forma cidadãos conscientes do seu papel e da sua importância, e desbloqueia diferenças no olhar o outro, começando a vê-lo como mais um elo de força na contenda pela melhoria do bem comum. É essencial que, num mundo que se deseja mais justo e igualitário, continuemos a lutar pela quebra de preconceitos e estereótipos, acreditando que todos temos muito a dar e receber, a aprender e ensinar, e que tal só pode acontecer através de relações verdadeiramente empáticas e de pura aceitação.

Espera-se, acima de tudo: fazer com que os participantes se sintam melhor, mais felizes, e despertar a comunidade para as vantagens de se perceber que o envelhecimento é muito mais do que a espera pela morte.

CAPÍTULO III: RESULTADOS

Refere Fonseca (2004: 183) que “se ninguém nos diz totalmente como devemos crescer, também ninguém determina completamente o nosso envelhecimento”. É provavelmente consensual que muito haverá a fazer pela promoção do bem-estar de pessoas idosas.

A arte, área indispensável ao desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do indivíduo, articula imaginação, razão e emoção e assume-se como um factor transversal e enriquecedor da vida. (Rodrigues, 2011: 14)

“Todos os seres humanos têm potencial criativo. A arte proporciona uma envolvente e uma prática incomparáveis, em que o educando participa activamente em experiências, processos e desenvolvimentos criativos.”, tornando as suas aprendizagens mais relevantes (UNESCO, 2006: 6). É necessário reconhecer-se que a aprendizagem é uma necessidade de todas as idades (Formosa, 2013; OMS, 2015; Osorio, 2008), e que na sua origem estará a tendência do indivíduo em se autorrealizar (Rogers, 1974), devendo-se potenciar que as oportunidades de desenvolvimento pessoal e de aquisição de conhecimentos estejam também ao alcance das pessoas de idade avançada (Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2014), pelas vantagens económicas, pela promoção da neuroplasticidade e da saúde e pela dignidade e bem-estar de todos nós. Pelo tipo de intervenção e pesquisa que se procura, onde o procedimento representa, por si só, parte integrante dos resultados, os dados aqui espelhados são de natureza puramente descritiva e, portanto, é inconclusivo perceber quais as verdadeiras diferenças adquiridas com a implementação do projeto junto dos participantes. Não obstante, tal esforço de avaliação deverá ser mantido, num espírito de abertura e flexibilidade incessante.

3.1. PROCEDIMENTO: DESCRIÇÃO DE RESULTADOS

O conceito de velhice é demasiado generalizado; as suas representações e categorias nem sequer correspondem mais à realidade social da idade (Cardoso et. al., 2012). Não obstante, não deixou de ser comum ao longo de toda a intervenção a noção de «incapacidade», verbalizada inúmeras vezes pelos próprios participantes em frases tais como «nunca pensei que seria capaz, com esta idade, depois de velho»

A implementação deste projeto durou, desde o seu desenho até ao tratamento dos resultados, cerca de um ano. Este período incluiu a recolha bibliográfica de informação, o planeamento da intervenção, a procura de financiamentos, a organização de eventos de angariação de fundos, a seleção dos participantes e a concretização das entrevistas iniciais, a definição e implementação das sessões, a exposição final de trabalhos, a recolha das entrevistas finais, o tratamento dos dados e a divulgação de resultados. No que toca à implementação das sessões, esta aconteceu ao longo de 10 semanas, de 29 de abril a 8 de junho de 2016, num total de 14 sessões em grupo, mais o fim de semana de inauguração da exposição (a 9 de julho) [ver cronograma Anexo V].

Cada participante teve sempre a seu cargo, de forma autónoma, uma máquina fotográfica, desde a primeira sessão até um mês depois da exposição. As sessões [Planos: Anexo XI] aconteceram em horário predefinido, numa sala específica, destinada ao convívio dos utentes de lar e a visitas, mas que era unicamente usada para as sessões durante as mesmas. A sua duração variou entre os 80 e os 120 minutos. Nem sempre os horários e as datas previstas foram cumpridos, impondo-se por vezes alterações, devido a constrangimentos de ordem prática que se forçam, naturalmente, pelo habitual funcionamento de uma associação desta ordem. Por vezes, aconteceram também algumas interrupções, inevitáveis, sobre as quais os participantes nunca referiram constrangimentos.

Regra geral, todas as sessões tiveram início com dinâmicas de grupo, como forma de promover a relação entre os participantes e estimular a atenção e a concentração. Estes momentos constituíram-se também como forma de quebrar o gelo, divertir e animar, havendo sido geridos e adaptados sessão a sessão, não raramente alterados na circunstância da sua realização. Seguidamente, eram trabalhados os objetivos da sessão em si. As sessões, com intervalo para lanche, terminavam, por norma, com: 1) o resumo da sessão; 2) a delineação do objetivo a ser fotografado até à sessão seguinte; 3) e um momento de partilha, em que cada participante e dinamizador refletiam sobre o “mais importante” da sessão.

As fotografias captadas pelos utentes, inicialmente, eram triadas antes, em conjunto com o facilitador. Posteriormente, passou-se a visualizar todas as fotografias em conjunto com todo o grupo durante o decorrer das sessões, numa televisão que existe na sala. Nenhuma fotografia aqui exposta sofreu qualquer tipo de arranjo digital.

O programa incluiu, como referido, momentos individuais, nomeadamente as entrevistas iniciais, realizadas na semana da primeira sessão, e as finais, um mês após a última. Relativamente aos participantes, três nunca faltaram a nenhum momento e tiraram sempre fotografias entre sessões. Apenas um faltou a quatro sessões e não aderiu a cerca de metade dos desafios. Todos estiveram presentes na inauguração da exposição do projeto.

3.1.1. INSTITUIÇÃO, PARCEIROS E PARTICIPANTES

Como previsto, a implementação deste projeto aconteceu na ERPI da Instituição ADSFAN. Sendo uma entidade sem fins lucrativos, os seus recursos tornam-se limitados e muito dependentes dos apoios públicos. Para a compra do material fotográfico, adivinhava-se imprescindível recorrer ao estabelecimento de parcerias, havendo sido concretizados pedidos formais de financiamento. Muito foi feito neste sentido, mas poucos foram os resultados. Mais de quatro dezenas de entidades foram contactadas ao longo de oito meses. Nenhuma deu, até ao momento, resposta efetiva.

A compra de parte do material fotográfico conseguiu-se, assim, com a organização de um evento solidário, em parceria com um espaço comercial noturno, o que incluiu petiscos e atuações musicais como atrativo [Anexo VI]. Foi possível, com este dinheiro, comprar duas máquinas fotográficas, pilhas e cartões de memória; outras duas máquinas, em segunda mão foram doadas por um privado. A exposição final foi feita com a parceria da Junta de Freguesia de A-dos-Negros, que possibilitou todo o apoio logístico para que a mesma pudesse acontecer. Nos dois casos, uma pessoa particular ofereceu os seus serviços de *design* para o material de divulgação [alguns materiais em Anexo VII].

O contexto de intervenção grupal parece ser proporcionador de um ambiente de interação social, apoio empático e validação por parte dos pares, o que potencia vantagens emocionais particularmente importantes para pessoas de idade avançada, especialmente quando isoladas (Lima & Oliveira, 2015¹⁴). O número da amostra acabou por estar limitado à quantidade de máquinas fotográficas angariadas, mas também à disponibilidade do grupo à altura. Isto por ser importante que os voluntários estivessem

¹⁴ As autoras citam os «11 princípios da terapia de grupo» de Irvin Yalom: dar esperança, universalidade, partilha de informação, altruísmo, recapitulação corretiva, desenvolvimento de aptidões pessoais, comportamento imitativo, aprendizagem interpessoal, coesão grupal, catarse e aspetos existenciais.

minimamente autónomos, sem problemas de saúde de maior e sem diagnóstico de demência ou outro tipo de perturbações mentais invalidantes. Para esta implementação do projeto foram quatro os participantes selecionados, residentes na ERPI da ADSFAN. A figura 2 apresenta os principais dados biográficos dos mesmos.

A1	<ul style="list-style-type: none"> • Nasceu em 1930 – tem 86 anos • Género feminino; divorciada • Baixo nível de escolaridade, não sabe ler nem escrever • Foi empregada doméstica • Residia no concelho de Caldas da Rainha • Fraca rede familiar (tem uma sobrinha próxima) • Vive no lar há pouco mais de ano e meio
A2	<ul style="list-style-type: none"> • Nasceu em 1931 – tem 84 anos • Género masculino; viúvo, dois filhos • Aprendeu a ler e escrever • Trabalhou toda a vida na agricultura • Residia na localidade onde se situa o lar (A-dos-Negros) • Rede familiar afastada (geograficamente) • Vive no lar há cerca de 2 anos e meio
C1	<ul style="list-style-type: none"> • Nasceu em 1930 – tem 86 anos • Género feminino; viúva, 3 filhos, vários netos • Baixo nível de escolaridade, não sabe ler nem escrever • Trabalhou na agricultura e como doméstica • Residia na freguesia de A-dos-Negros • Rede familiar próxima • Vive no lar há cerca de ano e meio
C2	<ul style="list-style-type: none"> • Nasceu em 1927 – tem 88 anos • Género feminino; viúva, 4 filhos, vários netos • Baixo nível de escolaridade, não sabe ler nem escrever • Trabalhou na agricultura e como doméstica • Residia no concelho de Caldas da Rainha • Rede familiar próxima • Vive no lar há cerca de um ano

Figura 2 - Caracterização da Amostra: principais elementos biográficos

Embora nem em todos os casos exista uma rede de proximidade, quando possível, as famílias foram contactadas sobre a participação dos seus familiares no projeto. No entanto, foram os próprios que consentiram e autorizaram a sua participação, por estarem lúcidos, orientados e sem alterações de memória evidentes.

3.1.2. DADOS SOBRE A FASE INICIAL

Antes de dar início à implementação das sessões, foram efetuadas algumas conversas informais com parte dos utentes que, à altura, residiam na ERPI da ASFAN, procurando-se, aqui, pré selecionar potenciais interessados. Foi, ainda, possibilitado que os mesmos experimentassem, autonomamente, máquinas fotográficas sem grandes indicações. Neste sentido, houve a preocupação não só de perceber quem teria interesse em participar mas, igualmente, em que os mesmos não apresentassem, ao momento, alterações patológicas tanto a nível cognitivo como emocional e que, de alguma forma, mantivessem alguma autonomia e independência em termos da sua mobilidade.



Figura 3 - Exemplos de fotografias tiradas pelos utentes na fase prévia

A implementação teve início efetivo com a realização de entrevistas aos futuros participantes, dias antes da primeira sessão. As mesmas aconteceram de forma individual, num gabinete adequado, aproveitando-se o momento para explicar mais detalhadamente o programa, bem como para a obtenção de consentimento informado (anteriormente referido e em Anexo). As entrevistas, com a autorização dos mesmos, foram gravadas (som) e seguiram uma estrutura flexível, semi-dirigida, por forma a atender às necessidades de partilha e ventilação de cada um. Neste primeiro momento, pretendeu-se, então, dar a conhecer o projeto e atender a dúvidas, por um lado e, por outro, compreender o tipo de ligação de cada participante à imagem e à fotografia, recolher informações sobre o que cada pessoa entendia como o mais importante para o seu bem-estar (em particular, integrando na vivência residencial de lar) e perceber se a participação em determinado tipo de Atividades de Desenvolvimento Pessoal [ADP] influenciaria a sua perceção de bem-estar [ver questões Anexo VIII]. De forma geral, é possível afirmar que todos os participantes aparentavam estar orientados, motivados e colaborantes

durante as entrevistas iniciais. Em média, a duração de cada uma foi de 25 a 30 minutos [Anexo IX].

Relativamente à ligação à fotografia, nenhum participante havia tirado fotografias antes de vir para o lar. Para além do mais, notou-se que as respostas centraram-se muito no entendimento da fotografia enquanto retrato. Alguns lembraram o passado, quando eram recebidos pelo fotógrafo profissional, ou então falavam sobre fotografias dos seus familiares, sugerindo-se memórias simbólicas sobre tais ocasiões. Todos os participantes referiram que gostariam de vir a aprender a tirar fotografia, sendo esta atividade vista como “*uma brincadeira*” (cit. Participante C1). Todos colocaram dúvidas sobre se viriam a ser capazes de tal. Nenhum conseguiu precisar por que motivo gosta de fotografar.

Quanto ao que consideraram importante para o seu bem-estar, todos os participantes referiram dificuldade em responder a tal questão. A família é uma constante, menos com o participante A1, onde não existem mesmo familiares diretos presentes. Todos, sem exceção, referiram dois aspetos comuns: i) não ter dores, ou determinado problema físico (saúde); ii) serem bem tratados e darem-se bem com todos (relacionamentos).

No que toca à vivência de cada um dos participantes em lar, houve um aspeto mencionado por alguns: a preocupação em relação à troca e perda de roupas pelo serviço de roupa/lavandaria do lar. Comum a todos, novamente, a relação com o outro surgiu como importante. Não obstante terem mencionado alguns aspetos que, para cada um, são importantes no lar, ou até sobre o que mudariam, todos referiram dificuldade em responder (e.g.: “*isso é que eu não sei*”, cit. Participante A2). Relativamente à participação em atividades, todos consideraram que a mesma é importante para o seu bem-estar sem que, no entanto, conseguissem com segurança responder o porquê. A maioria conseguiu enumerar algumas atividades em concreto, mas com dificuldade. Em todos, a dor e os problemas de saúde foram os impedimentos que apontaram como justificando a sua menor participação [ver Anexo X].

3.1.3. DADOS DAS SESSÕES: PRIMEIRA PARTE

Por uma questão de estruturação, os resultados foram analisados à luz de cada fase de implementação do programa. A primeira fase de sessões teve, tal como sugerido pelos autores supramencionados, os principais objetivos de, por um lado, treinar a fotografia,

na sua captação e leitura, apreendendo algumas competências chave, por outro, promover a interligação e a coesão ente o grupo.

A primeira sessão aconteceu a 29 de abril. As dinâmicas inicialmente pensadas tiveram que ser, desde logo, ajustadas ao grupo. Tornaram-se evidentes algumas dificuldades de memória ao nível da atenção e da retenção, bem como da evocação. Não obstante, os participantes mantiveram-se aparentemente motivados e divertidos, principalmente depois de experienciarem em conjunto estes primeiros jogos. No que toca à explicação da metodologia e debate sobre possíveis objetivos de um programa de *Photovoice*, o entendimento enalteceu algumas limitações: os participantes ouviam com atenção, mas não era óbvio que compreendessem efetivamente o que lhes estava a ser dito/pedido. Nesta sessão, o uso de fotografias captadas por vários autores como exemplo e enquanto indutor de identificações proporcionou momentos de grupo criativos. Não obstante, as respostas de todos os participantes ao longo de toda a sessão mantinham-se pouco desenvolvidas, e muito similares entre si (como, por exemplo, relativamente ao “mais importante” da sessão, todos

deram respostas semelhantes, no domínio de «é estar aqui»). O participante A2 evidenciou maior facilidade em compreender o que estava a ser pedido, tal como traços de maior autonomia em relação aos colegas; a participante C2 mostrou maiores dificuldades de compreensão.



Figura 4 - Participantes da primeira implementação do projeto de Photovoice na ADSFAN, fazendo "caretas" durante a primeira sessão

A segunda e terceira sessão aconteceram a 5 e 12 de maio, respetivamente. Ambas decorreram com leveza e os elementos aderiram bem às propostas. Da primeira para a segunda sessão, apenas o Participante A2 cumpriu conscientemente os dois objetivos, sendo o primeiro tirar retratos a outras pessoas e o segundo fazer um autorretrato; os restantes três cumpriram apenas o primeiro desafio, não ficando claro se por perceberem que esse era o desafio, se por sua própria vontade.

Esta sessão aconteceu dentro dos mesmos moldes que a primeira, aproveitando-se para se treinar aquele que seria o desafio seguinte (fotografar um mesmo objeto de diferentes maneiras, na figura 5) no final. Este exercício prático em sessão mostrou-se eficaz, mas não voltou a ser repetido.



Figura 5 - Exemplo do Desafio 2: mesmo objeto, diferentes maneiras de fotografar “Era uma prenda que ofereceram à minha mulher... e eu lembrei-me de fazer aquilo. A primeira vez tirei em cima da cama. E depois continuei... em cima da cadeira... em vários sítios” (cit. Participante A2)

O Participante A2 voltou a cumprir o desafio com sucesso, a C2 também mas com o apoio da Animadora. Um dos objetivos foi aqui evidente: treinar o ato de fotografar. Aproveitou-se, então, ao visualizar as fotografias que foram captadas entre sessões, não só para debater aspetos éticos relacionados com a imagem, como para dar exemplos do que funciona, ou não, em fotografia. Alguns erros (figura 6 como exemplo) surgiram com frequência, não só ao nível dos enquadramentos mas, por exemplo, os dedos à frente da lente ou a gravação de vídeo ao invés do modo de captação instantânea.



Figura 6 - Exemplos de erros comuns de início da experiência fotográfica

Relativamente aos temas fotografados, a maioria das vezes, mas principalmente nesta fase inicial, os participantes escolhiam os colegas de grupo para os retratos. Muitas vezes, e ao longo de toda a intervenção, as colegas da própria equipa eram fotografadas. Sempre que possível, era a família o alvo de eleição de retratos. Segundo os próprios, foram começando a ganhar o hábito de pedir autorização para fotografar. Para além dos retratos e do que era pedido através dos desafios, naturalmente os participantes foram, também, fotografando o seu quotidiano.



Figura 7 - Exemplos de fotografias de retratos tirados durante a fase inicial

De forma geral, nesta primeira fase deu-se, assim, primazia à aprendizagem e à ligação com a máquina fotográfica, bem como à interação entre os sujeitos. As dinâmicas e jogos tornam-se momentos de particular pertinência neste género de trabalho com grupos (Lima, 2004) e, desde logo, estes momentos foram intencionalmente estimulados. Mas esta fase inicial foi também significativa pelo seu impacto na vida diária, não só dos participantes, mas de todo o lar. Ao longo destas três/quatro primeiras semanas, a própria casa ganhou uma dinâmica nova. Principalmente o Participante A2 e a Participante C2 andavam sempre «de máquina em riste», disparando em todos os sentidos. Pediam ajuda à equipa, pediam igualmente ajuda entre si, por vezes, pediam ajuda até a pessoas que vinham visitar outros utentes. Equipa e familiares faziam «pose», como se mostra nas figuras 7 e 8.



Figura 8 - Fotografias ilustrativas das novas dinâmicas interpessoais em Lar

Ao nível das técnicas fotográficas, notou-se já nesta fase uma evolução, principalmente no uso mais consciente dos enquadramentos, bem como da intenção fotográfica em si. Fez parte dos objetivos desta terceira sessão a introdução da ideia de fotografia como forma de comunicação de emoções. No entanto, continuou a notar-se dificuldade no desenvolvimento do pensamento abstrato e do raciocínio crítico. Isto tornava-se evidente, por exemplo, quando os participantes não conseguiam verbalizar ideias para fotografar sentimentos básicos, tais como alegria, raiva ou tristeza, além do diretamente lógico (alegria = sorrir / tristeza = chorar).

Relativamente aos objetivos do programa, em termos de investigação do bem-estar, notou-se, que os elementos do grupo recusavam frequentemente responder a tais questões, afirmando-se incapazes de dizer o que para eles seria importante e, muito menos, de o fotografar. Tomando imagens, captadas tanto pelos próprios como por outros autores, como exemplo, foi-se trabalhando a noção de fotografia enquanto metáfora de uma mensagem. Apesar deste esforço, os participantes permaneciam a dar respostas no domínio do pensamento concreto, que se caracteriza pelo predomínio de um raciocínio lógico, mas não do abstrato (Papalia, Olds & Feldman, 2006).

Esta fase terminou com uma sessão extra, dirigida pela Professora Maria Kowalski. O objetivo passou por proporcionar um momento de aprendizagem com alguém profissional, bem como de partilha das vivências e das dificuldades sentidas até ali. Os participantes puderam, assim, ver as suas fotografias mostradas, pela primeira vez, a uma pessoa externa à Associação, receber o seu *feedback* e acolher algumas indicações técnicas de base. A sessão incluiu o aprofundar do desafio três: fotografar emoções.

3.1.4. DADOS DAS SESSÕES: SEGUNDA PARTE

A partir da quarta sessão, os objetivos deixaram de se centrar meramente na dinâmica do grupo e nas técnicas fotográficas, para se focarem na investigação daquilo que os participantes consideravam como a definição do seu bem-estar. *A posteriori*, procurava-se aqui também o entendimento daquilo que eventualmente mudariam, em particular no lar, com o intuito de melhorar precisamente a sua própria sensação de bem-estar. Estas questões seriam investigadas não só durante as partilhas nas sessões mas, naturalmente, promovidas pelo lançar dos desafios entre as mesmas. Assim sendo, a partir desta altura,

cada desafio tinha como profundo motivo potenciar que os participantes fotografassem sobre a sua realidade as preocupações, medos, vontades e desejos, de forma encorajada e livre. A figura 9 organiza os desafios propostos.

# Sessão	Desafios
5	Pergunta 1: <i>Do que é que eu mais gosto?</i>
6	Pergunta 2: <i>Do que é que eu não gosto?</i>
7	Pergunta 3: <i>O que é o melhor do meu dia?</i>
8	Pergunta 4: <i>O que é o pior do meu dia?</i>
9	Pergunta 5: <i>O que é que eu mudava aqui?</i>
10	Pergunta 6: <i>O que me faz feliz?</i>

Figura 9 - Questões desafio

A partir desta altura, era esperado que cada conjunto de fotografias captadas pelos participantes entre sessões evidenciasse uma intencionalidade de responder aos desafios. Foi neste sentido que a quarta sessão começou (sempre após as dinâmicas iniciais) com a visualização de fotografias que, à partida, revelariam o que para os participantes seria sinónimo de alegria e tristeza. Foram escolhidas somente estas emoções básicas (Damásio, 2003; Fragoso, 2012) pelas dificuldades que estes haviam já revelado em desenvolver o pensamento abstrato e em metaforizar as ideias em imagem. A manutenção de um pensamento concreto espelhou-se em retratos de colegas do lar considerados «tristes» ou «alegres». Apenas uma fotografia atingiu um conceito mais abstrato, ao retratar uma cama vazia como símbolo de tristeza, por ser onde a pessoa que nela dorme (o próprio participante) chora (*“Quando vou para a cama tou triste. É lá que penso em tudo.”*). Outro fotografou a rua por o tempo estar «triste».

Para uma boa continuação do projeto, foi necessário ter sempre em consideração algumas questões individuais, mais regularizadas a partir daqui. Por exemplo, antes de cada início de sessão era providenciado um cadeirão maior a A1, por causa das suas dores na coluna. Percebeu-se que era conveniente que C2 estivesse colocada perto do facilitador, preferencialmente do seu lado esquerdo, para esta o ouvir melhor. Também, que esta participante visualizava melhor as fotografias no ecrã do portátil do que no da televisão. Além deste género de aspetos, foi inevitável contar-se com interrupções imprescindíveis para idas à casa de banho. Além do mais, qualquer suporte escrito teve de ser, desde logo, dispensado, dado que apenas um dos participantes aprendeu a ler e escrever.

Seguiu-se, entre a quarta e a quinta sessão, o desafio que consistia em fotografar «coisas de que gosto/coisas de que não gosto». As fotografias trazidas não seguiram de uma forma rígida esta ideia de resposta a questões. Não só nesta sessão como em todas, algumas das fotografias eram tiradas com tal propósito, mas não a sua maioria. Isto aconteceu com todos os participantes. Por isso, respeitando a importância da flexibilidade, em todos os finais de sessão era deixado um novo desafio na mesma, e era dada maior relevância às fotografias que respondiam aos mesmos. Noutros casos, usavam-se fotografias «casuais», tiradas aparentemente com menor intencionalidade, para estimular o debate.

Entre estas duas sessões, a Participante A1 começou a dar os primeiros sinais evidentes de desmotivação e de menor envolvimento. Tirava cada vez menos fotografias, com pouco propósito e chegou a pedir a outras pessoas que tirassem fotografias por ela. Os Participantes A2 e C2 mantinham-se motivados. A Participante C1, com uma motivação aparentemente menor, foi fazendo por responder aos desafios.

Nesta fase, de facto, percebeu-se que os participantes iam fotografando não tanto enquanto resposta a questões, mas mais ilustrando o seu quotidiano. Aqui começavam a abandonar um registo tão centrado nos retratos, evidenciando preferência por coisas de que gostavam. Notou-se também, e tal foi debatido em sessão, uma enorme dificuldade em seleccionar aquilo de que não gostavam, fosse por dificuldade em materializar ideias, fosse por receio de alguma censura, de falar abertamente sobre tais temas como se tal significasse estar a «falar mal de alguém». Os participantes revelaram evidente resistência em fotografar os aspetos que, portanto, seriam conotados como negativos no lar.

Não obstante, ainda no decorrer da quarta sessão, falou-se pela primeira vez em conjunto de um problema que todos os participantes identificaram como tal: a gestão dos cuidados de roupa e lavandaria (*“Também acho uma coisa triste é deixarem acabar as coisas. Porque eu tenho uma gaveta para por meias e cuecas. E eu, claro, trouxe as cuecas que tinha, não é? Eram todas novas, todas boas. Inda hoje foram para me vestir umas, não estava lá nenhuma na gaveta!”*, cit. Participante C2). Curiosamente, na semana que passou, surgiu no lar um conflito com o Participante A2, precisamente a ver com esta temática. O participante entrou em discussão com membros da equipa, acreditando que determinadas ações teriam decorrido até com o intuito de o magoar, e chegou a querer desistir do projeto. Fora de sessão, o utente foi colocado à vontade para continuar ou não; o mesmo acabou por se recolocar e afirmou desejar prosseguir.

Assim, as fotografias escolhidas para a quinta sessão espelharam tanto o quotidiano de cada participante, como as coisas de que cada um «gosta». Acabou por ser uma sessão importante, que marcou a mudança de objetivos, ao se notar que já foi sendo possível aprofundar mais a fotografia em termos de técnica consciente (embora básica). Foi possível, também, ir trabalhando, cada vez mais, a estimulação do pensamento crítico, da formulação de diferentes formas de interpretação a partir de um mesmo estímulo e do uso da imagem como forma de comunicação.

Para a sessão seguinte repetiu-se o tema, para reforçar a intencionalidade do ato fotográfico mas, também, porque ia decorrer na semana seguinte um almoço importante, o do aniversário da ADSFAN, onde comunidade e famílias se juntam aos utentes. Por essa razão, e com o intuito de estimular a manutenção da motivação dos participantes, os mesmos foram convidados a escolher algumas fotografias para uma minixposição que estaria patente no espaço do almoço. A partir de amostras impressas, o grupo escolheu com entusiasmo as fotografias preferidas, e as mesmas estiveram, de facto, presentes ao público no domingo seguinte. A dinâmica em lar foi novidade, como mostra a figura 10.



Figura 10 - Participantes do projeto durante o almoço, acompanhadas das suas máquinas

Efetivamente notou-se que os participantes, apesar de perceberem os desafios das sessões e de as ideias serem debatidas conjuntamente, apresentando-se alternativas a experimentar, não mantiveram

completamente retida a informação e, talvez por isso, não foram capazes de depois as colocar em prática. Por esta razão, foi decidido introduzir alguma mudança, e as sessões passaram a acontecer com maior frequência (duas vezes por semana), na tentativa de que os participantes não dispersassem tanto. A partir da sexta sessão, aconteceu que por haver um menor número de fotografias por utente, todas passaram a ser vistas durante a sessão. Isto aconteceu, também, porque, nesta altura, a Participante A1 deixou efetivamente de participar e de tirar fotografias.

Nesta sexta sessão, não se fizeram dinâmicas iniciais, como habitual. Isto porque os participantes estavam mais comunicativos, falando bastante sobre as experiências da

semana e do dia anterior, considerando-se pertinente não quebrar com esta partilha. Um dia especialmente marcante para C2, que pôde fotografar a banda dos próprios netos a tocar. Desabafaram também sobre como alterações emocionais de determinadas colegas do grupo os afetam. Por isso, o final foi um momento de suporte e de espírito conjunto. Para além do mais, nesta sessão, aproveitou-se para se ir introduzindo, novamente, a ideia do projeto e seus objetivos, preparando-os para começarem a assimilar melhor a ideia da fotografia como forma de comunicação de algo, das suas preocupações e vontades. Deram-se alguns exemplos com base nos trabalhos feitos ao longo da última semana. Os participantes foram mais capazes de dar ideias sobre formas de como podem captar determinados aspetos da sua vida. Dado que os participantes continuavam a resistir em falar sobre o lado «negativo», o desafio da sexta sessão procurou incentivar a que se focassem unicamente nesses aspetos.

Ainda na sexta sessão, estimulou-se a partilha de ideias para o desafio. Aconteceu já no final algo de realçar: os participantes falavam de coisas que são ditas e de que não gostam, mas não queriam fotografar as pessoas que as dizem. Alguém deu a ideia de fotografar uma boca, mas ao mesmo tempo os três presentes afirmavam que era «impossível» fotografar só uma boca. O Participante A2 então, por sua iniciativa, agarrou numa das máquinas e quis tentar, motivado para novas experiências (figura 11).

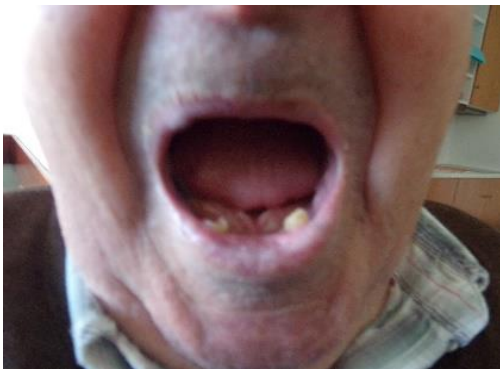


Figura 11 - Fotografia tirada (com ajuda) à sua própria boca pelo Participante A2

Não obstante esta tentativa de trabalhar ideias em sessão como forma de potenciar o aprofundamento de questões, na sétima sessão voltou-se a tornar notável esta resistência em fotografar aquilo de que não se gosta, de tal forma que C2 quase não fotografou. Apesar de na sessão anterior os participantes terem sido mais capazes de dar hipóteses de fotografias que pudessem representar uma ideia, pouco o fizeram nos seus trabalhos. Algumas tentativas houve, que foram valorizadas durante a sessão, como se pode ver nas figuras 12 e 13. Por vezes aconteceu referirem, também, já não se lembrarem do porquê de determinada escolha.



Figura 13 - Fotografia tirada como representando algo de que não gosta, pela Participante C1: “A cama da R... Não gostava de a ver lá sem ela. Esteve no hospital. (...) Por ser a minha companhia e não a tinha lá... De noite, estava sempre a espreitar a ver quando é que ela dava sinal. No dia que ela entrou (...) eu tinha estado lá a descansar. Não vi lá nenhuma R., disse ainda não veio, à noite quando fui, vi lá uma coisa esquisita parecia uma pessoa... Mas quem é que diz que eu lá me chegava para ver? Não fui, tive que dizer à rapariga p’a ver!”

Figura 12 - Fotografia da Participante C2: “Olhe, porque não gostava de ver aquele pneu ali, não sei!”, que referia a propósito das suas escolhas fotográficas “Coisas que não gosto, não consigo de maneira nenhuma...”



Após a visualização das fotografias do desafio, a dinâmica de dar exemplos sobre o que não se gosta teve o intuito de eventualmente desmistificar os receios de falar sobre estas questões. Demonstraram avanços no sentido de serem capaz de identificar respostas.

O desafio para a oitava sessão consistia em fotografar a parte preferida do dia. Para responder a este desafio, os três participantes acabaram por trazer fotografias muito representativas do quotidiano, sem «preferidas» mas mais criativas e de melhor qualidade técnica. Os participantes tornaram, nesta sessão, manifesta a ideia de que



Figura 14 - Fotografia da Participante C2, tirada durante uma das suas “aventuras” pelo lar em busca de novas fotografias

«já fotografaram tudo». Pareceram estar menos motivados do que era habitual até então. Ainda assim, ficaram um pouco mais entusiasmados depois de visualizarem as fotografias – cada vez mais variadas. Mais capazes de pensarem e descreverem sobre o seu dia, os participantes estiveram nesta sessão menos focados no que faziam antigamente.

No final, uma das participantes falou sobre uma das preocupações do grupo – atitudes de alguns membros da equipa de auxiliares – mas todos foram explícitos ao afirmar não

quererem que tais conversas se divulgassem. Aqui, novamente, latente a possibilidade da existência de algum medo entre os participantes de retaliações.

A Participante A1 não esteve presente na sexta, sétima e oitava sessão, tendo regressado na nona – regresso esse espontaneamente reforçado até pelos próprios colegas. O desafio havia sido fotografar a pior parte do dia. Nesta sessão, foi claro perceber como os participantes já iam falando com maior frontalidade sobre o que os preocupa; no entanto, nenhuma fotografia tirada explorou tais significados de forma direta. Pelo contrário, dois dos três utentes que fotografaram haviam participado numa atividade de piquenique, e foi principalmente esse dia a sua escolha. Ao se visualizarem as imagens desse passeio, um dos temas que surgiram foi a importância das atividades, e da animadora em particular, para os participantes uma peça fundamental nas suas vidas, como retrata a figura 15.



Figura 15 – Atividades no exterior “A Sra. Soraia ao pé do comer... (...) É muito boa pessoa. Eu não tinha coragem de fazer o que ela fez... Andar com o carro, para trás, para diante... Aquela mulher nunca se viu triste! Possara!” (cit. Participante C2)

Denotou-se, por esta altura, uma cada vez maior união entre o grupo. Neste dia, os participantes ficaram (ou já estavam) tão animados com as dinâmicas iniciais, que terminaram a primeira parte a cantar e deixou-se de seguir os jogos pensados, aproveitando o grupo unido, a apoiar-se.

O desafio entre as sessões nove e dez esperava responder ao que é que os utentes mudariam, fosse nas suas vidas, no lar ou no que entendessem do seu quotidiano. Aqui os participantes abandonaram claramente este intuito, excetuando a Participante C2.

Claramente menos motivados, nesta altura, foram fotografando o que lhes surgia, repetindo na sessão que «não tinha graça fotografar o que já haviam fotografado antes». Entre outros pormenores, maioritariamente a partes da casa, fotografavam – a par do que já havia acontecido antes – a televisão, sendo que desta vez escolheram até imagens dos Casamentos de Santo António. Por vezes, aliás ao longo de todo o programa, acabaram por surgir fotografias muito engraçadas, que só eram plenamente visualizadas nas sessões e só nelas os participantes tomavam real conta do que havia «calhado».

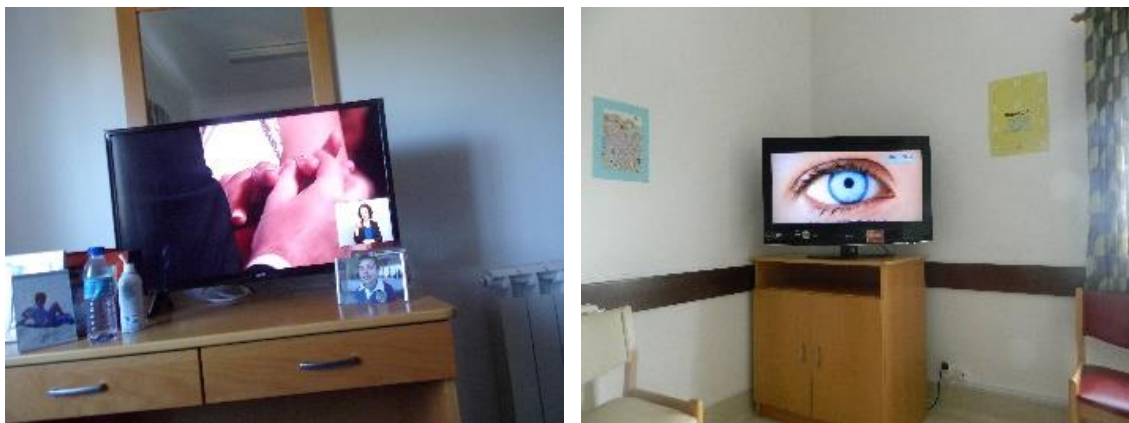


Figura 16 – Exemplos de fotografias que captavam os programas da Tv

Nesta décima sessão, visualizaram-se ainda as imagens tiradas durante outra atividade da ADSFAN, um almoço especial confeccionado e servido por formandos de um curso de Cozinha para utentes e colaboradoras da Instituição, em que os participantes do *Photovoice* foram os «fotógrafos» oficiais.

Nesta sessão, os presentes (A1 voltou a faltar) estavam francamente menos motivados que o habitual. Provavelmente também porque a mesma começou com atraso, havia muito barulho de fundo, houve muitas interrupções, entre outros aspetos.

De destacar, realmente, a participação de C2. De facto, foi a única que cumpriu o foco no desafio, havendo tirado várias fotografias, entre as quais uma fotografia à sua perna (que não mexe) e outra às escadas. Tirou ainda, pela primeira vez *selfies*. Além do mais, trazia consigo uma ideia de algo que mudava (“*Se fosse eu que governasse, tirava aquela mesa dali, que tem muita coisa em cima que não se vê, plantava um armariozinho, (...) e aquilo ficava assim jeitosinho...*”, cit.). A sugestão de C2, de mudança de um móvel na sala de convívio, foi curiosamente dada com receio, referindo que «talvez não devesse», que «não a levassem a mal». É aqui, portanto, capaz de identificar um problema e sugerir solução.

No entanto, A2 e C1 resistem à ideia. Acharam que não deviam ter voto na matéria, quem decide é «quem manda». Isto gerou um debate sobre o poder dos utentes. A2 mantinha-se centrado num conflito pessoal anterior com o lar; C2 mantinha sugestão, «arriscando», achando até que A2 já a haveria de ter dado “por ser homem”; C1 insistia que quem mexe «nessas coisas é a direção», que não lhe cabe a si decidir, e que a sua opinião não tem valor.

Um exemplo de cuidados necessários com o vocabulário usado surgiu no final desta sessão, relembrando a necessidade de se manter consciente a importância da adequação da linguagem ao grupo: uma das participantes, que já havia perguntado antes o que queria dizer «desafio», questionou o significado da palavra «tema».

Realmente, notaram-se ao longo desta fase algumas dificuldades em respostas diretas sobre coisas que considerariam menos positivas, ou mesmo «más». Provavelmente, tal insistência nestes temas proporcionou ainda maior desmotivação nesta fase final, dado que os utentes não se sentiam confortáveis para os fotografar. A pergunta deixada nesta última sessão da fase das questões foi “o que me faz feliz”.

3.1.5. DADOS DAS SESSÕES: TERCEIRA PARTE E INFORMAÇÕES FINAIS

A última parte da implementação das sessões tem por objetivo último a preparação da apresentação dos resultados, pelo grupo, à comunidade. Esta pode e deve ser feita com a total participação e tomada de decisão dos próprios participantes (Wang & Burris, 1997; Wang, 1999), dependendo naturalmente das características de cada grupo, bem como de cada contexto.

Nesta altura, o acompanhamento dos trabalhos teve de ser interrompido por quase duas semanas por motivos alheios ao projeto. Ainda assim, pela décima primeira sessão, os participantes continuavam a comparecer às sessões pontualmente, autonomamente à hora combinada, e continuavam a levar consigo as fotografias que haviam tirado (mesmo apesar da participante C1 estar pior de saúde). Os temas das fotografias continuaram a

retratar, mais do que tudo, os seus quotidianos e espelhando as suas relações sociais, como são os exemplos dados na figura 17.



Figura 17 - Duas das Fotografias visualizadas durante a sessão 11 tiradas durante ADP's

Nestes espelhos do dia-a-dia de cada um, as colegas de toda a equipa da instituição iam também surgindo, umas vezes pousando para os participantes, outras, sendo captadas sem esperar, retratando a proximidade relacional entre elas e os utentes.

Excetuando a Participante C1, nenhum destes utentes tem por hábito ir a casa. Aqui e ali, ao longo do tempo, sempre que eram visitados pelas famílias, todos os participantes faziam questão de, por um lado, lhes tirar retratos e, também, de pedir a alguém que os captasse a eles, acompanhados dos seus familiares tão queridos. Estas eram sempre consideradas as fotografias mais importantes.

Nesta sessão, começou-se a endereçar os trabalhos para a organização da exposição final: o que gostariam de ver nela, onde poderia ser, quem gostariam de convidar, como poderia ser organizada... E assim se pretendeu deixar dicas para que os mesmos sobre ela fossem pensando e falando. Foi também pedido, como desafio derradeiro, um autorretrato.

A décima segunda e a décima terceira sessões tiveram, pois, como propósito essencial, definir alguns pontos em conjunto para a exposição e avaliar o programa. Dado que durante mais de uma semana os trabalhos haviam sido completamente interrompidos numa fase tão sensível, ou pelo menos a sua supervisão, a montagem da exposição foi feita com muito maior pressão, sem o tempo disponível que seria o ideal e, por essa razão, sem se conseguir trabalhar tanto em conjunto com o grupo a sua montagem. O mesmo

motivo impediu que os resultados apurados ao longo do tempo pudessem ser conjuntamente trabalhados com maior profundidade.

Ainda assim, estas sessões evidenciaram-se de extrema importância, refletida num aumento exponencial da motivação visível dos participantes. Não necessariamente espelhada nas imagens que traziam; apenas a Participante C2 se focou em conseguir um autorretrato. A Participante C1 estava com maior dificuldade, nesta altura, por estar com problemas de saúde; a Participante A1, como aliás já havia acontecido antes, trouxe fotografias que, se percebia, não haviam sido tiradas por si.

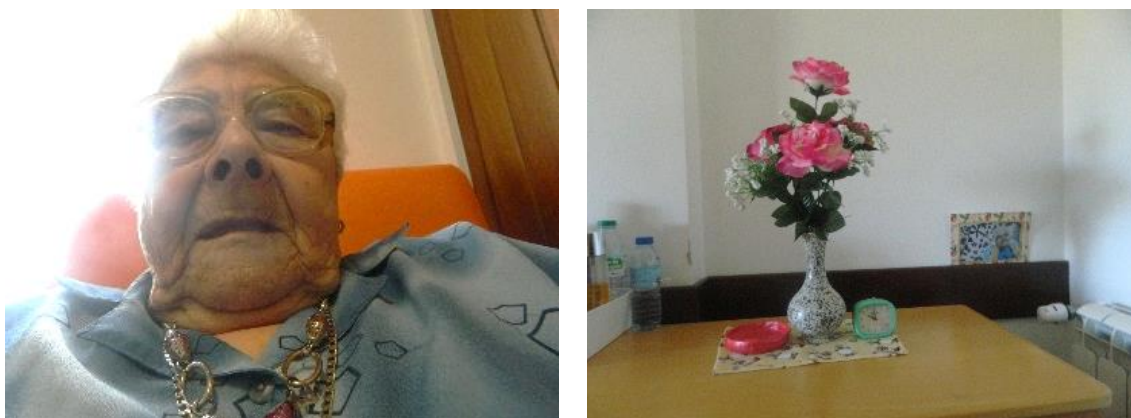


Figura 18 - Duas diferentes formas de autorretrato (pela mesma participante)

Numa última fotografia de duas auxiliares da equipa, espontaneamente surgiu um tema, agora de forma muito explícita: a importância das equipas na vida destes participantes. Aquilo que havia sido motivo, muitas vezes, de queixas – o seu trabalho – revelava-se numa outra perspetiva, a de uma nova família, enquanto pessoas transformadoras do seu bem-estar, possuidoras do dom de acarinhar, amar e fazer sorrir.



Figura 19 - Imagem que deu mote à partilha sobre a importância que as equipas assumem na vida dos utentes da instituição

Este tema acabou por, despretenciosamente, se tornar num emotivo final de «trabalhos». Ao fechar da sessão, um dos momentos principais foi partilhar “o que ganhei com isto”, bem como o entender de que este grupo se tornou a demonstração de que pessoas como eles, «velhos depois de velhos», residentes em lar, ainda são capazes de aprender. Que outros, iguais a eles, com as mesmas idades,

tal como eles, poderão vir a fotografar também, um dia, se assim essa oportunidade lhes for dada.

Quanto à preparação da exposição, acertou-se numa primeira fase, a data, o local e quem seriam os convidados, tendo-se dado ideias sobre o que vender. Durante a décima terceira (e última) sessão, que aconteceu noutra sala, para ser mais fácil para C1 - que continuava doente - se deslocar, tinha ainda de ser decidido o título, seleccionar as fotografias e recolher os dados biográficos a apresentar.

Para escolher o título, fez-se um mapa mental, partindo de «velhos» e «fotografia» e daqui tentou-se utilizar as técnicas de *brainstorming* e associação livre para gerar opiniões. Com a procura de palavras, surgiram as primeiras ideias tais como «velhos são os trapos», «nunca pensei», «idosos mas divertidos», «os velhos fazem-se novos», «depois de velhos», «cabeça parada», «brincadeiras»... Notaram-se algumas dificuldades em assumirem preferências. A decisão seguiu a sugestão de A2, “Nunca Pensei Ser Artista”.

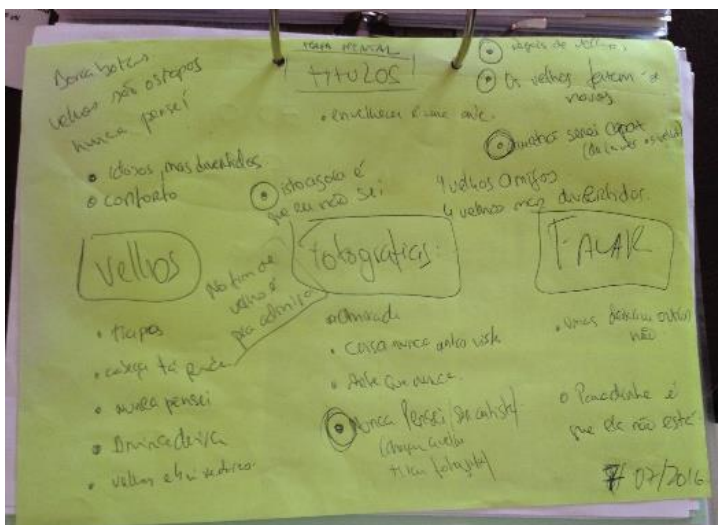


Figura 20 - Imagem do rascunho feito durante a dinâmica de brainstorming e mapas mentais

Entretanto, espontaneamente, neste partilhar livre de ideias, o grupo acabou por criar um poema, juntando-se frases de todos, aqui e ali.

“Juntámos quatro idosos p’ra tirar fotografia
Foi para a gente uma alegria, nunca pensei que o fazia!
Tenho festa no sábado, como nunca me parecia...
Quando peguei na máquina, pensei que não conseguia!”

Em tom de conclusão, voltou-se a falar sobre a metodologia *Photovoice*, sobre o seu aspeto inovador e as suas potencialidades, permanecendo incerto até que ponto os participantes ficaram dotados de consciência sobre os verdadeiros objetivos do projeto.

Por fim, os utentes escolheram a maioria das fotografias que queriam ver expostas e foram convidados a participar na montagem da exposição (apenas A1 acabou por ir). Pelas características do grupo e por esta pressão de datas, a escolha das citações que acompanhou as imagens na exposição foi feita sem a sua intervenção direta. Os dados biográficos a serem expostos foram recolhidos com a sua ajuda após a sessão.

A avaliação dos ganhos e limitações do programa, pelos próprios participantes, foi igualmente considerada, como referido, nestas duas sessões. A mesma surgiu tanto dos debates partilhados, como de dinâmicas especificamente pensadas para aludir a esse propósito. Foi ainda efetivada uma entrevista um mês após a inauguração da exposição [Anexo XII]. De sublinhar que os participantes mostraram alguns pontos de enorme pertinência. De forma geral, realçam-se: i) um dos participantes referiu que sentiu a falta de saídas e programas conjuntos do grupo com o especial intuito de fotografar; ii) outra participante levantou a questão de não saber como deveria ser a exposição final, porque nunca havia visitado uma exposição de fotografia; iii) os participantes não conseguiram verbalizar quais os objetivos daquilo em que haviam participado, ficando a dúvida se por não entenderem, se por receio de errar; e iv) a importância da exposição.

Para além do mais, durante a penúltima sessão uma dinâmica descreveu resumidamente várias das perspetivas partilhadas, transcrita na figura 21.

Momento favorito	<p>A2: <i>“Os primeiros dias que tirei, gostei. Depois parece que comecei a perder a coragem e já não estava a fazer aquilo com tanto gosto.”</i></p> <p>C1: <i>“Foi estar aqui com todos.”</i></p> <p>A1: (não respondeu)</p> <p>C2: <i>“Quando aqui vim, plantei-me de noite a pensar... verdade! Como é que eu vou tirar fotografias... Então nunca vi uma máquina fotográfica... Deixa, amanhã logo vejo!”</i></p>
O mais difícil	<p>A2: <i>“Não tive dia nenhum difícil. E o facto de para o fim já não deixarem (os colegas) tirar tantos retratos.”</i></p> <p>C1: <i>“Querer andar e não poder.”</i></p> <p>A1: <i>“Estar nesta posição.”</i></p> <p>C2: <i>“Agora para o fim. Ao princípio ainda via, agora vejo tudo para o mesmo.”</i></p>

O que aprendi	<p>C2: <i>“Aprendi muito... Falas, coisas bonitas... Aprendi muita coisa!”</i></p> <p>A1: <i>“A tirar fotografias, lidar com a máquina, não custa nada. Aprendeu-se muito rápido. Eu pelo menos pensei que fosse pior. Não há dificuldade nenhuma.”</i></p> <p>C1: <i>“Ganhei que aprendi a trabalhar com as fotografias que não sabia.”</i></p> <p>A2: <i>“Foi a lidar melhor com a máquina (...) ganhei experiência de vida.”</i></p>
O que ganhei	<p>C1: <i>“Sei lá... Aprendi... Mas não tenho coragem para mais. (...) Fiz convivência com as pessoas. Parecendo que não, é bom, não é?”</i></p> <p>A1: <i>“Ganhei que fiquei a saber a tirar fotografias sem esperar!”</i></p> <p>C2: <i>“Ganhei muito bem, muito contente, muito satisfeita graças a deus... Ganhei em aprender, ir daqui toda contente, parece que já nem tinha dores...”</i></p> <p>A2: <i>“Às vezes chatice. Às vezes passava por rir. (...) Experiência, pouca.”</i></p>
O Mais Importante	<p>C2: <i>“Foi a gente estar aqui todas juntinhas, estar com alegria... Até porque somos todas amigas...”</i></p> <p>A1: <i>“Ai não sei... olhe, o mais importante é eu conseguir estar aqui sentada.”</i></p> <p>C1: <i>“Foi estar aqui assentadinha! (...) ‘tou em boa companhia.”</i></p> <p>A2: <i>“Eu para mim o que foi mais importante foi estar aqui, e tirar retratos, sempre sem haver problema nenhum. O mais importante para mim foi isso.”</i></p>

Figura 21 - Avaliação do programa: "responde numa frase"

A Participante C2, fora de sessões e por sua autoria, não deixou acontecer a inauguração sem preparar um especial poema:

“Eu chamo-me Carmina
 Vivo no Lar de A-dos-Negros
 ‘Tou cá muito bem!
 As colegas são boas, o comer é muito bom.
 Há cá jogos, música, divertimento.
 Nunca tive vida tão boa
 E até tirei o “curso” para tirar fotografias!
 Quando precisar de vir para cá
 Não tenha medo,
 Basta tocar à campainha!
 Obrigada Sra. Rosalinda,
 Obrigada Sr. Presidente
 Que deu ordem para fazer a nossa festa!
 E a todos os que aturam a gente,
 Obrigadinha a todos!”

3.1.6. OUTPUTS: DIVULGAÇÃO, EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS E COMUNIDADE

Dada a natureza desta intervenção, é impraticável mensurar com exatidão o impacto deste projeto junto da comunidade. Indiscutivelmente, é sim possível afirmar que alguma divulgação tem necessariamente crescido.

A existência do projeto (que só teve nome no final – “*Nunca Pensei Ser Artista*”, por poder ser escolhido pelos participantes) começou desde logo a ser divulgada, de alguma forma, aquando dos pedidos de financiamento. Como os mesmos não surtiram os efeitos desejados, como referido, foi organizado num bar parceiro (*Caravela*) um evento de angariação de fundos, através da venda de sopas e tapas, concerto ao vivo por um conterrâneo do lugar da Associação, Victor Mata e, ainda, com lugar a música por *Djs*. Este evento foi bem aclamado pelas pessoas que nele participaram e, sem contacto prévio, incluiu a visita de uma representante do jornal local, *Gazeta das Caldas*, o que potenciou alguma visibilidade mesmo antes do projeto ter a sua implementação iniciada.



Figura 22 - Imagens do evento de angariação de fundos e do primeiro artigo publicado no jornal local sobre o projeto de Photovoice na ADSFAN, em exposição no convívio de maio

A divulgação do projeto continuou, logo pelo seu início, com a exposição efetuada no final de maio, durante o almoço de aniversário da Instituição, no pavilhão da mesma. Esta primeira experiência serviu não só para ir dando a conhecer o projeto diretamente aos familiares e à comunidade local, como para potenciar alguma motivação extra nos participantes, orgulhosos por verem as suas primeiras fotografias a serem exibidas.



Figura 23 - Fotografias da minixposição de maio no convívio de aniversário da ADSFAN

O momento de maior impacto foi, sem dúvida, a exposição final dos trabalhos e a tarde da inauguração. Esta foi preparada com a colaboração direta dos participantes, embora não na dimensão que se desejava inicialmente. Nela participaram alguns elementos importantes da comunidade, mas, na verdade, considera-se que teve um baixo nível de adesão, tanto da população local como, até mesmo, pelos familiares dos participantes, convidados especialmente por telefone. Não obstante, vários utentes da instituição estiveram presentes e os participantes sentiram-se alvo de atenção especial.

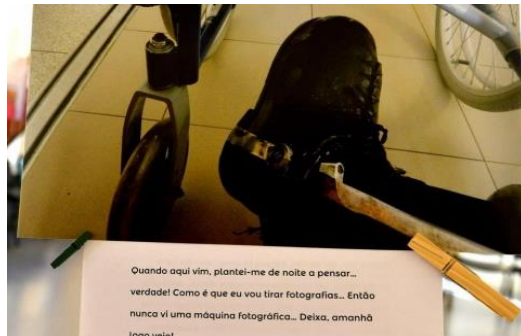
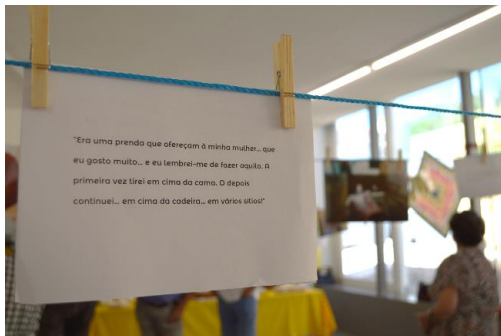


Figura 24 - Imagens da inauguração da Exposição "Nunca Pensei Ser Artista"

Como forma de tentativa de angariação de mais receitas, foram ainda construídas algumas coleções de Postais, com a concordância dos autores, acompanhadas da venda de bolos e recolha de donativos.



Figura 25 - Materiais de angariação de fundos durante as exposições

Estes materiais servirão, mais tarde, também para uma Exposição no Festival Literário Internacional de Óbidos, o FOLIO, para o qual o projeto “Nunca Pensei Ser Artista” foi convidado a expor. Para este propósito, serão ainda construídos marcadores de livros e um *packaging* especial para as coleções de postais, com a ajuda da dinamizadora do projeto LÓja Comunitária¹⁵, sediado no Espaço Ó¹⁶.

Relativamente à publicação em contextos académicos e científicos, desde o início foi-se procurando a sua divulgação nestes meios. Em abril, foi aceite uma comunicação de apresentação do projeto no Congresso Internacional de Investigação, Práticas e Contextos em Educação 2016, que aconteceu na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. Para setembro, foi aceite uma comunicação nos mesmos moldes no 3.º Congresso da Ordem dos Psicólogos Portugueses, no Porto. Para além do mais, a submissão de um artigo teórico (que teve por base o trabalho de fundamentação teórica desenvolvido no desenrolar deste processo) na Revista VISTA¹⁷, uma nova publicação sobre artes visuais com *peer review*, foi igualmente aceite e a sua edição sairá em breve.

¹⁵ Consultar: <https://www.facebook.com/ProjectoLojaComunitaria>

¹⁶ Pode saber mais em <https://www.facebook.com/espaco.ativacao>

¹⁷ Website da revista em <http://vista.sopcom.pt/>

Outro resultado deste projeto está a ser a organização de um Ciclo de Conferências pela ADSFAN, que irá acontecer em Óbidos, em novembro, e que terá por principais temáticas «Artes como forma de intervenção» e «Fotografia participativa e Photovoice», um encontro que procurará não só dar a conhecer a técnicos e outros interessados projetos interessantes a acontecer no país, capazes e estruturados, como potenciar o estabelecimento de parcerias e a replicação de práticas.

O mais fundamental dos resultados considerados pelos autores de literatura de referência da metodologia *Photovoice* é o da apresentação dos resultados recolhidos aos *decision makers*. Um relatório à direção foi efetivado, respeitando os desejos de privacidade em relação a algumas partilhas dos participantes. Tal recolha foi também sendo sempre debatida em reuniões com a equipa técnica.

3.2. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Se tradicionalmente envelhecer está associado à reforma, a doenças e à dependência, argumenta a OMS (2002) que as políticas e programas que continuarem presos a este paradigma estarão ultrapassados e não refletem a realidade. Numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida, criatividade, cognição e emoções não são indissociáveis (UNESCO, 2006). Foi, por isso, de extrema importância o desenvolvimento deste projeto, como se considera fundamental que o mesmo continue ser desenvolvido e aprofundado.

Existe pouca literatura que avalie programas de intervenção e animação pelas Artes junto da população idosa, mais ainda pela fotografia, sendo esta realidade ainda mais evidente em Portugal. Só por esta razão, ter levado a cabo este projeto já é, em si, positivo.

Efetivamente, sendo a criatividade uma aptidão que pode ser dinamicamente aprendida e desenvolvida ao longo da vida (Romero, Hyvönen & Barberà, 2012), a maioria das pessoas de idade avançada não se considera criativa (Flood & Phillips, 2007), revelando-se relutante a comportamentos que impliquem atividades de tal ordem. O grupo de participantes desta edição do projeto de *Photovoice* na ADSFAN “Nunca Pensei Ser Artista” aceitou com facilidade a proposta inicial, sem, no entanto e como referido por eles próprios, «saberem bem ao que é que iam». É possível concordar com os autores,

dado que os participantes demonstraram quase sempre alguma relutância em ir além do esperado, lógico ou evidente, mas sendo capazes de ser criativos.

O desenvolvimento do pensamento abstrato, da aquisição da imagem como algo metafórico podia, por isso, ter sido possivelmente melhor estimulado, por exemplo, com mais exercícios. Uma conclusão retirada com esta população foi que a mesma precisará de um maior número de sessões, em particular na primeira fase, dado que a prática fotográfica não lhes é, realmente, algo familiar, e nem sequer apreendida anteriormente (especialmente perante uma população com muito pouca escolaridade e quase sem hábitos de consumo cultural ao longo da vida). Para além do mais, vivendo no contexto atual de residência (ERPI) onde o poder de decisão lhes é, não raramente, retirado, ou os próprios dela se destituem, é compreensível que o aprofundamento de determinadas ideias tais como «o que mudaria» ou «o que me faz feliz» possa ser difícil, não se sabendo se tal se manterá numa população com características similares, mas não residente em lares.

Foi difícil perceber se os resultados conseguidos e as fotografias captadas entre sessões eram, realmente, intencionais ou se «por acaso», isto é, se aconteciam para responder diretamente aos desafios ou se porque se tirou aquela fotografia, «porque calhou», sem intenção concreta. Independentemente disso, a imagem reflete sempre uma realidade de quem fotografa. Os resultados não passam a ser, por isso, menos válidos. Apenas poderão refletir uma menor perceção dos objetivos de um programa *Photovoice*, bem como uma menor consciencialização para o seu potencial impacto.

Talvez tanto pelas suas mais reduzidas capacidades de retenção e invocação da informação, como por alguma possível resistência a falarem abertamente do que não gostam, do que os incomoda (eventualmente, até, com receio de retaliações), as respostas dadas não foram particularmente complexas ou aprofundadas e, portanto, a estruturação dos resultados daquilo que, para os participantes, é importante para o seu bem-estar, não foi tão evidente como pode acontecer noutros projetos. Não obstante, conseguiram-se apurar dados importantes.

Indubitavelmente, um ganho claro durante a implementação do programa foi que, pelas suas exigências, um novo dinamismo nasceu no lar: os participantes iam, de máquina na mão, à procura de novas fotografias, interpelando outros utentes, desafiando equipa e visitantes, chegando a ir até divisões da casa onde antes nunca haviam estado. Isto foi

especialmente vivido por uma das participantes (C2), como anteriormente referido, que se desloca de cadeira de rodas e que permaneceu sempre motivada: “*Olhe eu foi logo de manhã. Lembrei-me assim, agora tá tudo aí, cá em baixo, e vim pelo corredor acima, e eu não conheço isto não é? Cheguei ali disse heiii tanta sala... Tiro ali a mais um cubículo... Entrei pela salinha, tumba tumba, tumba tumba... Cheguei lá aquela salinha tirei... coisas lindas!*” (cit.).

É crucial que as técnicas usadas numa metodologia deste género sirvam para investigar o material fornecido e não para provocar informação (Lima & Oliveira, 2015), sendo fácil cair nesta tentação. Ao se unir o trabalho em grupo ao trabalho emocional, é extremamente importante que o facilitador tenha formação, estude, e receba permanentemente orientação de especialistas (PhotoVoice.org, s.d.). Mesmo assim, e mesmo tendo a facilitadora formação de base em Psicologia, o risco de introduzir informação é sempre grande e exige uma enorme atenção. O suporte e a discussão, tanto com a equipa técnica como com as Orientadoras e colegas de curso, é irrevogável.

3.2.1. USO DA FOTOGRAFIA COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Em «Milagre dos homens», Rômulo de Carvalho postula (1976) a descoberta da fotografia como uma das realizações mais extraordinárias que o Homem conseguiu. A fotografia representa, potencialmente, uma das melhores formas de expressão e libertação daquilo que há de mais interno em nós.

É preciso entender que toda a reflexão sobre um qualquer meio de expressão deve atender à relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio (Dubois, 1993). Invariavelmente, uma investigação deste género está particularmente sensível aos juízos do facilitador. Por outro lado, os participantes frequentemente revelavam dificuldades em objetivar as suas preocupações - havendo os próprios, aliás, evidenciado algumas limitações ao nível do pensamento abstrato, bem como da concretização objetiva de desejos ou ideais. Não obstante, a fotografia não deixou de ser por eles usada como forma consciente de comunicação e, acima de tudo, como espelhos do seu quotidiano, das suas vidas presentes.

Relativamente ao uso consciente da imagem e da compreensão dos objetivos do programa, esta vertente devia, talvez, ter sido melhor preparada e com maior cautela, potenciando formas de maior compreensão sobre a dimensão do que se estava a passar. Um melhor acompanhamento entre sessões poderia ter ajudado a uma expressão mais metafórica de emoções, de maneira a que os participantes encontrassem mais soluções para os seus receios de serem expostos, dado que se sentiu alguma resistência em assumir e verbalizar medos, preocupações e críticas por parte destes, muito embora tal acompanhamento pudesse aumentar o risco de indução de ideias e informações. Mais exercícios práticos deviam ter acontecido, em grupo e com o apoio do dinamizador - a falta de possibilidade de acompanhar mais os participantes foi um problema claro desta implementação, ainda que por condicionantes externas ao projeto.

As características próprias da faixa etária relembram especificidades na intervenção com populações mais idosas, principalmente se menos instruídas. No final da primeira sessão, apesar dos esforços em potenciar a retenção, tornou-se claro que os participantes viriam a ter dificuldade em manter presente quais os objetivos para fotografar durante a semana, qual o desafio até à próxima sessão, e que ajudas escritas não poderiam ser usadas. Estes aspetos evidenciam que, no futuro, soluções para ajudar a estas questões cognitivas, relacionadas com a memória, retenção e evocação, deverão ser pensadas.

Apesar de não se aprofundar muito o conceito de bem-estar, nem de se trabalhar de forma mais estruturada que mudanças gostariam de ver feitas, os participantes davam pontualmente as suas opiniões. Será importante que os mesmos possam vir a ver, no futuro, algumas mudanças no funcionamento do lar.

Frequentemente se entende as pessoas idosas como menos incentivadas a aprender novos conhecimentos ou a usar novas tecnologias (Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2014). Mecanismo dominante da comunicação contemporânea (Joly, 2007; Rodrigues, 2011), com a imagem podemos falar de forma breve, sem bloqueios, sem pensar no que o outro pode dizer, sem grandes inquietações sobre se o que queremos transmitir é entendido. No entanto, não raramente os participantes mostraram receio em fotografar determinados temas que consideravam menos positivos. Uma das principais conclusões passa por se perceber que isto não é necessariamente uma condicionante ou limitação, mas sim, por si mesmo, um resultado daquilo que poderá ser importante para o bem-estar destas pessoas.

3.2.2. NOÇÃO DE BEM-ESTAR E ALTERAÇÕES NOTADAS

Alguns pontos foram sendo referidos ao longo das sessões como importantes para a vida de cada participante, e foram estes os resultados passados à equipa técnica da ADSFAN, bem como à sua direção.

Desde o início, houve uma questão que foi sempre sendo mencionada como algo que os participantes consideram importante para si, relativamente às instabilidades criadas por algumas pessoas que residem na instituição e que possuem demência. Frequentemente, algumas destas deambulam, trocam coisas, gritam, e principalmente este último aspeto incomoda muitos dos restantes utentes. Para alguns dos participantes, a solução passaria pela separação destas pessoas para outra sala de estar (o que não existe na residência); para outros, mais incomoda que alguns colegas do grupo de utentes interajam negativamente com estas pessoas, causando um mau estar ainda maior.

Outra queixa que se percebeu ser comum a todos tem a ver com o serviço de rouparia e lavandaria do lar. Apesar de a roupa ser, supostamente, marcada, frequentemente acontecem trocas, perdem-se peças, ou os cuidados são menos minuciosos. Isto parece gerar bastante desagrado junto dos utentes, de uma forma geral, e tal preocupação foi vulgarmente partilhada ao longo das sessões. Aqui torna-se claro como uma ferramenta como o *Photovoice* pode proporcionar que as pessoas se tornem «gravadores» das suas comunidades (Wang & Burris, 1997; PhotoVoice.org, s.d.), apesar destas preocupações não terem sido expostas através de imagens, mas das narrativas decorrentes. Mais ainda, aqui os participantes foram também capazes de propor soluções (que passariam por ter uma auxiliar unicamente responsável pela roupa), de acordo com aquilo que esta metodologia pretende ser, acreditando na pessoa como catalisadora de mudança, numa lógica de *empowerment*, corroborando as ideias de Paulo Freire (2005).

Outro tema que surgiu, tanto em momentos individuais como de grupo, é o da importância da saúde. As dores e as limitações físicas foram apontadas como principal problema para «não estarem bem», pelo menos não como gostariam. Frequentemente evidenciou-se necessário abrir espaços para a ventilação destas queixas que, tendo o cuidado de não as reforçar, foram ouvidas e valorizadas. Curiosamente, nas fotografias mostrava-se também que não só preocupam aos participantes os seus próprios problemas (que sentem, não raras vezes, como invalidantes), como também os afeta ver colegas a piorar de saúde.

Alguns retratos eram tirados a outras pessoas, seus pares, como espelhando a tristeza, coisas que não gostam ou o que mudariam.



Figura 26 - Fotografia tirada pela participante C2 a um utente da ADSFAN que estava sem conseguir andar; “Tenho medo de muita coisa. Como, por exemplo, deixar de andar por completo e a minha cabecinha deixar de funcionar... Tenho medo.” (cit. Participante A1)

Não houve muito mais ideias trabalhadas de forma direta sobre o que os participantes consideraram como importante para o seu bem-estar. Alguns pontos eram abertos de forma mais individual, como sendo uma das participantes precisar de ajuda para ir à casa de banho e não gostar de estar à espera das auxiliares, e só depois de estimulada é que tentou traduzir este seu problema em fotografia. Os assuntos iam decorrendo muito mais das narrativas que eram suscitadas pela visualização das imagens.

Um tema surgiu como transversal, e insere-se no domínio das relações. Para todos, ser «bem tratado» é o mais importante, tanto pelas equipas, como pelos seus pares, como pelos seus familiares. Mais uma vez, aparentemente foi para os participantes um obstáculo concretizar estas ideias em imagem - a não ser que sob a forma de retrato. Ilustrando este género de expressão daquilo que lhes é, ainda assim, importante, numa das últimas sessões, ao visualizarem uma das últimas fotografias, acabaram por se gerar narrativas especialmente emotivas sobre a importância das auxiliares nas suas vidas.

“Tratam-me só a brincar. Fazem o serviço mas sempre a brincar. Ainda ontem à noite estas duas deitaram-se na minha cama, mais eu, e tivemos ali... A senhora Y já dormia... Ou não dormia, porque nós fazíamos barulho! Eu costumo-me deitar e ficar logo descansada, mas ontem... É que elas, há noites, em que elas estraflagam-me toda! Fico toda migada!” (cit. Participante A1)

“São as mais importantes, as que lá estão dentro para cuidar da gente. Fazem tudo com o devido modo. Eu não tenho razão nenhuma, nenhuma delas, nunca me trataram mal, nunca me deram uma má palavra... (cit. Participante A2)

“Elas coitadas têm que correr a um lado, têm que correr ao outro... (...) A minha família não me podem fazer o que elas me fazem... Estão lá em casa, andam lá na vida deles, elas coitadas é que são... Acho que elas estão boas, pronto! São meigas!” (cit. Participante C1)

“Gosto de todas! Nem é aquela, nem é aquela, gosto de todas! Porque não me tratam mal... Vestem-me... Agora um dia destes, estava lá uma... eu não sei o nome delas, sei mas não sei o nome delas... estava lá uma, estávamos a cantar uma cantiga!

Chegou lá as outras, mas que festa era aquela? Olhe, estamos a espantar o mal! Sou amiga de todas!” (cit. Participante C2)

Apesar destas «novas famílias» que se vão criando em contexto institucional, as reais famílias não deixam de ser consideradas como o mais essencial para o bem-estar de cada um dos participantes. As fotografias com eles eram sempre as mais importantes e emotivas: *“Estavam-se a rir de mim! (...) Alegre! Muito contente quando eles chegaram, não dava por eles... chegaram-me mexerem-me assim nas costas... Fiquei muito contente! (...) Lembram-se sempre do dia da mãe, fizeram muito bem e andam-me a fazer muito bem...”* (e.g.: cit. Participante C2). Ao mesmo tempo, a ausência destes acaba por ser motor de sofrimento, não tão partilhado nas narrativas, mas implícito na forma como os participantes entravam em contacto com sentimentos quando tais assuntos se abordavam. Por outro lado, pedidos espontâneos surgiam, como foi com o caso de A2, que desejou enviar por correio eletrónico, a um dos seus filhos, fotografias que tirou.

Sobre este assunto, também se destaca a importância do envolvimento destas no projeto. Apesar de se ter reforçado essa participação ao longo do mesmo, e se terem feito especiais convites aos familiares para a inauguração da exposição, apenas dois familiares de uma das participantes compareceram. Esta ausência foi silenciosamente sentida, ainda que mais por uns do que por outros, e em futuras edições será crucial dar ainda mais atenção a este aspeto.

Ainda no domínio das relações, destaca-se a posição fundamental que a Animadora Sociocultural assume na vida dos utentes, frequentemente espelhada em fotografias tiradas à mesma: *“Eu acho que ela é boa por ser ela que manda na gente, que dá... dá vida para a gente fazer isto ou fazer aquilo. Quando a gente precisa de alguma coisa vai ter com ela... É importante também ela ir à rua ver os outros doentes... Mas também nos faz falta...”* (e.g.: cit. Participante C1). As relações com os restantes utentes também foi sendo mencionada pelos participantes, não só quanto a «darem-se bem», mas muito ao nível da não existência de conflitos. As atividades quotidianas iam também sendo referidas como importantes, mas eventualmente dependerá das características idiossincráticas e do nível de participação de cada um. Para A1 passam por ir ao centro de convívio; já A2 considera-as como de extrema importância; C1 prefere os seus *hobbies* individuais; C2 não as refere com clareza. Como suscitado por alguns autores (e.g.: Lima,

2012) as atividades são fundamentais, mas dependerão do grau de envolvimento nas mesmas.



Figura 27 – Imagem a um dos desenhos que pinta: “Eu num sentido estou contente. Estou contente desde que vim para aqui. Porque nunca pensei fazer coisas que tenho feito. E que se estivesse na minha casa não fazia. E aqui tenho feito, coisas bonitas, as pessoas acham bonitas e eu também acho, e pronto, tenho feito aí muita coisa que nunca tinha feito na minha vida!” (cit. Participante A2)

É por isso possível afirmar que o domínio dos relacionamentos foi o tema mais comum, mais transversal a todos os participantes e ao longo do tempo. Pelo menos, terá sido o mais frequentemente mencionado, fosse espontaneamente, pelo estímulo suscitado pela reflexão decorrente da visualização das fotografias, fosse de forma mais intencional, utilizando a imagem como meio dessa comunicação. Confirma-se, assim, a pertinência da estimulação das relações interpessoais e do combate ao isolamento social no trabalho com pessoas mais velhas.

Numa perspetiva de envelhecimento ao longo da vida (OMS, 2002), reconhece-se que as pessoas não são homogéneas e que as diferenças individuais tendem a aumentar com a idade, proclamando-se que as intervenções assentes na criação de ambientes de suporte e acolhimento saudáveis são da maior importância em todas as fases da vida. O envelhecimento ativo representará, então, a continuação de uma vida ativa e inclusiva, vivida de forma participativa tendo em conta o reconhecimento das possibilidades, expectativas e desejos de cada um (Gama, Teodoro & Simões, 2014; Pereira, 2012).

3.2.3. RESULTADOS JUNTO DA COMUNIDADE

O impacto do programa junto da comunidade e a provocação de transformação social não é algo que seja, provavelmente, possível de avaliar num tão curto espaço de tempo.

O estereótipo de que as pessoas idosas são demasiado velhas para aprenderem ainda representa um enorme obstáculo a esta perspetiva de aprendizagem ao longo da vida (Moody, 2002). Indubitavelmente, a implementação do programa, a responsabilização dos participantes e a sua aprendizagem enquanto fotógrafos proporcionaram, tanto no lar

como junto de famílias e visitantes, novas dinâmicas, potencialmente proporcionadoras de maiores crenças no potencial que a pessoa idosa mantém para apreender competências e se envolver em atividades associadas a linguagens artísticas.

Alguns pontos devem ser considerados junto do grupo (PhotoVoice.org, s.d.), nomeadamente, orçamento, o que exibir, tema, espaço, forma de exposição e disposição das fotografias, público-alvo, datas, publicidade e divulgação, inauguração, responsabilidades e avaliação dos seus resultados. É essencial garantir que a exposição tenha cobertura jornalística. Os apoios das entidades parceiras adquirem aqui real significado. Ao se proporcionar a divulgação do programa, espera-se vir a conseguir uma maior credibilização deste projeto em particular, bem como de outros do género, que estimulem e redirecionem o investimento político – pelo menos, o local – em matéria de envelhecimento. Este será um ponto a aperfeiçoar.

A fotografia é hoje cada vez mais acessível a todos e por quase todo o mundo usada, mas nenhuma destas pessoas havia mexido numa máquina fotográfica antes de tal oportunidade ser proporcionada em lar. Se ao nível da investigação das dimensões do bem-estar os resultados podem ser considerados de parca inovação, é indiscutível a demonstração de que estes participantes provaram de que é possível aprender-se a tirar fotografia e a usá-la como comunicação, mesmo tendo uma idade avançada, sendo-se proveniente de meios rurais e detendo pouco desenvolvimento escolar e cultural.

3.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS - LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Segundo Meirinho (2012), este tipo de projeto acaba por espelhar um instrumento de expressão que opera no sentido da reflexão identitária e do resgate da autoestima dos seus participantes, estimulando-se o diálogo e as relações de confiança, permitindo discussões mais aprofundadas sobre as suas estruturas identitárias e reflexões pertinentes sobre as suas necessidades e problemas. De uma forma geral, acredita-se que a envolvência no projeto e na exposição, por si só, terá sido extremamente importante para os utentes. Como previsto (e.g.: PhotoVoice.org, s.d.), a participação, especialmente na inauguração, terá elevado a sua sensação de satisfação com a vida e aumentado a sua autoestima. Até que ponto terá existido uma efetiva melhoria na sensação de bem-estar de cada participante pela sua integração no projeto, não é conclusivo. Algumas limitações podem

ser facilmente apontadas ao projeto aqui descrito e a sua avaliação será uma delas. Possuir dados comparativos que possibilitassem acreditar que a participação destas pessoas terá sido, para elas, benéfica, teria sido pertinente. De qualquer forma, num grupo tão reduzido, seria impensável atentar generalizar tais resultados. Este género de investigação promulga-se qualitativo e atende muito mais à procura de um melhor entendimento da situação particular. Não obstante, considera-se que teria sido possivelmente benéfico conseguir um grupo ligeiramente maior, como forma de aumentar a probabilidade de partilhas, de maiores aprofundamentos e de diferentes dinâmicas entre o próprio grupo.

Reforçado pelos próprios participantes, teve este programa como pontos negativos a falta de saídas/atividades em conjunto para treinar a fotografia e de uma ou mais idas a exposições – o que teria sido particularmente importante na fase em que aconteceu alguma desmotivação. De facto, com uma população tão inexperiente, será importante aprofundar mais a prática em si, o que aliás se poderá espelhar não necessariamente num aumento das sessões mas num planeamento de atividades prévias ao início do programa. Para além do mais, este planeamento pode igualmente atender, avaliar e antecipar a estimulação do raciocínio crítico e do pensamento abstrato e metafórico, precapacitando, assim, melhor os participantes para os desafios que se seguirão.

A determinada altura considerou-se vantajoso diminuir o espaçamento entre sessões. O quotidiano de pessoas a residir em ERPI é necessariamente particular, a ocupação e a autonomia para se envolverem em atividades prazerosas são reduzidas, o isolamento é tendencialmente maior e, por estas razões, é de considerar que o ritmo dos dias seja percebido de diferente maneira, comparando com pessoas em idade ativa. Assim sendo, uma semana pode parecer muito tempo e, aliado à falta de acompanhamento entre sessões, este distanciamento pode tornar-se desmotivante e deve ser considerado.

Como defende Paúl (1997), numa análise global é inconcebível não atender às características individuais da pessoa idosa, só perceptíveis no entendimento do seu curso de vida e na sua adaptação à sua realidade atual. As dificuldades associadas às características da idade têm de ser sempre tidas em conta. Auxiliares de memória, preferencialmente, que não impliquem a leitura, devem ser preparados para ajudar ao cumprimento dos desafios.

As limitações financeiras não deixam de ter o seu impacto, principalmente ao nível da escolha dos materiais e da montagem da exposição. As necessidades logísticas, além de planeadas, devem ser adaptadas ao longo do tempo de forma flexível e ajustada, para que não se gerem entraves desnecessários; a maioria das necessidades percebidas foi atendida ao longo do projeto (cadeiras, audição, visualização, entre outras...).

Considera-se ser de extrema importância que os objetivos do projeto sejam debatidos e decididos com o grupo desde o início, para que estes os percebam com clareza e para que o facilitador procure consenso na sua definição, podendo começar-se por questionar o que os participantes gostariam de fotografar (PhotoVoice.org, s.d.). Este foi um ponto difícil de atender nesta implementação do projeto e pode ter decorrido de diversos fatores, que vão desde as características dos participantes à intervenção do próprio dinamizador. É fundamental que, sem pressões, se faça atenção a este aspeto no futuro.

O facto de não serem os próprios participantes a selecionar, autonomamente, as fotografias a levar para a sessão é uma limitação a ser reconhecida, e existirão perdas que decorrerão de os mesmos não passarem por este processo cognitivo de escolha e de exclusão. Claramente, não se pode tornar esta condicionante num impedimento.

No trabalho com pessoas idosas, é frequente algumas situações inesperadas surgirem e alterarem o curso dos projetos. Nenhum mal grave aconteceu aos participantes durante a implementação das sessões. No entanto, constrangimentos súbitos impediram um melhor acompanhamento dos mesmos, especialmente, numa fase tão importante como a final, de preparação da exposição.

Teria sido particularmente pertinente, percebeu-se, uma maior observação do que foi para



os utentes voltarem a estar sem esta atividade nos seus quotidianos. Apesar das máquinas não terem sido logo retiradas, poderão ter passado até por um processo de luto, por um objetivo que se perdeu, e esse impacto não foi devidamente avaliado.

Figura 28 - Fotografia de utente a fotografar e colegas da equipa, num dos convívios da instituição

CAPÍTULO IV: NOTAS FINAIS

Como reforçam Papalia, Olds e Feldman (2006), precisamos de ir além das imagens distorcidas sobre a idade e encarar a velhice na sua realidade multifacetada, com os seus desafios e oportunidades. As políticas no domínio do envelhecimento são de uma enorme pertinência para a melhoria do posicionamento social da pessoa idosa e pela efetiva potenciação de uma sociedade mais justa e coesa (Carvalho, 2014). Na verdade, elas têm feito o seu caminho (Capucha, 2014), permitindo que as pessoas vivam mais tempo, com mais acesso a mais recursos. Indubitavelmente, a implementação de projetos como o que aqui se descreve, a reflexão e a avaliação sobre os mesmos e a sua replicação revelam-se como parte integrante e fundamental deste caminho.

No nosso país parece ainda permanecer um atraso estrutural a nível ético e social daquilo que é a legislação (Tomé et. al., 2015), tornando-se evidente que a mesma continua a valorizar a burocratização como padrão de qualidade. As medidas legisladas e regulamentações são cada vez mais (Cardoso et. al., 2012), mas não refletem necessariamente um aumento da qualidade dos serviços prestados, em particular, no que toca ao afeto, ao toque, ao cuidar, e ao respeitar da pessoa e da dignidade individual.

Será realmente essencial que os idosos possam estar eles próprios mais implicados nas transformações das suas próprias vidas, enquanto agentes ativos, protagonistas do seu próprio desenvolvimento (Antunes & Pereira, 2014; Gama, Teodoro & Simões, 2014; Jacob, 2007; Martín, 2007). O projeto “Nunca Pensei Ser Artista” procura, precisamente, potencializar a que tal aconteça, de uma forma direta, mas também que as reflexões que daqui advieram promovam que esta mudança aconteça nos seus contextos normais de vida, assumindo-se justamente, por isso, dentro do paradigma teórico sócio crítico (Coutinho, 2011)

Para além dos mais, os «problemas sociais» do mundo contemporâneo (Guerra, 2002) exigem mais saber científico, por forma a se encontrarem metodologias de ação mais adaptadas e, também, mais eficazes, reinventadas a cada trabalho (Quivy & Campenhoudt, 2005). Se a terceira idade para muitos representa um aprisionamento, para outros é o seu momento, o que está a ser vivido, aquele que, portanto, deve ser concebido

com o mesmo amor e dedicação que os restantes (Costa, 1998). Cabe a nós, técnicos, descobrir como ajudar a que este processo esteja acessível a todos os seres.

O desenvolvimento da fotografia digital possibilitou mudanças radicais, relacionadas com a imediata visualização das imagens, com os reduzidos custos de produção e com uma maior facilidade na manipulação e difusão das mesmas (Campos, 2011; Souza, 2010). Assim, o recurso a métodos audiovisuais como forma de intervenção junto das pessoas é atualmente mais difundido e facilitado do que nunca. Apesar do recurso às novas tecnologias se mostrar promissor enquanto oportunidade de aprendizagem no processo de envelhecimento ativo, a investigação continua a escassear nomeadamente no contexto português (Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2014).

Em Portugal, o “Roteiro para a Educação Artística”, publicado pela UNESCO em 2006, propôs-se explorar o papel da Educação Artística na satisfação da necessidade de criatividade e de consciência cultural no século XXI, valorizando as artes como parte do Ser, tanto em ambientes formais como não formais, e defendendo o direito humano à educação e à participação cultural, sendo este documento um dos marcos da evolução da cultura artística enquanto algo para todos no nosso país. O recurso às artes como forma de intervenção, seja individualmente ou com grupos, tem vindo a ser talvez cada vez mais valorizado, especialmente pelas características criativas únicas atrás referidas.

Em termos investigativos, por sua vez, as pesquisas qualitativas têm requerido o seu valor, em particular no que toca a metodologias participativas que privilegiam a voz do sujeito de investigação ao invés da perspectiva do próprio investigador, adquirindo os resultados uma maior significância social (Julien, Given & Opryshko, 2013). Verbalizações como *“Se eu alguma vez pensava que era capaz de pegar numa máquina de tirar fotografias!”* (cit. Participante C2) adquirem, por isso, especial significado. O Ser não somente se apercebe das transformações como fundamentalmente nelas se percebe, defende Ostrower (1993). Para além de ser acessível à maioria das pessoas, a fotografia como forma de investigação pelos próprios participantes permite poder chegar a ideias, momentos e contextos diferentes, que podem não estar ao alcance da maioria dos profissionais.

Relembrando Lima (2010), a simples participação em atividades de lazer não garante, necessariamente, bem-estar. É extremamente urgente deixarmos de partir do pressuposto

de que sabemos do que as pessoas precisam para a melhoria do seu bem-estar e qualidade de vida. No entanto, é raro o envolvimento de pessoas idosas enquanto parceiras nos próprios processos de investigação (Blair & Minkler, 2009). É preciso reinventar a sociedade contemporânea, modificar práticas e discursos sobre as pessoas mais velhas (Caballero *et al.*, 2013), dar voz àqueles por quem se almeja intervir, na sua complexidade e idiossincrasias, no seu poder de saber sobre si mesmos. “Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira” (Freire, 2005: 94).

Efetivamente, o *Photovoice* pode servir para afirmar a ingenuidade e perspectiva das comunidades mais desfavorecidas da sociedade, possibilitando que os participantes tragam histórias, ideias e entendimentos de outros membros, e reafirmem o próprio sentido de comunidade (Wang & Burris, 1997). Através do *Photovoice*, é possível explorar a vertente emocional de cada imagem, carregada pelas pessoas que vivenciam tais problemas ou potencialidades da comunidade em primeira mão, aproximando-as de uma posição de maior poder sobre a mudança pela procura de soluções (Wang & Burris, 1997). Não é papel do facilitador encontrar tais respostas mas sim criar condições para que as mesmas sejam encontradas. A replicação de projetos deste género é cada vez mais fácil e desejada, mas é imprescindível reforçar que estes programas devem ser dirigidos por pessoas competentes, com formação específica, com experiência no trabalho com pessoas de idade avançada e não prescindindo nunca de supervisão, tanto de especialistas como das próprias equipas técnicas. A metodologia é muito mais do que um simples entregar de máquinas fotográficas a pessoas. Requer saber e consciência, implica uma responsabilidade enorme de quem dela faz uso.

Se o primeiro objetivo do projeto passou por implementar um programa de *Photovoice* junto de idosos clientes da ADSFAN, disponibilizando uma nova atividade, ensinando os participantes a usar a Fotografia como forma de expressão, é possível assumir que o mesmo foi atingido, não obstante as dificuldades ao nível do uso consciente da imagem enquanto meio de comunicação metafórico e abstrato. Relativamente à investigação sobre os constructos de bem-estar destas pessoas, percebe-se a importância dos cuidados, das atividades, mas, fundamentalmente, da saúde e das relações, despoletando o olhar para o potencial do envolvimento em programas que promovam a inclusão social e participativa. É aí que a dimensão de fazer chegar os resultados do “Nunca Pensei Ser Artista” conclui o último objetivo, que ainda deseja um caminho longo.

Não será fácil a entrada numa ERPI (Carvalho & Dias, 2011; Guedes, 2012; Paúl, 1997), mas será possível ser-se feliz vivendo num lar: *“Nunca pensei [sobre tirar fotografias]... Nem nunca pensei vir para o lar. Era uma coisa que eu dizia sempre, não me levem para o lar. Mas depois (...) o meu filho disse para mim, oh mãe você, eu sei que você não queria ir para o lar, mas tem que ir... Então está aqui sozinha... Depois eu tinha um mal, que passou, graças a Deus, que adormecia e tinham que me sacudir para eu acordar, eu não acordava... Agora se eu durmo muito tempo fico cara!”* (cit. Participante C1). A emoção dá vida, dá movimento, é parte constituinte do nosso ser. As investigações na área do bem-estar têm vindo a indicar que o envolvimento em objetivos mais intrínsecos e persistentes estão mais associados à felicidade (Novo, 2005), tornando-se, por isso, crucial que este projeto não se perca por aqui. Compreender as emoções da pessoa e permitir que ela se compreenda a si própria, de forma continuada e não, apenas, pontual, é imprescindível a uma efetiva intervenção.

A análise do contexto sociocultural onde a pessoa idosa se insere é, sem dúvida, indispensável aquando da análise do processo de envelhecimento (Silva, 2009). A família é uma das respostas mais consideradas e um importante pilar no apoio a esta altura da vida (Jacob, 2012). Ainda que a solidão não seja uma experiência exclusiva da idade avançada, a verdade é que não raramente as pessoas idosas se encontram sós nesta fase de adaptação tão complicada, sem redes de suporte, tanto familiares como sociais, sem alguém em quem possam confiar e que as compreenda adequadamente (Milhano, 2012). É por isso fatal que, daqui em diante, não se deixe cair no esquecimento os ganhos deste projeto, e potenciar espaços para que os participantes possam continuar a dar uso às novas competências que adquiriram, envolvendo-os e responsabilizando-os sobre atividades em que possam fazer uso da fotografia.

Em termos dos prováveis impactos deste projeto, tomar mais consciência de si mesmo, das suas próprias potencialidades, perpetuará a construção de um processo de desenvolvimento pessoal, aumentará a autoestima e possibilitará uma maior centração no momento presente: *“Eu nunca pensei estar a fazer coisas como tenho feito. Nunca fiz um desenho. O primeiro retrato que tirei foi ali um dia destes no jardim, e agora calhou outra vez, e continuo a fazer pinturas, toda a gente diz que estão bonitas, que estão bonitas, e eu gosto de fazer.”* (cit. Participante A2).

“Já viste, eu agora depois de velha, vou tirar um curso! Aiii se eu imaginava agora... Aprender a tirar retratos com esta idade!” (cit. Participante C2). Os ganhos de qualquer intervenção, desde que conscientemente planeada e desenvolvida, existem sempre, nem que para moldar futuras práticas. As novas dinâmicas relacionais foram, possivelmente, um dos maiores ganhos deste projeto e devem continuar a ser estimuladas. Os assuntos de cada um refletem o que é mais importante para eles; e as relações, o trato, o afeto, assumem os principais temas. Barthes (1981) realça precisamente a ideia de como existe uma interação entre fotógrafo e fotografado, sendo provável uma praxis de dialogismo entre ambos, estimulando-se a interação e promovendo-se o combate ao isolamento. Esta será uma meta a nunca abandonar.

É imensurável o proveito do aprofundar de relações sociais num mundo onde o isolamento poderá estar a ganhar a sua preponderância, bem como será o proporcionar de novas experiências, tão importantes como fotografar a banda dos nossos netos a dar um concerto, numa idade onde a esperança pode ser estar perto de desaparecer e a solidão arrisca-se a ser a companhia de todos os dias.

BIBLIOGRAFIA

Antunes, M. & Pereira, J. (2014). Animação sociocultural e terceira idade. In A. Fontes, J. Sousa, M. Lopes & S. Lopes [Eds.], *Cultura, Participação e Animação Sociocultural em Contextos Iberoamericanos* (pp. 135 – 145). Leiria: RIAP – Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural.

Arcari, A. (2001). *A Fotografia: As formas, os objectos, o homem*. Lisboa: Edições 70.

Assembleia da República (2005). *Constituição da República Portuguesa de 1976 – VII Revisão Constitucional*. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Documents/constpt2005.pdf>

Barreto, J. (1998). A Realidade Social dos Idosos em Portugal: O Desafio do Ano 2000. *Saber (e) Educar*, 3, 17 – 24.

Barreto, J. (2005). Envelhecimento e Qualidade de Vida: o desafio actual. *Sociologia*, XV, 289 – 302.

Barros de Oliveira, J. (2010). *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso, 4ª edição*. Porto: Livpsic.

Barthes, R. (1981). *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70.

Bauret, G. (2000). *A Fotografia: história, estilos, tendências, aplicações*. Lisboa: Edições 70.

Blair, T. & Minkler, M. (2009). Participatory Action Research With Older Adults: Key Principles in Practice. *The Gerontologist*, 49 (5), 651 – 662.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.

Bulla Júnior, L. (2005). Fotografia e Loucura: um olhar sobre a condição humana na experiência do transtorno mental. *Discursos Fotográficos*, 1, 213-230.

Caballero, M., Lima, M., Costa, J. & Galvis, C. (2013). Adultos Idosos como Agentes: O Projeto W2P. *Revista E-Psi*, 3 (1), 48 – 68.

- Caetano, A. (2008). Práticas fotográficas e identidades. A fotografia privada nos processos de (re)construção identitária. *VI Congresso Português de Sociologia*.
- Campos, R. (2011). Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. *Análise Social, XLVI (199)*, 237-259.
- Campos, R. (2013). *Introdução à Cultura Visual. Abordagens e Metodologias em Ciências Sociais*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Capucha, L. (2014). Envelhecimento e políticas sociais em tempos de crise. *Sociologia, problemas e práticas, 74*, 113 – 131.
- Cardoso, S., Santos, M., Baptista, M. & Clemente, S. (2012). Estado e políticas sociais sobre a velhice em Portugal (1990--2008). *Análise Social, 204, xlvii (3.º)*, 606 – 630.
- Carvalho, R. de (1976). *História da Fotografia – ciência para gente nova nº2*. Coimbra: Atlântida.
- Carvalho, M. (2014). Social work and intervention with older people in Portugal: a critical point of view. *European Journal of Social Work, 17 (3)*, 336 – 352.
- Carvalho, M. & Dias, M. (2011). Adaptação dos Idosos Institucionalizados. *Millenium, 40*, 161 – 184.
- Catalini, C. & Minkler, M. (2010). Photovoice: A Review of the Literature in Health and Public Health. *Health Education & Behavior, 37 (3)*, 424 – 451.
- Cohen, G. (2006). Research on Creativity and Ageing: The Positive Impact of the Arts on Health and Illness. *Generations, XXX (1)*, 7 – 15.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Costa, E. (1998). *Gerontodrama: a velhice em cena. Estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade*. São Paulo: Ágora.
- Crespo, A. & Pulido, P. (2014). La Fotografía Participativa en el contexto socio-educativo com adolescentes. *Comunicación y Hombre, 10*, 143-156.

- Cronin, Ó. (1998). Psychology and Photographic Theory. In J. Posser [Eds.], *Image-based Research – A Sourcebook for Qualitative Researchers* (pp. 69 – 83). London and New York: Routledge.
- Damásio, A. (2003). *Ao Encontro de Espinosa: as emoções sociais e a neurologia do sentir*. Lisboa: Europa América.
- Dubois, P. (1993). *O Ato Fotográfico e Outros Ensaio, 2ª edição*. Campinas: Papirus.
- Esgalhado, G.; Reis, M., Pereira, H. & Afonso, M. (2014). Bem-estar Psicológico e Suporte Social numa Amostra de Idosos Portugueses Institucionalizados. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2 (1), 401 – 410.
- Esping-Andersen, G., & Palier, B. (2009). *Três lições sobre o Estado-Providência*. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Flood, M. & Phillips, K. (2007). Creativity in older adults: A plethora of possibilities. *Issues in Mental Health Nursing*, 28, 389 – 411.
- Fonseca, A. (2004). *O Envelhecimento – Uma abordagem psicológica*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Formosa, M. (2013). Creativity in Later Life: possibilities for personal empowerment. *Fornvårdaren*, 34, 78 – 93.
- Fortin, M., Prud'Homme-Brisson, D., & Coutu-Wakulczyk, G. (1999). Noções de Ética em Investigação. In M. Fortin, *Processo de Investigação: Da concepção à realização* (pp. 113-130). Loures: Lusociência.
- Fragoso, V. (2012). Emoção, Sentimento e Afeto na senioridade. In V. Fragoso & M. Chaves [Org.], *Educação Emocional para Seniores* (pp. 55 - 107). Viseu: Psicosoma.
- Freire, P. (1979). *Educação e Mudança*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fristrup, T. (2013). Craving Creativity in Later Life. *Fornvårdaren*, 34, 56 – 77.

Galinha, I. & Pais-Ribeiro, J. (2005). História e Evolução do Conceito de Bem-Estar Subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (2), 203 – 214.

Galinha, I., & Pais-Ribeiro, J. L. (2011). Cognitive, affective and contextual predictors of subjective wellbeing. *International Journal of Wellbeing*, 2 (1), 34 – 53.

Gama, A., Teodoro, A. & Simões, A. (2014). Participação dos idosos: percursos construídos por finalistas da licenciatura em animação sociocultural. In A. Fontes, J. Sousa, M. Lopes & S. Lopes [Eds.], *Cultura, Participação e Animação Sociocultural em Contextos Iberoamericanos* (pp. 146 – 159). Leiria: RIAP – Rede Iberoamericaba de Animação Sociocultural.

Garcês, S., Pocinho, M. & Jesus, S. (2013). Predição da criatividade e saúde mental. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 14 (2), 272 – 279.

Governo de Portugal (2012). *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações. Programa de Ação, 2012*. Disponível em <http://www.igfse.pt/upload/docs/2012/Programa%20A%C3%A7aoAnoEuropeu2012.pdf>

Griehling, S., Vaughn, L., Howell, B., Ramstetter, C. & Dole, D. (2013). From Passive to Active Voice: Using Photography as a Catalyst for Social Action. *International Journal of Humanities and Social Science*, 3 (2), 16 – 28.

Guedes, J. (2012). *Viver num Lar de Idosos: Identidade em Risco ou Identidade Riscada?* Lisboa: Coisas de Ler.

Guerra, I. (2002). *Fundamentos e processos de uma sociologia da acção: o planeamento em Ciências Sociais, 2.ª edição*. Cascais: Principia.

Hilário, F. (2007). A Arte: entretenimento, jogo e terapia. In J. Pereira, F. Vieites & M. Lopes [Coord.], *Animação, Artes e Terapias* (pp. 53 – 58). Ponte de Lima: Intervenção.

Instituto Nacional de Estatística [INE] (2011). *Censos 2011 – Resultados Provisórios*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I. P.

Instituto Nacional de Estatística [INE] (2014). Projeções de População Residente 2012-2060. *Destaque*, 1 - 18.

- Jacob, L. (2007). *Animação de Idosos – Atividades*. Porto: Ambar.
- Jacob, L. (2012). Respostas Sociais para Idosos em Portugal. In F. Pereira [Coord.], *Teoria e Prática de Gerontologia – Um guia para cuidadores de Idosos* (pp. 129 – 147). Viseu: Psicosoma.
- Joly, M. (2007). *Introdução à análise da Imagem*. Lisboa: 70.
- José, J. & Teixeira, A. (2014). Envelhecimento ativo: contributo para uma discussão crítica. *Análise Social*, 210, XLIX(1.º), 28 – 54.
- Julien, H., Given, L. & Opryshko, A. (2013). Photovoice: A promising method for studies of individuals' information practices. *Library & Information Science Research*, 35, 257 – 263.
- Kowalski, M. (2013). *O tempo na fotografia*. IV Colóquio Internacional de Doutorandos/as do CES. Em http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n10/documentos/6.1.3_Maria_Pereira_Kowalski.pdf
- Lamas, M. & Paúl, C. (2013). O envelhecimento do sistema sensorial: implicações na funcionalidade e qualidade de vida. *Actas de Gerontologia*, 1 (1), 1 – 11.
- Lewinson, T., Robinson-Dooley, V. & Grant, K. (2012). Exploring “Home” Through Resident’s Lenses: Assisted Living Facility Residents Identify Homelike Characteristics Using Photovoice. *Journal of Gerontological Social Work*, 55 (8), 745 – 756.
- Lima, M. (2004). *Posso Participar? Atividades de desenvolvimento pessoal para idosos*. Porto: Ambar.
- Lima, M. (2010). *Envelhecimento – Estado da Arte*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lima, M. (2012). *Intervenção em grupo com adultos de idade avançada. Sumário da lição, no âmbito das Provas para atribuição do título académico de Agregado em Psicologia*. FPCE, Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/22953/1/Interven%C3%A7%C3%A3o%20em%20grupo%20com%20adultos.pdf>

Lima, M. & Oliveira, A. (2015). Intervenção em grupo com pessoas de idade avançada: A importância da relação. *Revista E-Psi*, 5 (1), 23 – 39.

Lopes, M. (2011). A hermenêutica como paradigma metodológico da animação sociocultural. In M. S. Lopes [Coord.], *Metodologias de investigação em animação sociocultural* (pp. 241 – 256). Chaves: Intervenção.

Machado, W. & Bandeira, D. (2012). Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos. *Estudos de Psicologia*, 29 (4), 587 – 595.

Marques, E., Pais-Ribeiro, J., Alves, C. & Neves, A. (2010). Consentimento informado na investigação psicológica na área da saúde: contributo das regulamentações (inter)nacionais. *Psiquiatria, Psicologia & Justiça*, 3, 131 – 145.

Martin, M. (1987). *Semiología de la Imagen y Pedagogía: Por una pedagogia de la investigación*. Madrid: Narcea.

Martín, A. (2007). Gerontologia Educativa: Enquadramento disciplinar para o estudo e intervenção socioeducativo com idosos. In A. R. Osório & F. C. Pinto [Coord.], *As Pessoas Idosas* (pp. 47 – 73). Lisboa: Instituto Piaget.

Meirinho, D. (2012). A Fotografia Participativa como ferramenta de expressão e representação social. Foto-ensaio do Projecto “Olhares em Foco”. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 1, 77-82.

Meirinho, D. (2015). Olhares do saber e do fazer: O uso do método Photovoice como instrumento para a literacia visual em contextos de exclusão e vulnerabilidade. In M. J. Brites, A. Jorge & S. C. Santos [Eds.], *Metodologias Participativas: Os media e a educação* (pp. 203 – 212). Covilhã: LabCom Books.

Meirinho, D. (2016). *Olhares em Foco – Fotografia participativa e empoderamento juvenil*. Covilhã: LabCom.IFP. Disponível em http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/201607081638-201605_dmeirinho_olharesfoco.pdf

Miguel, I. (2014). Envelhecimento e Desenvolvimento Psicológico: entre mitos e factos. In H. da Luz & I. Miguel [Coord.], *Gerontologia Social – Perspetivas de análise e intervenção* (pp. 53 – 68). Coimbra: Instituto Superior Bissaya Barreto.

Milhano, S. (2012). Motivações e perceções da participação num projeto de valorização do envelhecer através das artes e da música – um estudo exploratório. In F. Canastra, G. Santos & M. Lopes [Org.], *Animação Cultural: Descobrendo Caminhos* (pp. 67 - 83). ESECS / NIDE / CIID / Instituto Politécnico de Leiria.

Milhano, S. (2014). Práticas musicais e artísticas e a (re)construção de identidades numa comunidade sénior. In A. Fontes, J. Sousa, M. Lopes & S. Lopes [Eds.], *Cultura, Participação e Animação Sociocultural em Contextos Iberoamericanos* (pp. 223 – 233). Leiria: RIAP – Rede Iberoamericaba de Animação Sociocultural.

Ministério da Educação (2000). *A Educação Artística e a Promoção das Artes, na Perspectiva das Políticas Públicas: Relatório do grupo de contacto entre os Ministérios da Educação e da Cultura* (Augusto Santos Silva [Coord.]). Lisboa: Ministério da Educação. Disponível em http://www.educacao-artistica.gov.pt/documentos/Educ_Art%C3%ADstica_redu.pdf

Ministério da Saúde (2004). *Programa Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas*. Lisboa: Ministério da Saúde.

Moody, H. (2002). Controversy 9: Does Creativity Declines With Age? In H. Moody, *Aging: Concepts and controversies, 4rd ed.* Thousand Oaks: Pine Forge (pp. 368 – 390).

Neiva-Silva, L. & Koller, S. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia* 2002, 7(2), 237-250.

Neto, M., Corte-Real, J. (2013). The Elder institutionalized: depression and social support. *Journal of Aging & Inovation*, 2 (3), 26 – 41.

Novo, R. (2005). Bem-Estar e Psicologia: Conceitos e Propostas de Avaliação. *RIDEP*, 20 (2), 183 – 203.

Oliveira, J. (2007). Terapia pela Arte numa abordagem hermenêutica. In J. Pereira, F. Vieites & M. Lopes [Coord.], *Animação, Artes e Terapias* (pp. 215 – 223). Ponte de Lima: Intervenção: Associação para a promoção e divulgação cultural.

Organização Mundial de Saúde [OMS] (2001). *Men, ageing and health. Achieving health across the Span*. Geneva: World Health Organization.

Organização Mundial de Saúde [OMS] (2002). *Active Ageing: A Policy Framework*. Geneva: World Health Organization. Disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf

Organização Mundial de Saúde [OMS] (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde.

Organização Mundial de Saúde [OMS] (2015). *World Report on Ageing and Health*. Geneva: World Health Organization. Disponível em http://www.who.int/kobe_centre/mediacentre/world_report_on_ageing_and_health_eng.pdf

Osorio, A. (2008). Animação Sociocultural na Terceira Idade. In J. Pereira, F. Vieites & M. Lopes [Coord.], *A Animação Sociocultural e os Desafios do Séc. XXI* (pp. 207-219). Ponte de Lima: Intervenção: Associação para a promoção e divulgação cultural.

Ostrower, F. (1993). *Criatividade e Processos de Criação, 9ª edição*. Petrópolis: Vozes.

Pais-Ribeiro, J. (1994). A importância da qualidade de vida para a psicologia da saúde. *Análise Psicológica*, 2-3 (XII), 179 – 191.

Pais-Ribeiro, J. (2009). A importância da qualidade de vida para a psicologia da saúde. In J.P. Cruz, S.N. de Jesus, & C Nunes (Coords.), *Bem-Estar e Qualidade de Vida* (pp.31-49). Alcochete: Textiverso.

Palibroda, B., Krieg, B., Murdock L. & Havelock, J. (2009). *A Practical Guide to Photovoice: Sharing Pictures, telling stories and changing communities*. Winnipeg: Prairie Women's Health Centre of Excellence. Disponível em http://www.pwhce.ca/photovoice/pdf/Photovoice_Manual.pdf

Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R (2006). *Desenvolvimento Humano, 8ª edição*. São Paulo: Artmed.

Paúl, C. (1997). *Lá para o fim da vida – idosos, família e meio ambiente*. Coimbra: Almedina.

Paúl, C. (2005). Envelhecimento activo e redes de suporte social. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras*, 15, 275 – 287.

Paúl, C., Fonseca, A., Martín, I. & Amado, J. (2005). Satisfação e qualidade de vida em idosos portugueses. In C. Paúl & A. M. Fonseca [Coord.], *Envelhecer em Portugal – Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados* (pp. 75-95). Lisboa: Climepsi Editores.

Pereira, F. (2012). A Ideia de Vida Ativa. In F. Pereira [Coord.], *Teoria e Prática de Gerontologia – Um guia para cuidadores de Idosos* (pp. 207 – 214). Viseu: Psicossoma.

Pereira, F. & Pimentel, H. (2012). Emergência da Gerontologia e do Gerontólogo. In F. Pereira [Coord.], *Teoria e Prática de Gerontologia – Um guia para cuidadores de Idosos* (pp. 27 – 40). Viseu: Psicossoma.

PhotoVoice.org (s.d). *The PhotoVoice Manual: A guide to designing and running participatory photography projects*. PhotoVoice.org. Disponibilizado em 2014 em http://www.photovoice.org/wp-content/uploads/2014/09/PV_Manual.pdf

Photovoice Hamilton Ontario (2007). *Photovoice Hamilton - Manual and Resource Kit*. Disponível em: <http://www.naccho.org/topics/infrastructure/mapp/framework/clearinghouse/upload/Photovoice-Manual.pdf>

Posser, J. (1998). The Status of Image-based Research. In J. Posser [Eds.], *Image-based Research – A Sourcebook for Qualitative Researchers* (pp. 97 – 112). London and New York: Routledge.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais – 4ª edição*. Lisboa: Gradiva.

Rebelo, H. (2007). Psicoterapia na idade adulta avançada. *Análise Psicológica*, 4 (XXV), 543-557.

Ribeiro, J. (2005). Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. *Revista de Antropologia*, 48 (2), 613 – 648.

Ribeiro, O. (2012). O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição. *Sociologia, Envelhecimento demográfico*, 33 – 52.

- Roberto, M., Fidalgo, A. & Buckingham, D. (2014). “Estas memórias que os retratos nos dão” – análise de um programa de inclusão digital aplicado em contexto de lar de terceira idade. *Investigar em Educação, II (1)*, 199 – 218.
- Rodrigues, F. (2011). *Educação do Olhar*. Lisboa: Chiado.
- Rogers, C. (1974). *Tornar-se Pessoa, 2ª edição*. Lisboa: Moraes.
- Romero, M., Hyvönen, P. & Barberà, E. (2012). Creativity in Collaborative Learning across the Life Span. *Creative Education, 3 (4)*, 422 – 429.
- Runco, M. (2004). Creativity. *Annual Review of Psychology, 55*, 657 – 687.
- Ryff, C. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*, 1069 – 1081.
- Sequeira, C. (2010). *Cuidar de Idosos com Dependência Física e Mental*. Lisboa: Lidel.
- Scharf, A. (1994). *Arte y fotografía*. Madrid: Alianza.
- Serrano, G. (1997). Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural. In J. Trilla [Coord.], *Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos* (pp. 101 – 119). Lisboa: Instituto Piaget – Ariel.
- Serrano, M. (2011). Desafios da investigação qualitativa em Animação Sociocultural. In M. S. Lopes [Coord.], *Metodologias de investigação em animação sociocultural* (pp. 325 – 350). Chaves: Intervenção.
- Silva, S. (2009). *Qualidade de Vida e Bem-estar Psicológico em Idosos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Sitvast, J. & Abma, T. (2012). The Photo-Instrument as a Health Care Intervention. *Health Care Anal, 20*, 177 – 195.
- Sousa, J. (2014). Superar o luto: as atividades socioculturais na intervenção com as pessoas idosas institucionalizadas. In A. Fontes, J. Sousa, M. Lopes & S. Lopes [Eds.], *Cultura, Participação e Animação Sociocultural em Contextos Iberoamericanos* (pp. 169 – 180). Leiria: RIAP – Rede Iberoamericaba de Animação Sociocultural.

- Souza, D. (2010). Exclusão Digital e Fotografia: Apropriações e utilizações dos equipamentos de captação da imagem. *Visualidades*, 8 (2), 269 – 289.
- Souza, S. & Lopes, A. (2002). Fotografar e Narrar: A produção do conhecimento no contexto da escola. *Cadernos de Pesquisa*, 116, 61 – 80.
- Stanfield, R. (2000). *The art of focused conversation: 100 ways to access group wisdom in the workplace*. Gabriola Island, Canada: New Society.
- Tomé, A., Rodrigues, C., Costa, S. & Marques, S. (2015). Evolução da Legislação para Estruturas Residenciais e a Estigmatização do Envelhecimento em Portugal. *Journal of Aging & Innovation*, 4 (2), 11 – 20.
- UNESCO (2006). *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.
- Vega, C. (2004). *El ojo en la mano: La Mirada fotográfica en el siglo XIX*. Girona: CCG.
- Wallerstein, N. & Bernstein, E. (1988). Empowerment Education: Freire's Ideas Adapted to Health Education. *Health Education Quarterly*, 15 (4), 379-394.
- Wang, C. (1999). Photovoice: A Participatory Action Research Strategy Applied to Woman's Health. *Journal of Women's Health*, 8 (2), 185 – 192.
- Wang, C. & Burris, M. (1997). Photovoice: Concept, Methodology, and Use for Participatory Needs Assessment. *Health Education & Behavior*, 24 (7), 369 – 387.
- Wang, C., Yi, W., Tao, Z. & Carovano, K. (1998). Photovoice as a participatory health promotion strategy. *Health Promotion International*, 13 (1), 75 – 86.
- Winston, B. (1998). The Camera Never Lies: The Partiality of Photographic Evidence. In J. Posser [Eds.], *Image-based Research – A Sourcebook for Qualitative Researchers* (pp. 60 – 68). London and New York: Routledge.
- Woodhouse, A. (2013). Exploring the Impact of Participatory Arts on Older People: what the research literature tell us. *Fornvårdaren*, 34, 35 – 55.

ANEXOS

ANEXO I – CONSENTIMENTO INFORMADO

Consentimento Informado

Eu, _____, utente da Estrutura Residencial para Pessoas Idosas da Associação de Desenvolvimento Social da Freguesia de A-dos-Negros [ADSFAN] **declaro ser conhecedor(a) do âmbito do projeto *Photovoice – Intervenção pelo bem-estar de pessoas idosas***, inserido no Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, sob a orientação da Professora Maria Isabel Dias e da Professora Maria Kowalski, que está a ser implementado nesta Associação a cargo da Aluna e Psicóloga Rosalinda Coelho Chaves. O mesmo foi-me explicado oralmente e percebi com clareza as suas implicações. **Declaro, também, ter conhecimento de que este projeto incluirá a investigação, divulgação e publicação dos resultados do mesmo** em contexto académico e científico, bem como incluirá a exposição pública das fotografias que vierem a ser produto desta mesma intervenção, com o meu consentimento, e desde que não sejam divulgados dados que não interessem ao propósito da referida investigação, ou qualquer outro tipo de informações pessoais.

Desejo participar voluntariamente neste projeto, sabendo que o posso abandonar a qualquer momento. Autorizo a publicação de fotografias de minha autoria e por mim escolhidas. **Declaro, ainda, autorizar a gravação áudio das sessões** que compõem o programa, apenas para uso no tratamento de dados e não para divulgação.

_____ de _____ de 2016

(não sabe / não consegue assinar)

ANEXO II – AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Pedido de Autorização

Eu, Rosalinda Coelho Chaves, Psicóloga desta Instituição, venho por este meio pedir formalmente a vossa autorização para implementar o projeto *Photovoice – Intervenção pelo bem-estar de pessoas idosas*, por mim desenvolvido (e anteriormente a vós apresentado) no âmbito do Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, sob a orientação da Professora Maria Isabel Dias e da Professora Maria Kowalski.

Este projeto incluirá a investigação, divulgação e publicação dos resultados do mesmo em contexto académico e científico, incluindo a exposição das fotografias que vierem a ser produto desta mesma intervenção, sob o consentimento dos respetivos participantes.

Mais acrescento que não serão divulgados dados que não interessem ao propósito da referida investigação, nem qualquer tipo de informações que possam comprometer a política de confidencialidade da Instituição.

18 de Dezembro de 2015

Muito obrigada pela vossa atenção,

(Rosalinda Chaves)

Declaramos que autorizamos a implementação do projeto acima referido, bem como a divulgação e publicação académica e científica dos dados recolhidos, desde que mantida a confidencialidade daqueles que não sirvam o intuito da mesma.

18 de Dezembro de 2015

O Presidente da Direção da ADSFAN

(José Pereira)

ANEXO III – AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE IMAGEM

Autorização de Publicação de Imagem

Eu, _____, declaro ser conhecedor(a) do âmbito do **projeto *Photovoice – Intervenção pelo bem-estar de pessoas idosas***, inserido no Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, sob a orientação da Professora Maria Isabel Dias e da Professora Maria Kowalski, que está a ser implementado na Associação de Desenvolvimento Social da Freguesia de A-dos-Negros a cargo da Aluna e Psicóloga Rosalinda Coelho Chaves.

Declaro, também, ter conhecimento de que este projeto incluirá a investigação, divulgação e publicação dos resultados do mesmo em contexto académico e científico, incluindo a exposição das fotografias que vierem a ser produto desta mesma intervenção.

Mais declaro autorizar a publicação de fotografias onde está presente a minha imagem, suscetível de ser identificada, desde que não sejam divulgados dados que não interessem ao propósito da referida investigação, ou qualquer outro tipo de informações pessoais.

_____ de _____ de 2016

(assinatura)

ANEXO IV – LISTA DE DINÂMICAS DE GRUPO POSSÍVEIS

1. Quebra-gelo

- a. **Novelo de Lã:** Passar um novelo de lã de mão em mão, primeiro em roda e depois aleatoriamente. O participante que tiver o novelo na mão deverá responder a um desafio ou pergunta. No final, formar-se-á uma teia de lã, que pode ser usada como mote para falar sobre a importância da união, da partilha e do trabalho de grupo.
- b. **Retrato:** O grupo deverá trabalhar em pares; cada um desenha, como conseguir, o retrato do outro, devendo refletir os seus gostos e interesses. Esta dinâmica pode ser particularmente interessante como forma de introduzir conceitos gerais sobre imagem; Se o grupo não se sente confortável para desenhar, poderá ser lançado o mesmo género de desafio com a montagem de recortes de imagens de revistas e jornais.
- c. **Sons em Grupo:** Cada um escolhe um som; todos o devem repetir.
- d. **Coisas em comum:** Os participantes terão que falar entre si e descobrir coisas em comum; o facilitador pode, ou não, dar ideias. Poderá ser útil, em grupos maiores, que esta atividade decorra em pares.
- e. **Escolher um objeto:** Cada participante deverá escolher um objeto como representante de si mesmo, metaforicamente, e partilhar os motivos da sua escolha.
- f. **Escolher uma imagem:** Esta atividade é similar à anterior, mas com imagens.
- g. **Gesto que me define / Movimentos / Como estou:** Demonstrar numa expressão corporal (ou som) como se sente.

2. Aquecimento

- a. **Escada das Idades:** O grupo deverá organizar-se consoante as suas idades ou datas de aniversário por ordem crescente, num curto espaço de tempo.
- b. **Levanta-te se... :** O grupo poderá estar disposto em roda ou aleatoriamente. Todos começam sentados, menos um, que fica em pé; o objetivo é conseguir sentar-se. Esta pessoa deverá começar por dizer “*Levantem-se todos os que...*” e estabelecer uma condição, que o próprio seja detentor, Por exemplo: “*Levantem-se todos os que tenham calças pretas!*” Todos os que tiverem sob essa condição terão que se levantar e procurar um novo lugar e a pessoa que estava no meio deve, igualmente, encontrar um lugar para si. Recomeça o jogo aquele que ficar em pé.
- c. **Passa a palma!** Em roda, passar algo imaginário de palma em palma.
- d. **Som da “Abelha”:** Som tradicionalmente usado pelo yoga, com efeitos relaxantes.

3. Jogos de Concentração

- a. **1, 2, 3 de Bradford:** O grupo deve ser dividido dois a dois. Cada par tem que contar, alternadamente, até três. Exemplo: O sujeito A diz “1”, o sujeito B diz “2” e o A diz “3”, recomeçando o B a dizer “1”. Este jogo é mais complexo do que parece e exige muita concentração. Para complexificar, os números podem ser, progressivamente, substituídos por sons.
- b. **Contar em grupo:** Sem ordem estabelecida, um participante deve dar início à contagem e os outros devem continuar; no entanto, nenhum participante pode dizer o mesmo número ao mesmo tempo que outro, sob pena de voltar ao início.
- c. **Zip Zap Boing:** Passar uma «bola de energia» - com *zip*, passa para o lado direito, com *zap* para o esquerdo e com *boing* recusa e a bola volta atrás.
- d. **STOP:** Tradicional, mas oral. Palavras começadas por... Nomes de Animais...

4. Dividir em grupos menores

- a. **Distribuir imagens:** Encontrar as que são iguais ou as que se completam entre si, em puzzle ou por categorias)

5. Dinâmicas de Despedida

6. Ideias de Desafios Fotográficos

- a. Calendário (uma fotografia por dia)
- b. Palavra motriz
- c. Caça ao tesouro (palavras, cores, texturas...)
- d. Algo que eu gosto
- e. Algo que eu não gosto
- f. O meu sítio preferido
- g. A minha comida preferida
- h. A minha atividade favorita
- i. A melhor parte do dia
- j. O mais importante do dia
- k. O que mais me custa no meu dia
- l. A pior parte do dia
- m. Os meus medos
- n. Os meus sonhos

Bibliografia de apoio:

- Augusto Boal

- PhotoVoice.org

ANEXO V – CRONOGRAMA DAS SESSÕES, TEMAS E OBJETIVOS

Fase	#	Data	Tema	Objetivos
Entrevistas		22 a 27 04/2016	<i>Entrevistas iniciais individuais</i>	Avaliação inicial
I	1	29/04/2016	<i>Apresentação e iniciação do programa</i>	Introduzir a fotografia e o photovoice Trabalhar a relação entre o grupo Dar início aos trabalhos
	2	05/05/2016	<i>Conceitos Base de Fotografia 1</i>	
	3	12/05/2016	<i>Conceitos Base de Fotografia 2</i>	
	3.4	13/05/2016	<i>Conceitos Base de Fotografia 3 – workshop com Professora Maria Kowalski</i>	
II	4	19/05/2016	<i>Conceitos Base de Fotografia 4</i>	Afinar questões técnicas de fotografia Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa, investigando o bem-estar
	5	27/05/2016	<i>Levantar questões, procurar respostas 1</i>	
	6	30/05/2016	<i>Levantar questões, procurar respostas 2</i>	
	7	02/06/2016	<i>Levantar questões, procurar respostas 3</i>	
	8	06/06/2016	<i>Levantar questões, procurar respostas 4</i>	
	9	09/06/2016	<i>Levantar questões, procurar respostas – Aprofundar 1</i>	
	10	15/06/2016	<i>Levantar questões, procurar respostas – Aprofundar 2</i>	
III	11	30/06/2016	<i>Aprofundar 3; Preparação para a finalização do projeto</i>	Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa
	12	04/07/2016	<i>Preparação da exposição e Finalização do projeto</i>	Encerrar os trabalhos, levantando apreciações sobre o projeto Preparar a exposição final
	13	07/07/2016	<i>Preparação da exposição e Finalização do projeto</i>	
		09/07/2016	Inauguração da Exposição “ <i>Nunca Pensei Ser Artista!</i> ”	

ANEXO VI – FOTOGRAFIAS DO EVENTO DE ANGARIAÇÃO DE FUNDOS
(MARÇO)



ANEXO VII – ALGUNS MATERIAIS DE DIVULGAÇÃO (POR TOMÁS EMÍDIO)




**EXPOSIÇÃO
DE FOTOGRAFIA A
CARGO DE UTENTES
PHOTOVOICE
— ADSFAN
09-22 JULHO 2016
JF. A-DOS-NEGROS**

INAUGURAÇÃO: 9 de Julho, Sábado, às 15 horas;
LOCAL: Sala da Junta de Freguesia de A-dos-Negros
HORÁRIO: Horário de Abertura da Junta
PARCEIROS: ADSFAN, Tomás Emídio (Design Gráfico)
 e Junta de Freguesia de A-dos-Negros




ANEXO VIII – GUIÃO DE ENTREVISTA INICIAL

Nome:

Data da Entrevista:

Valência:

Data de Admissão:

Estado Civil:

Idade:

(Consentimento Informado – guião)

Esta entrevista foi elaborada enquanto um trabalho parte do Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas que estou atualmente a frequentar.

Pretende procurar saber mais sobre como se sente enquanto utente da nossa instituição, bem como saber mais sobre as suas preferências acerca das atividades que realizamos. Em particular, gostaria de falar consigo sobre atividades em que se usa a fotografia, e de que forma estas podem ter influência no seu bem-estar e na sua satisfação com a vida e com os nossos serviços.

É importante que se sinta à vontade e que seja o mais honesto que conseguir. Não há respostas erradas, o importante é escutar a sua opinião. Esta entrevista, se autorizar, será gravada para melhor tratamento da informação.

- ✓ *Ao longo da vida, costuma tirar fotografias?*
- ✓ *Gosta de tirar fotografias? Porquê?*
- ✓ *O que significa para si a imagem?*

- ✓ *O que é importante para si para se sentir bem?*
- ✓ *O que a faz mais feliz atualmente?*
- ✓ *O que mudaria aqui (no lar) para se sentir melhor?*

- ✓ *De que atividades mais gostava / mais gosta? (passado / presente)*
- ✓ *Porquê?*
- ✓ *O que é mais importante para si numa atividade – no lar? (duração, local, grupo, ...)*

ANEXO IX – TRANSCRIÇÃO DOS RELATOS (ENTREVISTAS INICIAIS)

Entrevista – A1 (tempo aprox.: 25 minutos)

86 anos, divorciada, no lar desde dezembro de 2014

27 / 04 / 2016

- *As que tirei ficaram bem. Foi aqui à (nome), ficaram bem, e lá em baixo também tirei algumas (e fala sobre pessoas a quem tirou)!*

- *Eu daqui a bocadinho já as vou buscar para a gente as ver. Vou-lhe fazer umas perguntinhas... Olhe o seu nome completo, diga-me lá...?*

- [REDACTED]

- *Mais um bocadinho era tudo flores oh [REDACTED], já viu... Hoje é dia quê?*

- *(não consegue precisar)*

- *Oh [REDACTED], diga-me lá... em que ano e em que dia é que nasceu? A sua data de nascimento?*

- *Nasci em 1930.*

- *Que dia? Qual é a data do seu aniversário?*

- *A data dos anos? Que faço anos? 10 de fevereiro.*

- *Pois é, já não me lembrava... A [REDACTED] veio para cá para o lar quando, lembra-se?*

- *Lembro.*

- *Já fez um ano, não já?*

- *Está quase a fazer dois, daqui a pouco...*

- *Já?*

- *Já não falta tudo... Foi no dia primeiro de dezembro.*

- *'Tá bem... Então como eu lhe disse vou fazer umas perguntinhas. Mas são simples, não precisa de ficar assustada, 'tá bem?!'*

- *Eu não!*

- *D. [REDACTED], na sua vida antigamente antes de vir para aqui, costumava tirar fotografias? Já tinha tirado fotografias alguma vez?*

- *Eu? Era raro... Mas tirem-mas a mim, claro, eu não... Eu não sabia lidar com isso!*

- *Nunca tinha tirado fotografias antes?*

- *Eu? Não!*

- *Foi a primeira vez?*

- *Eu, foi! Nunca mexi na máquina!*

- *Nunca tinha mexido na máquina... Mas aderii bem! Mexeu bem com aquilo!*

- *Mexer... Só que engano-me, às vezes... Com os botões...*

- *É normal, ainda vai demorar um bocadinho a aprender... Mas aprende-se!*

- Pois, é isso.
- Então a D. [REDACTED] nunca tinha tirado fotografias antes de vir para aqui.
- Eu não.
- Mas gostou?
- Gostava de saber bem tirar como devia ser!
- Ah então, não só gostava de tirar como tirar como gostava de saber bem ali como deve ser! (risos) Porque é que gostou? Pense lá comigo...
- Não sei, acho graça... a tirar...!
- Achou graça?
- Acho, acho que é engraçado.
- Divertiu-se?
- Se eu tivesse boa disposição...
- Ainda mais...?
- Pois...
- Está bem. Mas pronto, tirar fotografias foi giro, pelo menos foi engraçado.
- Pois era. Mais engraçado era se eu fosse capaz de tirar como devia de ser, e aprendesse logo...
- Há-de chegar o dia, D. [REDACTED], há-de chegar o dia...! Olhe e diga-me uma coisa... E nós já vimos algumas fotografias e outras imagens... O que é que a D. [REDACTED] acha, o que é que significa para si a imagem?
- Hum... Eu não sei... Eu não sei bem explicar...
- Quando vê assim uma fotografia bonita, o que é que significa para si...?
- Ah Dra. não sei... Acho uma fotografia bonita é porque realmente a pessoa já é bonita...! (risos)
- Isso fotografias tiradas as outras pessoas, não é? (distração) Mas há fotografias sem ser a pessoas ... Fotografias a outras coisas!
- Então a que é que há-de ser?
- O que é que acha?
- Sei lá, sei lá...
- É uma coisa bonita... Gosta mais de ver ou gosta mais de tirar?
- Gosto de ver fotografias.
- Também gosta?
- Gosto de ver fotografias, gosto de ver tudo... E mais gostava era que as pessoas não estivessem a olhar para mim e ver-me o pescoço tremer... Tremer, tremer, tremer... Isso é que eu gostava. É que eu se não tivesse isto, andava mais descansada! Mais contente! (...) – queixas sobre o tremor.
- Já que estamos a falar destas coisas, uma das coisas que eu lhe queria perguntar é: o que é que acha, na sua opinião, o que é que é importante para si para a D. [REDACTED] se sentir bem?
- Aiiii Dra., nem sei... Era não ter o que tenho. Era não ter as apoquentações que tenho de intestinos, porque os meus intestinos, aqui, não têm solução... Nenhuma...
- Mas mais coisas, D. [REDACTED], que a fazem sentir bem...? No dia-a-dia, hoje em dia, não é... O que é que a faz sentir bem? Ou o que faria, fazer sentir bem?

- Não sei... O que me faria sentir bem era eu poder ir para onde algumas vão, que agora a Soraia está a determinar os passeios para ir à Batalha, tudo sítios que eu já fui... Mas... ia passear, não é! A única coisa que eu gosto de fazer é passear de carro, de carro ou autocarro, ia nem que fosse para o fim do mundo!

- Então, passear é uma coisa importante!

- É! Para mim passear é importante! Mas que agora não consigo...

- Porque anda assim... Mas a ida, por exemplo, à Batalha é daqui a um mês! A gente não sabe como é que vai estar daqui a um mês!

- Ah Dra., pois é, mas isto não tem resolução...! Olhe é isto do tremor, é desequilíbrios de cabeça, é as costas, a coluna que está toda escavacadinha, toda, toda, toda... Por isso é que eu estou sempre assim com as costas encostadas... (descreve) Já não falo nas pernas! As pernas já todas, mais ou menos, aí, sofrem deste mal. (...) – queixas, comparando-se com os outros elementos do grupo.

- Falando de si... O que é que para si, hoje em dia, a faz feliz? Já me falou destas coisas todas das dores e da saúde que são muito importantes para si... E mais, D. [REDACTED]?

- Ah importante para mim, era importante era eu, pronto, era eu poder ir aonde eu gostava... Suponhamos, fazer compras!

- Estar ao seu jeito... Ir aonde quisesse quando quisesse...

- Gostava! Olhe, ando há tanto tempo para fazer uma compra... Mas não posso ir sozinha, claro que não... Nem posso ir sozinha, nem podia ir a andar... De maneira nenhuma! É longe! Eu custa-me a andar aqui, quanto mais... Mas gostava... Gosto muito de ver coisas, coisas novas, roupas, isto, aquilo, coisas que eu gostava... Olhe que eu tenho aqui no meu armário camisolas que não são minhas, que não sei de quem elas são... E as minhas levaram sumiço! Até isso me moí a cabeça... É verdade... E assim coisas, eu poder fazer... O que era importante era eu poder fazer o que eu queria!

- Oh D. [REDACTED], e já que está a falar nestas questões, aqui muito do lar... Uma das coisas que eu quero procurar por a malta a falar e a pensar e a falar é sobre o que é que mudariam no lar para a gente funcionar melhor? O que é que, na opinião da D. [REDACTED], o que é mudava aqui no lar para a gente melhorar as coisas...?

- Aiii Dra., não sei...

- Aiii... Tenho a certeza que você tem aí algumas opiniões! Tem, ou não tem?

- Talvez.

- Talvez... Diga-me lá algumas... Algumas, só para começar...

- (?) Opiniões é assim... É que aqui, no lar, as empregadas, elas são todas boas... Mas algumas muito melhor do que outras! Não se comparam umas com as outras! Ainda esta manhã, houveram duas que me fizeram, às sete horas da manhã, ganhar nervos...

- Foi?

- Uma camada de nervos em cima de mim! Porque disseram uma coisa, que é uma coisa que eu uso sempre! Há muito anos que eu me lembro de eu nunca dizer assim «oh fulana dá cá aquilo», sem dizer faz favor. A pessoa deu-me uma coisa, «muito obrigada»... É o «faz favor» e o «muito obrigada», é importante para mim. E aqui dentro do lar não ouço a ninguém dizer «faz favor» e o «muito obrigada», não ouço a ninguém, e no entanto elas se calhar não as trataram assim...

- E enervou-se logo de manhã, com elas, por causa disso...

- Logo de manhã, cedo. Olhe, nem me fizeram aquilo que deviam! Que elas voltaram e eu tive que me levantar e pôr-me como deve ser. Custa-me muito, ainda, custa mais, é a coisa que eu mais me custa, é levantar-me da cama, subir e descer, para a cama (...descreve a rotina do seu habitual levante)... E eu tenho a certeza que eu pedi «se faz favor» e ela entendeu que eu não disse.

- Pronto, já percebi D. [REDACTED]... Vamos lá lembrar a pergunta inicial. Coisas que mudava aqui no lar para se sentir melhor! Já ouvi uma, que é muito importante, e tem muita razão. E mais?

- Mais coisas que mudava era não ouvir tanto barulho, tanto grito... Dá cabo de mim...
- Bem sei... E mais, D. [REDACTED], mais coisas que se lembra?
- Não sei... É as empregadas quando nos dizem essas coisas, a gente poder dizer assim: o «faz favor» usa-se, pois usa-se, mas vocês não estão aqui por favor! A gente devia de poder dizer isso! Sem que elas, depois, ficassem zangadas connosco.
- Mas pode dizer na mesma, que eu deixo... está bem?
- Pois é, mas elas depois embirram com a gente!
- Isso é que não pode ser.
- Deviam de ser recomendadas! Eu acho que elas precisavam de ser recomendadas...
- Agora vamo-nos focar aqui numa coisa... Então a nível das atividades que a gente faz, as coisas que a Soraia faz... o que é que mais gosta?
- Acho bem!
- Acha bem... Mas do que é que mais gosta de fazer?
- Acho tudo bem! E acho, e tenho muita pena de não poder fazer, porque isto não dá... Olhe que eu lá em baixo no centro cheguei a desenhar, muita vez, fazia, mas isto ainda tinha... Como é que se diz... Isto ainda trabalhava bem, ainda tinha reação... Fiz. Fazia coisinhas, recortar coisinhas, como aqui se fazem... Lá ainda se faziam mais! E acho que, eu até quando vim para cá, houve uns dias, que eu não via fazer isso, e dizia assim «mas será que aqui não fazem coisas como fazem lá em baixo no centro»? Mas depois comecei a ver coisas feitinhas como devia de ser... O cortar, cortar com a tesoura as coisinhas, para a gente depois cortar tudo à volta... Eu fazia isso tudo, e aqui também fazia se eu pudesse...
- E as coisas que faz? Há coisa que a D. [REDACTED] faz. Não há? Pense lá comigo, das atividades todas que a gente organiza, aquelas que faz, do que é que mais gosta?
- Eu praticamente não faço nada. - (descreve o que fazia no outro centro)
- Ainda ontem estiveram de volta das favas!
- Tive! Mas... é só um bocadinho, pouco.
- E os passeios?...
- Gostava! Eu gostava de fazer tudo!

(leitura e explicação do consentimento informado)

Entrevista – A2 (tempo aprox.: 30 minutos)

84 anos, viúvo, no lar desde março de 2014

22/ 04 / 2016

- Sr. ■■■, como eu já lhe disse e já lhe disse há muito tempo, já tinha falado disto do projeto da fotografia que eu tinha, não já...? (explicação do projeto ~3min) Eu quero descobrir e pôr-vos a pensar no que é que é importante para vocês, para o vosso bem-estar, e nomeadamente aqui dentro da instituição.

- Aqui eu não sei explicar nada.

- Pois, por isso é que nós vamos fazer isso, que é para você passar a saber explicar! O Sr. ■■■ já está connosco há algum tempo, e é importante você, ao tempo que já cá está, há de ter opiniões sobre o que é que funciona bem, o que é que funciona menos bem, o que é que você acha que corre melhor, o que é que corre pior... O que é que deve ficar igual, o que é que, na sua opinião, você mudava...

- Tá bem... Por enquanto... Para mim eu que é que tenho sido o pior da peça aqui dentro...

- Ai é?

- É! (risos)

- Porque há muita coisa que acontece aqui que pode ser mudada, não é?

- Pois. Com certeza.

- Com certeza. Pronto, porque é que eu o chamei aqui hoje? Por duas razões: primeiro, porque eu quero fazer algumas perguntas, como já lhe fiz uma vez, para me dar a sua opinião, e a outra é porque depois vai assinar aqui um papel em como autoriza participar neste projeto.

- Depois escavaco a máquina, tenho que a pagar... (risos)

- Isso para já pode ficar descansadinho... Sr. ■■■, vamos lá começar! O seu nome?

- ■■■ ■■■ Está fartinha de saber.

- Estou fartinha de saber? É verdade. Hoje é dia quê, sabe?

- Hoje é sexta-feira, são 22.

- O Sr. ■■■ entrou quando para o lar, lembra-se?

- Dia 11 de março de 2013, parece-me.

- Sim senhora. E quando é que nasceu?

- 6 do 12 de 31.

- Portanto, tem... Quantos anos?

- 84, feitos.

- 84. O Sr. ■■■ é viúvo, não é... ficou viúvo há quantos anos?

- Faz cinco para agosto. Não chegou a conhecer a minha mulher?

- Não... Falam-me bem dela! Está bem Sr. ■■■, vou então fazer-lhe algumas perguntinhas... Primeiro que tudo, ao longo da sua vida, costumava tirar fotografias?

- Eu tirar, não! Aqui foi a primeira vez... Lembro-me é quando era pela Festa da Madalena [festa da terra] vinham aí retratistas... e aí quem queria tirar, tirava!

- Ai era?

- Era com uma máquina quadrada grande, depois tinha um pano, o retratista metia lá a cabeça dentro, fazia lá qualquer porcaria, e depois saiam fotografias boas! Ainda lá tenho uma, parece-me, desse tempo! Olhe mais a (...), agarrados um ao outro! Talvez tivesse perto de 20 anos, quando isso foi ... (fala sobre relação que teve com ela).

- Sr. [REDACTED] então, costumavam-lhe tirar fotografias mas você não costumava tirar fotografias?

- Não, nunca.

- Foi a primeira vez foi cá?

- Foi.

- E gosta de tirar fotografias.

- Gosto. Por acaso gosto de fazer isto. É como uma brincadeira, agora andar aí à procura de coisas para tirar retratos... as pernas são poucas, não me ajudam... Agora se tivesse boas pernas ia aí por aí a fora, tirar a coisas, a casas que estão velhas, outras mais bonitas... Mas as minhas pernas estão muito em baixo.

- Está bem, então vamos lá ver se a gente consegue, com pernas ou sem pernas, tirar... E diga-me lá, porque é que gosta de tirar fotografias?

- É só pelo gosto de estar a tirar, mais nada.

- Dá gosto. Mas porque é que você acha que dá gosto?!

- Eu gosto de estar a mexer naquilo... Não é lá por uma coisa que eu tenha interesse em fazer isso.

- Pronto, está bem, eu também gosto de ouvir música, mas não tenho que aprender a tocar... Mas porque é que lhe dá gozo? A mim também me dá! Porque é que gosta?

- Quando lá fui acima [ao centro de convívio] levei a máquina e tirei um retrato a elas todas, mal tirado, bem tirado...

- Divertem-se, não é?

- Pois!

- A fotografia é uma forma de imagem. E a imagem hoje está em todo o lado (...). O que significa para si, o que é que é para si a imagem?

- A imagem acho que é bom, às vezes uma pessoa está a olhar para uma pessoa e diz assim «que pessoa tão feia», e outra diz «esta é tão bonita», e depois no retrato acho que fica diferente! Não fica bem natural aquilo que uma pessoa é!

- Então acha que a imagem também engana?

- Também engana, pois! (...) Não sei é se é a imagem que engana, se é a gente que somos enganados! (risos)

- E mais coisas sobre isto da imagem e das fotografias, o que é que você acha?

- Acho bom.

- Porque é que acha que as pessoas gostam de olhar para fotografias?

- Há pessoas que gostam... E eu também gosto de ver retratos. Como tenho lá retratos do meu pai e também gosto de ver. Retratos de há mais... O meu pai já morreu há mais de trinta e tal anos! (...) E tenho outro retrato dos garotos no jardim-escola, do meu Samuel (fala de filho e família).

Então a fotografia também dá para recordar, para contar histórias... Oh Sr. [REDACTED], e agora, já falámos sobre a fotografia, vamos falar um bocadinho do que é que para si é importante para o seu bem-estar, para se sentir bem, para ser feliz. O que é que você acha que é mais importante para si, para se sentir bem?

- Ah isso não tenho explicação para isso... (começa a chorar)

- Oi...?

- Não me faça chorar! O mais importante para mim era ter a minha mulher aqui...

- Sr. ■■■, eu sei...
- Isso é que era o mais importante! - (chora)
- Isso é muito importante. Como era importante não ter perdido as pessoas que perdeu... Mas Sr. ■■■, pensando nas coisas que tem, naquilo que hoje em dia é bom para si... O que é que é importante para si?
- Eu agora não ligo importância a nada!
- A nada... Está a dizer isso agora porque está triste porque está a pensar na sua mulher!... Por exemplo, é importante para si ser bem tratado ou não?
- É, isso é...
- Por exemplo, o que come ao almoço, é importante ou não?
- Então não é? Se não fosse importante para mim, se não me tratassem bem, já tinha ido embora! Não é? Todas me tratam bem! Todas falam bem para mim, e estou contente por isso! Tivesse aí uma ou duas que não me gramassem... já me tinha ido embora! Mas não, por acaso todas me tratam bem! Todas me falam bem...
- Então, pensando só aqui no lar, não pensando nas outras coisas... O que é que você acha que faz você gostar de estar aqui? Eu sei que preferia estar em casa...
- Eu preferia estar em casa... Se eu estivesse em casa, a casa não se estragava, e assim está tudo a estragar-se... Eu tenho lá muito valor dentro de casa que se está a estragar tudo! (entra novamente em choro)
- Vamos pensar aqui, Sr. ■■■! Se não é só tristezas...! (...)
- Isto aqui, é uma boa casa que aqui tá, para quem aqui tá, para toda a gente...! É uma casa importante. Toda a gente que aí vem ouço eles gabarem que é uma casa importante que aqui está!
- Na sua opinião... Vamos imaginar, se alguém importante para si quisesse ir para um lar, e você dissesse «olha, vai lá para A-dos-Negros, porque...», porque o quê?
- Porque é bom, por que tratam bem, tem cá boa gente a tratar dos velhos...
- E mais? A comida é boa, má...?
- A comida também é boa.
- Está bem... Porque é que eu estou a fazer isto? Porque eu sei que há coisas muito importantes para si, que é a família, não é...
- Pois é.
- Mas a gente também tem que pensar, no que não tem – é certo, e naquilo que tem!...
- Pois é! Agora já não me adianta nada estar a pensar nessas coisas, não é... (comove-se)
- Isso você pensa na mesma... Não há como não pensar... A gente pode é pensar e fazer a nossa vida na mesma... E você faz a sua vida na mesma, não faz?
- Graças a Deus. E estou aqui porque trabalhei muito quando era novo para arranjar dinheiro para estar aqui. Se não também não estava aqui... E os meus filhos também não tinham dinheiro para me ter aqui, não é... Um lar ainda custa a pagar. Assim como eu pago a quase 900 euros por mês, e essa coisa toda, isso dá um bocado de xarope ao bolso de uma pessoa que ganha pouco dinheiro. Há muita pessoa que não pode vir para aqui por não ter dinheiro. Vá lá eu tenho as contas feitas... Não posso durar muito mais que é, vá lá, um ano ou dois!
- (risos) Olhe pelo menos agora mais dois ou três meses vai ter que durar! Que é para ir até ao fim! (...)
- Tenho aqui uma dor que é... De repente uma pessoa cai ou... não sei! Já uma vez caída cama a baixo (...), as coisas de qualquer maneira uma pessoa não se lembra do dia de amanhã, se vai passar-se igual ao de hoje, pode até passar pior ou pode passar um dia sem dores.
- Olhe e, nesse sentido Sr. ■■■, diga-me lá, hoje em dia, o que é que o faz feliz?
- O que me faz feliz, nada.

- O que é que o deixa bem disposto?
- Um jogo, uma brincadeira, por exemplo, como agora lá em baixo!
- O que é que vocês estiveram a fazer?
- Fiquei contente de estar, pronto, a distrair, em tendo uma coisa a fazer, estou distraído! Eu agarro-me ali em baixo a pintar porque a minha cabeça está só a pensar naquilo, mais nada. E se tiver parado lembro-me de todas as coisas más... (comove-se)
- Estava-me a falar numa brincadeira, que brincadeira é que vocês estiveram a fazer?
- A jogar, estivemos a jogar. Faz de conta que é uma brincadeira!
- A quê?
- Ao botão [loto].
- Ah. Está bem, não sabia. Agora à tarde?
- Pois agora quando eu vim lá de cima do quarto, estavam a começar a jogar, e fizemos ali uma roda de jogo.
- Muito bem... E mais coisas que você gosta de fazer cá?
- Gostava de ter forças ainda para trabalhar num bocado de chão, e amanhar... (...)
- Isso era uma coisa que você dantes fazia muito e agora gostava de fazer.
- Foi sempre a minha vida desde pequeno! Eu comecei a trabalhar mais o meu pai tinha dez anos. A dar serventia, a pulverizar (...), aos 13, 12 anos já andava com uma enxada na mão, na escola andei só até aos 8 anos, tirei a 3ª classe, depois já não fiz a 4ª. Depois podia a ter feito, veio aí uma professora de noite dar lição, pagava-se qualquer coisa... Vieram-me convidar e eu não fui... E depois tive pena. (fala sobre isso)
- Diga-me lá então, você está cá há três / dois anos...? (contas – foi em 2014) Dessas coisas todas que já cá fez, passeios, atividades, convívios... De quais foi as coisas que você mais gostou, gosta?
- Eu quando vim para cá não sabia fazer nada daquilo?
- Mas há coisas que a gente gosta mais do que outras.
- Qualquer coisa que me deem eu gosto de fazer. As pinturas... E se soubesse fazer as bolinhas também gostava de fazer (fala sobre um utente que as fazia), também aprendia.
- E outras coisas que a gente fez, o que é que você se lembra que tenha feito e tenha gostado?
- (refere dificuldade em se lembrar)
- Passeios...?
- Passeios, gostei. Qualquer deles gostei de fazer. Ir a Fátima, ir ao Cinema estas duas vezes também gostei de ir, ir ao Circo também gostei... Até quase mais que ao cinema. Cheguei a ir, mais a minha mulher e o meu [filho] ver... Uma coisa que eu nunca mais fui ver e não gosto de ver é uma tourada.
- A gente também não o obriga a ir! Fique lá descansado! Olhe Sr. [REDACTED], e gosta mais de atividades, por exemplo, aqui dentro, coisas na rua, os convívios que a gente faz ali...
- Gosto dos convívios quando tou bom, gosto...
- Gosta mais de estar dentro aqui de casa, ou de estar na rua?
- Gosto mais de estar na rua, se eu pudesse estava na rua de manhã à noite.
- E gosta mais de coisas assim mais sossegadinhas aqui com a malta do lar ou gosta mais de coisas com mais gente?
- Gosto também de sossego... uma e outra.
- Olhe, então, só mais uma perguntinha que é muito importante... Que é: se mudasse alguma coisa aqui no lar, o que é que mudava?

- Isso é que eu não sei.
- Para melhor, convém.
- Para melhor que o que tá, não sei. Para pior «tá bem, tá bem», para melhor já basta assim.
- Então mas diga lá... Na sua opinião, se mudasse alguma coisa o que é que mudava?
- Não, não tenho hipótese nem cabeça para pensar isso. Acho que isto está bom. Não acho que possam por melhor. Dentro da minha cabeça não acho isso... Acho que está bom.
- Pronto. Está bem. Vamos lá ver se a gente descobre alguma coisa...! Sabe porquê, Sr. [REDACTED]? Porque isto é uma das coisas que eu quero com este projeto é por as vossas cabecinhas a pensar... que é «o que é que a gente pode melhorar»! (... conversando) Se tivesse uma varinha mágica o que é que mudava?
- Não, não... A minha cabeça não dá mais para isso. Acho que está bom, prontos. Para fazerem aí uma grande mudança só o que eu gostava que mudasse era fazer uma sala a propósito só para as pessoas que fazem barulho. Isso é que era indicado.
- Está a ver, já é uma opinião importante...
- (fala sobre colega que grita, sugerindo a separação dos utentes em dois grupos; depois começa a dispersar com outro assunto e fala de outras pessoas). E assim gostava que isto aqui fosse, arranjar uma sala para ter aquelas pessoas... (conversa-se sobre isso)
- Sr. [REDACTED], posto isto, vou-lhe ler aqui uma autorização para participar neste projeto que também é do mestrado.

(leitura e explicação do consentimento informado)

Entrevista – C1 (tempo aprox.: 30 minutos)

86 anos, viúva, no lar desde

22/ 04 / 2016

- *Correu, houve alturas que correu bem [vai dizendo na conversa]. Mas agora já me esqueceu o que é que fiz. A minha cabeça é muito...*

- *Esqueceu-se do quê? Das fotografias que tirou?*

- *Sim... Não sei como é que eu hei –de dizer... As coisas passam-me.*

- *Passam-lhe... Mas sabe porquê, D. [REDACTED]? A gente também tem que puxar pela cabeça. E por isso é que eu também quero fazer este projeto (...). O que é que acha?*

- *Vamos lá ver, se eu me ajeito...*

- *Como lhe disse, vou gravar isto, mas não se preocupe que isto não é para andar aí a espalhar na rádio (risos), também não se importava já sei...*

- *Que fosse! Também já não perco casamento! (risos)*

- *Olhe, então é assim, vou começar aqui por lhe fazer estas perguntinhas. Como lhe disse, a D. [REDACTED] foi uma das pessoas que melhor trabalhou ali com a máquina fotográfica e que, acima de tudo, mostrou mais interesse. Porque eu vi que foi a casa, tirou umas fotografias lá em casa, com a sua família... Divertiram-se um bocadinho com a brincadeira?*

- *(risos) Um bocadito.*

- *Vou-lhe fazer então as perguntas e você responde-me, não há perguntas certas nem erradas, é para responder à vontade... Começando por perguntar o seu nome?*

- [REDACTED]

- *E quantos aninhos tem a D. [REDACTED]?*

- *Olha, fiz 86 dia 23 de janeiro.*

- *Em que ano é que nasceu, D. [REDACTED]?*

- *Isso é que eu já não lhe sei explicar.*

- *A D. [REDACTED] ficou viúva, não foi?*

- *Fiquei... Já não me lembra há quantos anos, veja como é que a minha cabeça está.*

- *Mas tem mais ou menos uma ideia?*

- *Tenho, então, o meu marido sofreu muito, coitadinho... Primeiro foi um enfarto, andei com ele no caminho de Sta. Maria, depois ele teve uma trombose, ficou-me sem fala... [fala sobre familiares que acabaram por falecer, e como] Quer dizer, foram três mortes seguidas!*

- *Bem sei... E você foi-se muito abaixo.*

- *Fui... Fui muito a baixo. Perdi mesmo a minha cabeça.*

- *Mas agora está cá, e está melhorzinha.*

- *Tou um bocadinho. Que eu nem podia pegar numa agulha.*

- *Agora tem costurado uma data de coisinhas!*

- *Agora tenho, quer dizer, tenho recuperado, qualquer coisa! Não é muito, a idade também já... Já não promete.*

- Oh D. [REDACTED], uma das coisas que eu tenho estudado e tenho lido muito é que as pessoas mais velhas aprendem igual a como quando eram novas... demoram é mais tempo!
- Só é pena uma pessoa não saber ler! Já não tinha cabeça em garota... Porque já não aprendi a escola. Eu ainda fui à escola mas não aprendi.
- Mas teve cabeça para outras coisas! Foi ou não foi?
- Para trabalhar era como um burro!
- Pois era! Olhe, como eu lhe estava a dizer, este projeto é uma coisa do mestrado... E vai ter a ver com a fotografia. Mas o que é que a gente quer também? Nós queremos usar a fotografia para perceber melhor o que é que é importante para o vosso bem-estar, vosso – de vocês que vivem nesta casa, fotografando coisas pensando no que para vocês o que é que é importante, até aqui na instituição. Coisas que a gente às vezes, até por exemplo, que vocês gostassem de mudar! Não é por ser má-língua... É porque gostassem de melhorar! E a fotografia pode ser uma maneira de a gente falar sobre essas coisas. Tá a entender a ideia, não está D. [REDACTED]?... Acha boa ideia ou não?
- Correndo bem, é boa ideia. (risos)
- E eu também quero perceber se o facto de vocês estarem envolvidos numa coisa destas ao longo de três meses, se também vos ajuda. E de que maneira é que isso vos ajuda. Mas esta ideia é uma coisa que depende muito de vocês! Vocês é que vão mandar (...). A D. [REDACTED] nunca tinha tirado fotografias?
- Não... Não, mas agora, quer dizer, tive a minha neta que me ajudou, também não quero mentir, que eu estava sempre com medo de errar... Quer dizer, não estava habituada, não é? Estava com medo de carregar às avessas! Ela dizia «oh avó, é assim, é assado»!
- Sim, senhora... E lá foi aprendendo, ou não...?
- Pois. Lá fui aprendendo...
- Agora vai ter que aprender outra vez?
- Pois, se calhar!
- E não faz mal nenhum! E depois é assim, não vai estragar ali nada, não precisa de se preocupar, está bem? Mas eu gostava de lhe perguntar... Foi a primeira vez que a D. [REDACTED] andou a tirar fotografias, não foi?
- Foi!
- Nunca tinha feito isso na vida?
- Não...
- Como é que foi para si, agarrar na máquina...?
- (risos) Foi uma brincadeira.
- Uma brincadeira? Uma brincadeira boa, ou não?
- Foi! Uma brincadeira de rir!
- Mas gostou, não gostou... Fale-me lá sobre isso!
- Gostei! Eles estavam a almoçar e eu tirei-lhes a almoçar... E foi engraçado, ao mesmo tempo...
- E eles tiraram-lhe a si também...
- Foi!
- Oh D. [REDACTED], a fotografia... Apesar de nunca ter tirado fotografias, via fotografias tiradas por outras pessoas (...). Qual é a sua opinião sobre esta ideia da imagem? Ou seja, quando pensa nisto das fotografias, o que é que pensa?
- Penso que é tudo moderno! Que dantes não havia isto!
- Mas acha que é uma coisa boa...? Para que é que serve?

- Ah... isso agora é que não lhe sei explicar... Se é bom, se é ruim... É uma maneira de a gente reinar com a vida! Uma brincadeira...

- Então e olhar para fotografias... Quando olha para uma imagem, seja das de casa, da família, mas também das revistas...

- Gosto de ver! Eu trouxe um sacado, quanto podia, de fotografias... Agora já as levei. Mas tenho lá um álbum do casamento do meu filho... Coisa linda.

- Tem que me trazer, para eu ver. (...) Então as fotografias também um bocadinho... As memórias, não é, lá de trás! As boas e as más!

- É de tudo um pouco!

- D. [REDACTED], o que eu queria perguntar também, e que é muito importante para mim que se sinta à vontade para falar destas coisas, é... Passando aqui para o Lar, e para as atividades que a gente faz aqui no Lar... Quais são as coisas que mais gosta de fazer?

- Que gosto de fazer? Hum... poucas coisas tenho feito. Fiz malhas, fiz rendas... eu isso gosto tudo de fazer! Gosto, agora até era para trazer... até trouxe, a capa, uma capa que eu fiz noutra género que não é esta, não é tão trabalhosa, e eu agora habituei-me às capas! Até estou a pensar fazer outra... Até trouxe para experimentar mas ainda não experimentei! Tava à espera que a Soraia desse mais coisas para fazer... Estive a cortar letras e essas coisas...

- E gosta de fazer essas coisas?

- Gostei! Eu gosto de estar entretida! Passo melhor o tempo! Se estou ali a cismar... De maneira nenhuma estou bem! Ora mexo-me uma perna, ora mexo um braço, vejo as outras tão quietinhas e eu não sou capaz de estar quieta! Só tenho é dores, por todo o lado...

- Gosta mais de estar entretida...

- Gosto mais de estar entretida...

- Das coisas que nós já fizemos cá, passeios que deu, outras coisas, convívios, há alguma coisa assim que lhe tenha ficado mais na memória, de que tenha gostado mais?

- Ah... Os passeios, eu... Não sou amiga de passear. Por via daquela vida que eu tinha... Com estes desgostos todos... Não sou amiga de ir a lado nenhum.

- Portanto, passeios não é bem por aí.

- Não...

- Então gosta mais do quê? Do que é que gosta mais de fazer?

- Gosto de uma boa convivência, com a família e isso... Ir a minha casa, ver o meu filho, ver as minhas coisas, disso gosto muito de ir! Mas se for aí passear para um lado qualquer... Ah! O que é que eu vou fazer? Com dores, a gemer atrás das pessoas... É que eu tenho dores em todo o lado do corpo. Não sou capaz de perceber o que é isto (fala sobre as dores e os remédios).

- E o estar sem nada para fazer, ainda ajuda as dores, não é?

- Ah pois é! Não quer dizer que faça muito... Que eu em pouco tempo fiz cinco cachecóis! Mas não foi para mim, tenho-os lá arrumados para mandar aos meus netos (fala sobre decisão e dos netos terem comprado a lã). Quando vierem cá no verão, já mando um para cada um

- Então e das outras coisas? Por exemplo, gosta mais de fazer coisas em grupo, ou gosta mais assim de quando a Soraia vos dá assim uma coisa para fazer... cada um à vossa vontade?

- Ah eu gosto de fazer... ao meu dedo, ao meu gosto, ao meu jeito...

- Pensando aqui no Lar, ainda, o que é que você gosta mais aqui do Lar? Da forma como a gente funciona, o que é que é mais importante para si?

- Praticamente gosto de tudo.

- Gosta de tudo... Mas o que é que é aquelas duas ou três coisas que a D. [REDACTED] dá mais valor? (tempo de silêncio)
Diga lá, pode dizer o que lhe vier à cabeça!

- Não sei explicar...! Da horazinha do comer... Gosto de me levantar à olha que calha, não sou amiga de estar a chatear «agora não me levantam, só me levantam daqui a bocado»... Quando chegar a minha vez chegou! Não me chateio com isso! 'Inté acho que há pessoas aí que são demais... Não olham ao trabalho que as raparigas têm, mas elas têm muito trabalho. Chegam a pontos que andam cansadas... E elas estão sempre a resmungar...

- Olhe e diga-me uma coisa... Do que é que gosta menos? Aqui no Lar?

- É de ir passear à rua!

- Se pudesse mudar alguma coisa, o que é que mudava?

- Sei lá! Havia de mudar para melhor!

- Sim, mudar para melhor! Se a D. [REDACTED] mandasse, o que é que mudava aqui no Lar...?

- Ah... Isso não sei explicar.

- Mas diga o que lhe vier à cabeça, sem medo!

- Mudava de estarem sempre a ralhar umas com as outras! Tarem a ir contra as desgraçadas, velhinhas... Às vezes irrita-me! (refere-se às utentes) Uma era tão esperta quando eu vim para cá... Agora foi-se abaixo. E a D. (nome) também está na mesma... mas é a outra... (fala das colegas e dos conflitos entre o grupo)

- (risos) Oh D. [REDACTED] agora está-se a rir, mas na altura, quando andava a levar com estas coisas, chateava-a, não era?

- Essa... grita... Faz mais barulho que a velhota! (volta a falar dos conflitos dos outros)

- O que é que lhe dizia?

- Tens ainda menos vergonha do que ela! Ela não sabe o que está a fazer e tu sabes! É que faz muita barulho e depois reclama... à toa!

- Então e sem ser isso, há mais alguma coisa, por exemplo, nas nossas rotinas, nos nossos horários... O que é mudava?

- Não tenho nada a reclamar...

- Nada, nada?

- Hum... As vezes até me ponho a pensar assim... Mas que há de ser desta gente que já tem fome outravez? Sempre a reclamar pela hora do lanche! Eu nunca tenho apetite... Como. Quando vou comer, como. Mas estar a reclamar, se são horas, se ainda não são... Não me cai bem! (...)

- É isso é que a chateia mais, já estou a ver... Agora, falando um bocadinho do geral, e estamos a falar do bem-estar e da felicidade, do que é que nos faz sentir bem. Para si D. [REDACTED], o que é que é o mais importante para si hoje em dia?

- É ver a família... Gosto de ir a casa ver os filhos, ver a minha casa que por enquanto ainda é minha... de resto... passear não me apetece passear!

- Já percebi, a gente não a obriga a nada! Mas vamos ter aí um passeiozinho entretanto... Já percebi que, para a D. [REDACTED] e como é lógico, ir a casa e estar com a família é o mais importante. E a seguir?

- A seguir é de ir a casa, não gosto de vir à noite!

- Porque é que não gosta de vir à noite?

- Não sei porquê... O meu filho diz, porque é que não janta cá? Não janto... Quero entrar cedo. Não sei é um feitio como outro qualquer...

- Então acha que a D. [REDACTED] no dia de hoje, no presente não é, para ser feliz... do que é que precisa?

- *Do que é que eu preciso? Era não ter dores... Viver com mais alegria. Que eu tenho alturas que não tenho... Se ponho a pensar nos passados velhos, parece que perco o gosto... É assim. Eu agora traz-me o pensamento assim... Ai Jesus, há tanto tempo que não se vai à campa, o meu filho não tem vagar... (e fala sobre a campa e os netos durante um bocado)*

- *Diga-me uma coisa... Havia coisas que dantes fazia, aquelas que a gente faz por gosto... que hoje em dia já não faz?*

- *Ah, há muita coisa que já me esqueceu... Também penso assim, já estou velha. Muita coisa que eu fazia... Eu fiz o meu enxoval todo, eu fiz tapetes (...) tudo esqueceu.*

- *Mas já vi que era tudo relacionado com as mãos!*

- *Era!*

- *Então pronto, estas mãozinhas agora vão servir para tirar fotografias!*

- *Posso ir a casa e tirar!*

(leitura e explicação do consentimento informado)

Entrevista – C2 (tempo aprox.: 20 minutos)

88 anos, viúva, no lar desde à cerca de um ano

27/ 04 / 2016

- (explicação inicial do projeto e de como vai funcionar)

- *O meu medo é só esse. É não saber. Oh mais de mim podem fazer o que quiserem. (...?) Nem ninguém me fala mal! Elas, as meninas... Eu é que disse. Estavam lá todas no monte e eu é que fui culpada... 'Tavam lá assim todas a rirem-se, para tirar retrato, não sei quê, não sei quê... Olha eu tenho aqui uma máquina! Mas eu disse aquilo por uma brincadeira! Olha vieram logo buscá-la... Foram buscar o homem para ao pé de mim numa cadeira, e tiraram-ma e ele com a mão aqui por cima das minhas costas! Mas está bem, home'!*

- (risos) *E soube-lhe bem?*

- *Eu não me fez diferença nenhuma! Olha que história... Não me faz diferença nenhuma! Ninguém come a gente! (fala de outro utente...) Riram-se todos às minhas custas. Tenho o mesmo corpo, não me importa nada!*

- *Tem as costas largas!*

- *É... Não, eu fui toda a vida assim, nunca fui desconfiada, nem com o meu marido, nem com ninguém... Graças a Deus... Para mim, tive três noras, nunca me dei mal com nenhuma!*

- *Pois!*

- *Nunca, nenhuma, elas que digam... Pronto, 'tão vivas, (...) e eu só queria atão fazer-lhe um pedido.*

- *Diga!*

- *Era se você atão depois me emprestava a máquina quando a minha nora cá viesse.*

- *Pronto, D. [REDACTED]. A partir de amanhã, a D. [REDACTED] vai ter uma máquina sempre consigo durante três meses! Sempre! ... Vai dormir, leva a máquina. Vai à casa de banho, leva a máquina. Vai comer, leva a máquina. Leva a máquina sempre, para todo o lado! (risos) Mas percebeu, D. [REDACTED]?*

- *Percebi!*

- *Por isso o que eu lhe peço é ver a D. [REDACTED] a tirar fotografias, não é os outros a tirarem!*

- *Pois assim n'a se aprende, tem que...! Pois eu já dei assim no botão, depois uma senhora (...) perguntou qual era o pequenino eu disse-lhe que era aquele... De resto, não sei mais nada, não é...*

- *Então, e vamos aprender! Olhe e nunca tinha tirado fotografias antes?*

- *Não! Nunca! Nunca tinha... E nunca tinha visto isto!*

- *Não?*

- *Não, as minhas noras têm é... maior que isto não é, é grande mas é de meter no bolso...*

- *Os telemóveis?*

- *Isso, pois. Por isso é que eu queria só se você me emprestava quando ela aí viesse.*

- *Claro! A D. [REDACTED] agora vai andar sempre com aquela máquina!*

- *Pronto, obrigadinha.*

- *Amanhã vamos começar isto. Amanhã já nos juntamos, este grupinho, todos juntos, para conversar. E depois vai ter desafios. (exemplos) Pronto, 'tá a ver!*

- *E eu vou tirá-las adonde?*

- *Onde tiver que ser! Onde for preciso!*

- Pois. Você é que manda.
- Olhe e tem estado a gostar, desta história das fotografias?
- Eu 'tou! Estou a achar graça a isto!
- Porquê, D. [REDACTED]?
- Eu dantes não sabia, não... Nunca tive... Nem nunca! Eu em solteira eu nem nunca tirei nenhum retrato! Nem com o meu marido, nem nada!
- Não?
- Não se usava! Naquele tempo, é claro, não havia máquinas, íamos tirar o retrato às Caldas, do Carvalhal às Caldas era para o que fosse preciso. Não havia mais nada, era só retratos (?)... Agora depois disso é que já tenho com os meus netos, os meus netos que me tiram... isso assim... está tudo em casa da minha nora!
- Então vamos lá ver se arranjam umas giras, agora, está bem...? Olhe, uma das coisas que eu quero procurar fazer é... até que ponto é que as pessoas conseguem falar através da fotografia! Está a perceber o que é que eu quero dizer com isto... Por exemplo, até que ponto é que a D. [REDACTED] me consegue dizer algo, em vez de ser com palavras, com a fotografia! ... Mostrar-me uma fotografia... Por exemplo, vamos imaginar esta pergunta: imagine que eu lhe pergunto «qual é a parte do dia que gosta mais»?
- Ah, pois...
- E em vez de me dizer isso com palavras, vai-me tirar uma fotografia disso.
- Ah pois... Tem que ser outra pessoa a dizer? Enquanto estou a tirar não posso falar...
- Mas tem que ser a sua opinião!
- Pois tenho que dar a minha opinião! Mas a dizer a palavra é a outra pessoa.
- Sim, sim. (?) Por exemplo, qual é a sua melhor parte do dia? Qual é a parte que gosta mais?
- Eu gostava mais de tarde.
- De tarde? Pronto! Tira uma fotografia ao por do sol!
- Pois, eu escolhia de tarde, vê... (risos)
- Está a ver... Não custa nada pensar nas coisas assim.
- Pois assim como uma senhora que (...relativo a uma atividade), olhe eu escolhi pato! Todos se riram! O pato é bonito... faz quáquáquá, olhe todos se riram!
- Ai, D. [REDACTED]... Olhe, gostava de fazer algumas perguntas porque, lá está, falando de si através da fotografia, nós conseguimos perceber o que é que é mais importante para vocês, para o grupo das pessoas que estão aqui no lar... Por exemplo, o que é que é importante para si, hoje em dia, para a D. [REDACTED] se sentir bem?
- Eu? Era a família toda cheinha de saúde, e toda a viver muito bem, muito bem... Era o que eui desejava...
- Era o que desejava, não era? A família toda com saúde. Pensei que me ia dizer que os queria todos cá, que eles são muitos! Não cabiam cá todos, que eles são muitos!
- Pois... É...
- Olhe, e o que é que a faz feliz, hoje em dia?
- Feliz, hoje em dia? É a minha família estar toda unida, toda bem... É, graças a Deus... Toda ser minha amiga.
- Olhe, e aqui... Sem ser a família, que é o mais importante, aqui no lar, o que é que você mais gosta aqui do lar?
- Ai isso agora é que eu já não sei explicar, que eu sei de tudo... Sei de toda a gente! Não tenho uma ofensazinha, nem uma pequenina! Não senhora... Mesmo aquela que grita... Ela é muito minha amiga e eu sou amiga dela. Ela passa por mim, toca-me sempre num braço, eu dou-lhe um beijo na mão, que ela fica toda contente, e ela conhece-

me... Até parece impossível... Nunca... Só uma vez me (e conta situação) e ele então é que explicou. De hoje para a frente fomos sempre amigas, sempre. (...) Dou me bem com todos.

- Portanto, tudo é bom aqui no lar, é isso?

- É!

- Então diga-me lá, não há nada que mudasse...

- Nada! Nada!

- Isso é pouco possível, D. [REDACTED]! Não há nada que a gente pudesse fazer melhor?

- Nada! Não há nada que a agente fizesse mais melhor e mudado! (risos) 'Tá tudo bem comigo!

- Aiii... Pronto! É assim mesmo! Mas tem que começar a ser mais queixosa.

- Com quem eu tenho muita confiança, sou obrigada a dizer, é com o Sr. (nome). Quando eu para cá vim ele estava a entrada da porta, não sei se era você que lá estava, se não... Não conhecia ninguém não é? Aquele homenzinho estava lá e então ela fez me assim «olhe este é o Sr. (nome) e tal... Não sei porque é que foi comecei a ganhar confiança com o homem! Estava a jogar as cartas, mando com ele «você está a perder», o homem manda comigo... Bem é aquilo tudo... Meti na ideia de que o tinha ofendido em alguma coisa, quando eu fui para o hospital mandei-o chamar lá à cama! (e conta situação) ... ele disse-me que não tinha nada comigo, e que não estava contra mim... e que me desculpava tudo, que eu nunca o tinha ofendido, e que estava tudo bem... Despedi-me das meninas... Não pensei em cá chegar viva...

- Ah, está a ver... Oh D. [REDACTED], então já estou a perceber que aqui para si é muito importante as amizades, as relações que faz... É isso?

- É, com tudo, com tudo... Nem nunca discuti com ninguém. Mesmo em solteira, nem em casada, nunca... tinha lá uma cunhada ao pé de mim (conversa sobre situação da cunhada) ralhava, ralhava, ralhava e eu escondia-me dela! Nunca, nem com a minha sogra! Vivi ao pé dela, ajudamo-nos sempre uma à outra, Nunca... Graças a Deus...

- Boa, D. [REDACTED]... Olhe, e diga-me uma coisa, das atividades que a gente vai fazendo aqui, que a Soraia faz, também ali na sala... Os convívios, os passeios...

- Tudo.

- Do que é que gosta mais? Das que já fez o que é que gosta mais?

- Olhe eu agora para essas coisas... Eu agora não gosto de nada.

- Das que já fez, o que é que gosta mais? Ou se pudesse, o que é que fazia?

- Ia a Fátima.

- Ah... Então mas pode ir.

- Não... Na cadeirinha de rodas...?

- Então!

- Era muito trabalho... (...) E a cadeirinha assim muito ruim... Está velha como a mim. E eu não assubo para o carro.

- Mas já subiu...

- Fui ao cinema mas foram não sei quantas pessoas todas a agarrarem-me!

- Que exagero, D. [REDACTED], que eu estava lá não foi assim tão difícil!

- Não, quer dizer, tenho só uma perna... E ao pois esta perna estragou-me a outra. Agora, vou à casa de banho, para não dar assim tanto trabalho e agarro-me à sanita, e assim é que me levanto... Elas coitadas na querem... «Porque é que você não chamou?», Olha, eu experimento, se não for capaz, assento-me. A gente, não é só as mãos, eu no meu viver, que é como eu digo àquela senhora, (...), a gente não é com os braços, com o corpo todo, com o corpo todo, assim (faz gestos) e depois elas riem-se! Quero lá saber.

- Então e oh D. [REDACTED], o que é que você gosta mais de fazer?

ANEXO X – TRATAMENTO DO CONTEÚDO (ENTREVISTAS INICIAIS)

Temas ↓	A1	A2	C1	C2
Dados gerais	27/04/2016 Aprox.: 25 min.	22/04/2016 Aprox.: 30 min.	22/04/2016 Aprox.: 30 min.	27/04/2016 Aprox.: 25 min.
Fotografia	Era raro tirarem-lhe fotografias, nunca havia mexido numa máquina antes. Mas gosta: <i>“acho graça a tirar (...) é engraçado”</i> . Liga a imagem a retratos de pessoas e diz não conseguir explicar porque gosta de fotografia.	Nunca havia tirado fotografias antes. Relembra época em que o «retratista» visitava a aldeia pela altura da festa e fala sobre alguns retratos de família que lhe são significativos. <i>“Gosto (...) é como uma brincadeira.”</i> Refere que gostava de ter “melhores pernas” para poder ir fotografar. Liga a imagem a retratos de pessoas e diz não conseguir explicar porque gosta.	Foi no lar que tirou fotografias pela primeira vez; refere como mexia na máquina «sempre com medo de errar». Fotografar como <i>“uma brincadeira de rir!”</i> ; não sabe explicar porque gostou. Associa imagem a retratos; relembra fotografias significativas de família.	Tem medo de «não saber». Nunca havia tirado fotografias antes. Quer muito, avisa logo, vir a usar a máquina no concerto que os netos darão no final de maio – mas não sabe se conseguirá ser ela própria a tirar. Acha «graça», associa imagem a retratos e relembra momentos significativos relacionados com a fotografia. «Uma brincadeira».
Bem-estar	Enumera os problemas de saúde como algo que gostaria de não ter para se sentir melhor. E não ter dores. Gostava de poder passear mais, de poder ir às compras, se a sua saúde o permitisse. <i>“o que era importante era eu poder fazer o que eu queria”</i>	Chora ao falar sobre o que lhe é importante; fala sobre falta de sente dos seus familiares e sobre esposa. Consegue precisar que para si é importante ser «bem tratado», ter bons relacionamentos. Acrescenta, ainda, que preferia estar em casa. E não ter dores.	Várias queixas sobre «a cabeça», refere falta de memória. <i>“Eu gosto de estar entretida, passo melhor o tempo!”</i> ; não deixando de referir as dores como problema. Para si é importante <i>“uma boa convivência”</i> , mencionando a família como o mais importante para si.	O mais importante é dar-se bem com toda a gente, que a tratem bem, <i>“nunca discuti com ninguém”</i> . Fala várias vezes sobre a família, sobre os netos em particular. Diz que para i é o mais importante. <i>“É ver a família toda unida, toda bem...”</i>
Vida no Lar	Fala da roupa que é trocada ou desaparece como uma das suas preocupações. Remete para queixas sobre as «empregadas», contando uma situação que se havia passado essa manhã.	Gaba o lar enquanto instituição possuidora de história na comunidade; referem que o mais importante são as pessoas <i>“porque tratam bem, tem cá boa gente a tratar dos velhos”</i> . Não mudava nada, a não ser criar uma sala «só para as pessoas que fazem barulho».	Refere que gosta de tudo sobre a vida no lar. Diz que «não sabe explicar» o que mudaria. Menciona não gostar de ouvir colegas suas mais queixosas, ou a ralharem entre si.	Diz que é importante para si dar-se bem com todos. Acrescenta que não tem “uma ofensazinha, nem uma pequenina!” Não mudava nada e menciona como exemplo bom relacionamento que considera ter desenvolvido com um dos colegas.
ADP’s	Participa pouco, regra geral, referindo por motivo os seus problemas de saúde.	Identifica dor física como impedimento de algumas coisas que gostaria de fazer. A pintura é a sua ADP predileta. Gosta das atividades manuais mas enumera, também, os passeios e os convívios.	Gosta de fazer malhas e rendas, coisas manuais que havia deixado de fazer nos últimos anos antes de ir para o lar. Menciona que não gosta de fazer passeios, «não é amiga de passear».	Não refere queixas de dores, mas fala sobre problema que tem numa das pernas como impedimento para fazer o que gostaria (como, por exemplo, sair mais vezes). Também gostava de fazer determinados trabalhos manuais que já não faz por não ver.
Emoções	Dirige discurso com frequência a queixas sintomáticas / físicas.	<i>“Aqui eu não sei explicar nada.”</i> Entra em contacto com choro quando fala sobre saudades da família.	Desacreditada em si mesma (várias verbalizações de que se sente incapaz)	Postura de subserviência <i>“você é que manda”</i> .

ANEXO XI – PLANOS DE SESSÃO E SUA AVALIAÇÃO

Número da Sessão: # 1 (sexta)

Data: 29/04/2016

Horário: das 10h30 às 12h30 (95 min.)

Tema da sessão: *Apresentação e iniciação do programa*

Objetivo geral: *Introduzir o programa, trabalhar a relação entre o grupo e dar início aos trabalhos*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Apresentar o programa	1. Boas vindas e apresentação breve do programa; oscular expectativas.	5 min.	Gravador
2. Estabelecer aproximação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo Dinâmica inicial 1: "Sons em grupo" Dinâmica inicial 2: "Suporte comum" Dinâmica inicial 3: "Roda de nomes" (repetição) Dinâmica inicial 4: "Gesto que me define"	15 min.	Computador Televisão Cabo HDMI
3. Definir regras para o bom funcionamento das sessões	3. Debate em grupo	10 min	Máquinas fotográficas
4. Introduzir o conceito de <i>Photovoice</i>	4. Apresentar o conceito de forma sucinta	5 min.	
<i>Intervalo</i>	<i>Intervalo</i>		

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
5. Definir possíveis objetivos da edição	5. Falar sobre exemplos de temas e abrir espaço para o debate	5 min.	Fotografias
6. Debater questões éticas sobre o uso da fotografia e a proteção	6. Apresentar questões éticas da fotografia	10 min.	Cartolinas
7. Promover a literacia artística e motivar para a ação; provocar emoções através da imagem	7. Mostrar imagens retrato, eventualmente representativas de temáticas sociais; cada participante escolhe um exemplo; escrever em cartolina possíveis temas. Aproveitar para dar dicas e falar sobre autores.	30 min.	Marcadores
8. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana	8. Atividade: <i>“O mais importante”</i> (com novelo de lã); Desafio 1: 1) auto-retrato 2) retrato de alguém	5 min.	Novelo de lã

Avaliação Geral (sessão #1)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<ul style="list-style-type: none">✓ 1✓ 23✓ 45✓ 6✓ Intervalo (41min.)✓ 7 (inicio aos 50 min.)✓ 8 <p>Não foi cumprido, de início, o objetivo 3 por, pelas características dos membros do grupo, poder infantilizar; falaram-se sobre as regras quando se falou das questões éticas.</p> <p>Nada foi escrito por existirem participantes que não sabem ler.</p>	<p>Inicialmente, mais calados e expectantes. Sessão com pouca participação ativa por parte dos mesmos.</p> <p>Início com as dinâmicas. Logo alguma dificuldade evidente na dinâmica 4, espelho da necessidade do pensamento abstrato. Alguma tendência para copiar os gestos do outro. Não obstante a dificuldade, tanto em compreender o exercício como em o cumprir, os participantes começaram a mostrar-se mais divertidos a partir desta altura. A “Roda dos Nomes” não estava inicialmente programada. A estimulação da memória a partir de jogos de repetição parece benévola. Tentei um de contagem extra para estimular a atenção. Dificuldade geral dos participantes em reterem informação – menos o A2; Participantes não compreenderam nem memorizaram nome do projeto. Mas riram-se muito.</p> <p>O ponto 5 foi pouco desenvolvido pelos participantes. Interesse revelado no ver das fotografias (ponto 7) e na escolha das mesmas, mantiveram-se atentos às partilhas. Foram capazes de se identificar com imagens. Demorou mais que o previsto (40 min.) Tema «chorar» proporcionou momento de identificação e partilha.</p> <p>Interrupções com WC.</p> <p>ERRO: em vez de me estender mais sobre exemplos de objetivos, quis avançar logo – talvez, em demasia – para saber «o que é que mudávamos»; acabou se debater pouco dos possíveis objetivos para o programa.</p> <p>O M+I foi similar para todos: «estar aqui, com os outros, estarmos bem».</p>

Avaliação Por Participante (sessão #1)

A1	A2	C1	C2
<p>Dificuldade evidente em compreender alguns dos exercícios.</p> <p><i>“Podia haver mais respeito uns pelos outros (...) as pessoas mal criadas não deviam de estar umas com as outras”.</i></p> <p>Alguns momentos de verbalizações «contra» partilhas de D. Carmina, que tiveram que ser mediados.</p> <p>Censurou escolhas de A2.</p> <p>Foto: <i>“Olho porque gosto desta cara! É indiana, não é? (...) Gosto dos olhos dela! Acho graça! E a cara também!”</i> (A2 contesta)</p> <p>M+I: <i>“Foi estarmos aqui unidos”.</i></p>	<p>Mais capaz de perceber cada objetivo; mais autónomo na participação, no dar opinião.</p> <p>Mistura, com facilidade, rancores pessoais.</p> <p>Mudava “arranjar uma sala só para aquelas que fazem barulho”, e sugeriu que se deitasse a parede desta mesma sala abaixo para o efeito.</p> <p>Grupo concorda.</p> <p>Foto: <i>“Porque são umas mulheres de categoria, bonitas e bem-postas.”</i></p> <p>M+I: <i>“Gostei de ‘tar e fazer conversa e ouvir as conversas que tivemos... Agora gostava de aprender era a mexer na máquina”.</i></p>	<p>Revela alguma dificuldade de memória imediata. Maior dificuldade nalguns exercícios de atenção. Refere, várias vezes, não ter cabeça, “não ser capaz de tomar conta de nada”.</p> <p><i>“Eu dantes tinha uma coisa que era, não havia nada que eu não chorasse, depois daquilo que se passou, não sei se é do remédio, nunca mais fui capa!”</i></p> <p>Foto: <i>“Eu gosto muito desta, ‘tá muito boa exposição. (...) Fez-me lembrar as minhas filhas, quando eram mais novas, agora já estão a ficar um bocadinho caídas... Os anos passam, a idade começa a ser outra né?”</i></p> <p>M+I: <i>“Estar aqui bem-disposta com vocês todos”</i></p>	<p>Dificuldade evidente em compreender os exercícios. Algumas dificuldades evidentes, também, em repetir sons. Ainda, outras na discriminação visual.</p> <p>Concorda com tudo o que se lhe é dito – desejabilidade social?</p> <p>Foto: <i>“Pareço eu, de cabelo branco. (...) Eu gosto desta porque também sou velhinha, e tenho um filho ao pé de mim e um neto. Porque eu a olhar para ela olho para mim.”; “Por estar ali uma velha assim como a mim, gostei... É mostrar o que é a vida, a vida do pescador”.</i></p> <p>M+I: <i>“É estarmos aqui com alegria, todos bem-dispostos... para mim é isso.”</i></p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 2 (quinta)

Data: 05/05/2016

Horário: das 11h às 13h (120 min.)

Tema da sessão: *Conceitos Base de Fotografia 1*

Objetivo geral: *Introduzir a fotografia e o photovoice; trabalhar a relação entre o grupo*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas	1. Dinâmica de iniciação (atenção e concentração): Dinâmica inicial 1: Movimentos Dinâmica inicial 2: “Sons em grupo”	5 min.	Gravador Computador
2. Promover a aproximação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: Gesto em <i>mudra</i> , com sons Dinâmica 2: “Passa a palma!” + Contagem	10 min.	Televisão Cabo HDMI
3. Refletir sobre as experiências associadas ao desafio 1	3. Debate em grupo; visualização das fotografias tiradas durante a semana	25 min	Máquinas fotográficas Fotografias tiradas
4. Consolidar a atenção às questões éticas sobre o uso da fotografia e proteção de imagem	4. Fazer uso das fotografias tiradas pelos participantes para abordar questões éticas	5 min.	

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
<p>5. Promover a literacia artística, estimular a ligação para com a fotografia e motivar para a ação</p> <p style="text-align: center;"><i>Intervalo</i></p>	<p>5. Conversar sobre fotografia com base nos exemplos trazidos e em outras fotografias; debater exemplos, aprofundar significados</p> <p style="text-align: center;"><i>Intervalo</i></p>	15 min.	<p>Fotografias</p> <p>Cartolinas</p> <p>Marcadores</p> <p>Objetos</p>
<p>6. Treinar o ato de fotografar</p> <p>7. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana</p>	<p>6. Tirar fotografias: Mesmo objeto, diferentes ângulos</p> <p>7. Atividade: “O mais importante”; Desafio da semana 2: 1) mesmo objeto, diferentes maneiras</p>	<p>10 min.</p> <p>5 min.</p>	

Avaliação Geral (sessão #2)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<p>✓ 1 ✓ 2 (dificuldade geral em seguir indicações) ✓ 3 ✓ 4 ✓ 5 ✓ 6 ✓ 7</p> <p>Nada foi escrito por existirem participantes que não sabem ler.</p>	<p>Desafio 1: Todos os utentes tiraram fotografias durante a semana; apenas um cumpriu os dois objetivos. Não se centraram no desafio sugerido, mas apenas em tirar fotografias, muito espelhando o quotidiano.</p> <p>Participantes parecem gostar dos jogos, mas mantêm dificuldade, especialmente nos jogos com contagem, por lhes ser difícil continuar ao invés de repetir.</p> <p>Seguidamente, visualizaram-se as fotografias tiradas e previamente escolhidas. Falam sobre fotografias tiradas, no domínio das experiências concretas. Negativismo em relação à velhice, ao passar do tempo, à última semana.</p> <p>Denota-se dificuldade em verem fotografias para além dos retratos.</p> <p>No ponto 5, visualizaram-se novas fotografias de autores famosos. Aproveitou-se para tentar estimular a interpretação das imagens além do evidente; participantes revelam dificuldades neste aspeto.</p> <p>O exercício prático, que aconteceu com apoio, pareceu ter sido importante.</p> <p>Algum cuidado com as questões éticas. Na maioria das vezes, parece que pedem autorização.</p> <p>Atenção à complexificação do vocabulário...</p>

Avaliação Por Participante (sessão #2)

A1	A2	C1	C2
<p>A1 praticamente não tirou fotos durante a semana. Antes da sessão, desculpou-se com as dores e incómodos que tem sentido, e pediu-me que colocasse um cadeirão em sessão para ela. Inicialmente recusei, mas acabei por ceder.</p> <p>Pareceu-me que o facto de não ter tirado fotografias, em comparação com os restantes elementos, só se sentiu inicialmente, tendo acabado por participar, partilhando as suas opiniões.</p> <p>Dificuldade ao entender os jogos iniciais.</p> <p>M+l: “O melhor para mim foi poder estar aqui sentada [referindo-se a poder estar sentada no cadeirão] porque eu queria participar, mas assim nesta posição não consegui”</p>	<p>A2 esteve um pouco desmotivado porque tirou vários retratos ao longo da semana e foi o único que procurou fazer um auto-retrato; no entanto, algumas das tentativas ficaram em vídeo... Foi o único que fez auto-retrato. Assertivo, parece compreender adequadamente e com maior facilidade as instruções.</p> <p><i>“Eu nunca pensei estar a fazer coisas como tenho feito. Nunca fiz um desenho. O primeiro retrato que tirei foi ali um dia destes no jardim, e agora calhou outravez, e continuo a fazer pinturas, toda a gente diz que estão bonitas, que estão bonitas, e eu gosto de fazer.”</i></p> <p>M+l: “O mais importante foi ver os retratos que eu tirei”</p>	<p>C1 teve alguma dificuldade em compreender algumas instruções, mas manteve-se participativa e com uma postura assertiva Referiu várias vezes a ideia de que «não sabe se será capaz», autodesvalorizando as suas capacidades. Precisa de incentivo para a participação.</p> <p>Fala sobre como foi importante para ela tirar fotografia à filha – no dia da mãe.</p> <p><i>“Não pensei que ficasse tão bonita (...); sinal de que eu estou lá no lar (...) nunca descí estas escadas, porque as minhas pernas já não dão”; (outra) “Eu estava assentada numa cadeira (...) calhei a vir por ali a ver se via ver a minha filha”</i></p> <p>M+l: “Estar aqui ao pé de vocês... Foi amostrar-me os retratos. Gostei de ver.”</p>	<p>C2 manteve-se participativa e muito motivada. Não obstante, referia: “<i>Não há mais nada para fotografar!</i>”</p> <p>Tem dificuldade em ouvir, interrompendo os outros.</p> <p><i>“Estavam-se a rir de mim! (...) Alegre! Muito contente quando esles chegaram, não dava por eles... chegaram-me mexerem-me assim nas costas... Fiquei muito contente! (...) Lembram-se sempre do dia da mãe, fizeram muito bem e andam-me a fazer muito bem...”</i></p> <p>M+l: “Foi estarmos todos juntinhos, todos alegres, todos contentes, é o melhor presente é esse”</p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 3 (quinta)

Data: 12/05/2016

Horário: das 10h30 às 12h (99 min.)

Tema da sessão: *Conceitos Base de Fotografia 2*

Objetivo geral: *Introduzir a fotografia e o photovoice; trabalhar a relação entre o grupo*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas	1. Dinâmica de iniciação (atenção e concentração): Dinâmica inicial 1: Movimentos Dinâmica inicial 2: “Sons em grupo”	5 min.	Gravador
2. Promover a aproximação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: Contagem - substituição por sons Dinâmica 2: “Zip Zap” (simples)	15 min.	Computador Televisão Cabo HDMI
3. Refletir sobre as experiências associadas ao desafio 2; promover a partilha de emoções	3. Partilhar experiências, dificuldades e emoções; Dinâmica: <i>O mais difícil, o mais fácil, o melhor.</i>	15 min	Máquinas fotográficas Fotografias tiradas
<i>Intervalo</i>	<i>Intervalo</i>		

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
4. Promover a literacia artística, estimular a ligação para com a fotografia e motivar para a ação	4. Conversar sobre técnicas de fotografia com base nos exemplos trazidos: consciencializar para as várias formas de fotografar	20 min.	
5. Introduzir os objetivos do programa	5. Conversar sobre técnicas de fotografia com base nos exemplos trazidos: Introduzir a ideia de imagem como representação de algo (sentimentos)	15 min.	
6. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana	6. Debate sobre emoções Atividade: <i>"O mais importante"</i> ; Desafio 3: 1) fotografar sentimentos: alegria / tristeza	5 min.	

Avaliação Geral (sessão #3)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<p>✓ 1 ✓ 2 ✓ 3 ✓ 4 ✓ 5 ✓ 6</p> <p>Os objetivos foram cumpridos, sendo que a noção de imagem enquanto representação e metáfora ainda precisa de maior aprofundamento.</p> <p>Os participantes não desenvolvem muito perguntas do género das propostas no objetivo anterior.</p>	<p>Desafio 2: Apenas dois (A2 e C2) cumpriram com o Desafio capazmente.</p> <p>A sessão correu com leveza. Notou-se, desde logo, diferença ao nível das dinâmicas iniciais, sendo que foi possível complexificá-las um pouco, e quase todos os participantes aderiram rindo e atingindo os objetivos. Com as dinâmicas de sons, em particular, os participantes parecem divertir-se mais, rindo muito.</p> <p>Aparentemente, tiveram prazer ao ver as fotografias e respeitaram-se mutuamente durante os comentários às mesmas.</p> <p>Fez parte dos objetivos desta sessão a introdução da ideia de fotografia como forma de comunicação de emoções (ponto 5). Continua a notar-se dificuldade no desenvolvimento do pensamento abstrato e do raciocínio crítico. Isto tornou-se evidente na dificuldade que os participantes revelaram em ao não conseguirem verbalizar ideias para fotografar sentimentos básicos, tais como alegria, raiva ou tristeza, além do óbvio (alegria = sorrir / tristeza = chorar).</p> <p>Ao nível das técnicas fotográficas, notou-se uma evolução, principalmente no uso mais consciente dos enquadramentos, bem como da intenção fotográfica em si.</p> <p>Hoje um dos utentes entrou em contato com sentimentos, partilhando dificuldades e chorando. Recebeu apoio e identificação por parte dos restantes elementos.</p> <p>Várias dificuldades ao nível do M+I.</p>

Avaliação Por Participante (sessão #3)

A1	A2	C1	C2
<p>A1 voltou a fotografar pouco durante a semana e a não corresponder aos objetivos. Ainda assim, foi reforçada pelo seu esforço.</p> <p>Manteve-se participativa, dentro do seu registo habitual.</p> <p>Parece-me que se acentuou mais, nesta sessão, o distanciamento em relação aos restantes membros do grupo que estão mais envolvidos na tarefa.</p> <p><i>“Tenho medo de muita coisa. Como, por exemplo, deixar de andar por completo e a minha cabecinha deixar de funcionar... Tenho medo.”</i></p> <p><i>“A minha mãe dizia muita vez... Eu não tenho medo de morrer; tenho pena é do mundo!”</i></p> <p>M+I: <i>“Olhe... gostei de tudo!”</i></p>	<p>A2 mantém-se envolvido nas atividades. Antes da sessão, pediu-me que enviasse algumas fotografias tiradas por ele, de surpresa, ao filho. Foi o único que cumpriu com exatidão o desafio da semana. Continua a ser o elemento que mais sobressai no sentido de melhor corresponder aos objetivos pedidos.</p> <p>A dada altura, entrou em contacto com sentimentos, chorando. Recebeu o apoio do grupo, sendo que os restantes elementos se identificaram com as dificuldades que A2 referiu sentir.</p> <p><i>“Era uma prenda que ofereçam à minha mulher... .. e eu lembrei-me de fazer aquilo. A primeira vez tirei em cima da cama. O depois continuei... em cima da cadeira... em vários sítios”</i></p> <p>M+I: <i>“O mais importante... foi a conversa, foi ouvir a sua conversa. (...) Gostei de ver os retratos todos.”</i></p>	<p>C1 mostrou-se mais capaz de participar adequadamente nas dinâmicas iniciais.</p> <p>Relativamente ao desafio, tirou fotografias mas não entendeu com exatidão a tarefa. Foi reforçada pelo seu esforço e verbalizou menos sentimentos de «não ser capaz».</p> <p>Continua a ter que ser incentivada à participação, mas mantém motivação evidente.</p> <p><i>“Eu deito-me e levanto-me é sempre a pensar nos meus netos... Parece que não tenho mais ninguém na família... porque será?”</i></p> <p>M+I: <i>“Estar a falar consigo, que eu sou uma analfabeta, como se diz... E gostei, e gosto de a ouvir! (...) E ter visto as fotografias, qua ainda não as tinha visto bem.”</i></p>	<p>C2 continua participativa. Foi a participante que mais fotografias tirou ao longo da semana, sendo que se focou em objetos mas teve alguma dificuldade em usar diferentes perspetivas.</p> <p>Dificuldade no raciocínio abstrato ainda muito evidente. Continua a dúvida se ouve e vê corretamente.</p> <p><i>“Olhe eu foi logo de manhã. Lembrei-me assim, agora tá tudo aí, cá em baixo, e vim pelo corredor acima, e eu não conheço isto não é? Cheguei ali disse heiii tanta sala... Tiro ali a mais um cubículo... Entrei pela salinha, tumba tumba, tumba tumba... Cheguei lá aquela salinha tirei... coisas lindas!”</i></p> <p>M+I: <i>“Foi ‘tar aqui. Foi, muito contente. Para além de não saber nada, apresentei-me bem contente!”</i></p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 3.4 (sexta)

Data: 13/05/2016

Horário: das 11h45 às 13h (46 minutos)

Tema da sessão: *Conceitos Base de Fotografia 3 – workshop com Professora Maria Kowalski*

Objetivo geral: *Afinar questões técnicas de fotografia*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas; Promover a aproximação entre os participantes e a convidada e preparar o grupo para a ação	1. Boas vindas e apresentação	10 min.	Gravador
2. Refletir sobre as experiências associadas às três primeiras semanas	2. Visualizar as fotografias tiradas e partilhar experiências, dificuldades e emoções; Eleição de fotografias	25 min.	Computador
3. Promover a literacia artística, estimular a ligação para com a fotografia e motivar para a ação	3. Conversar sobre técnicas de fotografia	10 min.	Televisão
4. Finalizar a sessão	4. Atividade: <i>“O mais importante”</i> ;	5 min.	Cabo HDMI
			Máquinas fotográficas
			Fotografias tiradas

Avaliação Geral (sessão #3.4)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<ul style="list-style-type: none"> ✓ 1 ✓ 2 ✓ 3 ✓ 4 <p>A sessão iniciou-se com atraso, mas os participantes não evidenciaram qualquer desagrado.</p>	<p>Todos os participantes estiveram bem. Partilharam com facilidade.</p> <p>Facto de nunca haverem antes pensado estarem «aqui» muito referido; o estarem a «aprender com esta idade».</p> <p>Foi importante, tendo uma pessoa de fora, dar mais exemplos do que se pode ler numa imagem – pressupondo a partir do que não está evidente.</p> <p>Além dos mais, os participantes receberam aqui os primeiros elogios às suas fotografias por pessoas de fora do projeto.</p>

Avaliação Por Participante (sessão #3.4)

A1	A2	C1	C2
<p>Participou; sentiu-se o facto de ter menos fotografias que os outros participantes.</p> <p>M+I: n.a.</p>	<p>Esforçou-se por explicar como o fez.</p> <p>M+I: n.a.</p>	<p>Gostou de mostrar as suas fotografias; mantém verbalizações de que não é capaz. Falou sobre vinda para lar.</p> <p>M+I: n.a.</p>	<p>Sempre especialmente comunicativa.</p> <p>M+I: n.a.</p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 4 (quinta)

Data: 19/05/2016

Horário: das 10h30 às 12h30 (116 min.)

Tema da sessão: *Conceitos Base de Fotografia 4*

Objetivo geral: *Afinar questões técnicas de fotografia ; Começar a trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas	1. Dinâmica de iniciação (atenção e concentração): Dinâmica inicial 1: Movimentos Dinâmica inicial 2: “Sons em grupo”	10 min.	Gravador Computador Televisão
2. Fortalecer a aproximação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: Contagem – com palmas Dinâmica 2: “1, 2, 3 de Bradford”	10 min.	Cabo HDMI Máquinas fotográficas
3. Refletir sobre as experiências associadas ao desafio 3; promover a partilha de emoções	3. Visualizar as fotografias tiradas e partilhar experiências, dificuldades e emoções; <i>O que são sentimentos? O que significam?</i>	30 min	Fotografias tiradas
<i>Intervalo</i>	<i>Intervalo</i>		

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
<p>4. Usar a fotografia como forma de comunicação; estimular o pensamento crítico e a formulação de diferentes pontos de vista / formas de interpretação; consciencializar para a mudança</p> <p>5. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana</p>	<p>4. Visualizar imagens representativas de sentimentos, nomeadamente, tristeza e alegria, debatendo ideias; Partilhar narrativas e relacioná-las com o tema de partida</p> <p>5. Atividade: <i>“O mais importante”</i>; Desafio 4: Gostos / Não gostos</p>	<p>15 min.</p> <p>5 min.</p>	<p>Imagens representativas de sentimentos</p>

Avaliação Geral (sessão #4)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<p>✓ 1 ✓ 2 ✓ 3 ✓ 4 ✓ 5</p> <p>Os objetivos foram cumpridos, sendo que a noção de imagem enquanto representação e metáfora ainda precisa de aprofundamento.</p>	<p>Desafio 3: os participantes não foram criteriosos no cumprimento do desafio, fotografando «a seu gosto».</p> <p>Ao longo das sessões, vai se confirmando que as dinâmicas com sons vão resultando bem como quebra-gelo. Os participantes mostram cada vez menor resistência e aderem.</p> <p>Denota-se de forma mais evidente que os participantes não mantiveram, ao longo da semana, memória do objetivo. Só dois participantes se lembravam do tema (tristeza / alegria) mas mesmo eles não se mantiveram focados apenas na resposta ao desafio. Por isso, enquanto se visualizavam as fotografias escolhidas, os assuntos tratados acabaram por ser, por isso, muito mais direcionados, na tentativa de que não se perdesse o tema subjacente das emoções: alegria / tristeza</p> <p>Participantes ouvem atentos, quando estimulados, acabam por sugerir formas de fotografar ideias, mas verbalizam que «não vão ser capazes». Parece não verem o sentido de tais objetivos.</p> <p>Partilhas vão sempre parar às dores. Acabam por proporcionar momentos onde se debate «o que é chegar à velhice».</p> <p>Falam, pela primeira vez, sobre um dos maiores <u>problemas</u> do lar: a questão da roupa dos utentes e peças que se perdem.</p> <p>Sessão importante porque já vai sendo possível aprofundar mais a fotografia em termos de técnica consciente (embora básica). Também, para se ir trabalhando, cada vez mais, a estimulação do pensamento crítico, da formulação de diferentes formas de interpretação a partir de um mesmo estímulo e do uso da imagem como forma de comunicação.</p> <p>Atenção à complexificação do vocabulário.</p>

Avaliação Por Participante (sessão #4)

A1	A2	C1	C2
<p>A1 não tirou fotografias; mas está ansiosa porque vai ao seu antigo Centro de Convívio e quer levar a máquina.</p> <p><i>“Porque essa é a profissão dela: animadora, é isso que ela faz, animar-nos.”</i></p> <p>Pareceu-me pouco motivada para o projeto em si.</p> <p>M+I: <i>“É como sempre. Foi estar aqui. O que não é importante é eu estar como estou.”</i></p>	<p>A2 parece estar menos participativo que o habitual (questões internas presentes?).</p> <p><i>“Eu num sentido estou contente. Estou contente desde que vim para aqui. Porque nunca pensei fazer coisas que tenho feito. E que se estivesse na minha casa não fazia. E aqui tenho feito, coisas bonitas, as pessoas acham bonitas e eu também acho, e pronto, tenho feito aí muita coisa que nunca tinha feito na minha vida!”</i></p> <p><i>“Nunca a dar uma má resposta, nunca a vi tratar mal ninguém!”</i></p> <p>M+I: <i>“Fiquei contente de ver todas estas fotografias. O mais importante para mim foi ver aquele retrato da, como é que ela se chama, deu ontem a ginástica... [a Nancy].”</i></p>	<p>C1 com muitas dificuldades na dinâmica que exigia maior atenção.</p> <p><i>“Eu acho que ela é boa por ser ela que manda na gente, que dá... dá vida para a gente fazer isto ou fazer aquilo. Quando a gente precisa de alguma coisa vai ser com ela... É importante também ela ir à rua ver os outros doentes... Mas também nos faz falta...”</i></p> <p><i>“Gosto de ver o trabalho que eu fazia dantes e agora não faço... Ai tanta cebola que ele lá tem!”</i></p> <p>M+I: <i>“O mais importante foi a gente tar aqui todos.”</i></p>	<p>C2 continua focada em responder aos desafios com retratos, embora depois não o faça.</p> <p><i>“Assim que a vejo chegar, não sei porquê, a sala parece que fica cheia.”</i></p> <p>Continua a demonstrar falta de acuidade, não só auditiva, como visual. Prestar atenção a este pormenor.</p> <p><i>“Também acho uma coisa triste é deixarem acabar as coisas. Porque eu tenho uma gaveta para por meias e cuecas. E eu, claro, trouxe as cuecas que tinha, não é? Eram todas novas, todas boas. Inda hoje foram para me vestir umas, não estava lá nenhuma na gaveta!”</i></p> <p>M+I: <i>“Foi tarmos todos aqui, com saúde.”</i></p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 5 (sexta)

Data: 27/05/2016

Horário: das 11h às 12h30 (79 min.)

Tema da sessão: *Levantar questões, procurar respostas 1*

Objetivo geral: *Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas	1. Dinâmica de iniciação (quebra-gelo): Dinâmica inicial 1: Movimentos	5 min.	Gravador
2. Fortalecer a aproximação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: "Jogo do Stop" Dinâmica 2: "Freud" – associação livre de ideias	15 min.	Computador Televisão
3. Refletir sobre as experiências associadas ao desafio 4; promover a partilha de emoções	3. Visualizar as fotografias tiradas e partilhar experiências, dificuldades e emoções; Dinâmica: <i>De que é que eu gosto?</i>	20 min	Cabo HDMI Máquinas fotográficas
4. Usar a fotografia como forma de comunicação; consciencializar para a mudança	4. Partilhar narrativas e relacioná-las com o tema de partida; preparar para a exposição de domingo (escolher fotografias)	25 min.	Fotografias tiradas
5. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana	5. Atividade: <i>"O mais importante"</i> ; Pergunta 1: <i>Do que é que eu gosto? + Almoço de Aniversário da Associação</i>	10 min.	

Avaliação Geral (sessão #5)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<p>Sessão inicia com atraso.</p> <ul style="list-style-type: none">✓ 1✓ 2✓ 3✓ 4✓ 5 <p>Os objetivos foram cumpridos, sendo que a noção de imagem enquanto representação e metáfora ainda precisa de aprofundamento.</p>	<p>Desafio 4: Os participantes foram tirando vários géneros de fotografias, distanciando-se dos retratos. Fotografaram «gostos», mas referiam não conseguir / não querer fotografar os «não gostos».</p> <p>Durante esta semana, surgiu um conflito que se acabou por tornar grave, com um dos participantes. O problema relaciona-se, precisamente, com a questão que foi falada na sessão anterior: a gestão dos cuidados da roupa e lavandaria, e o facto de por vezes peças de vestuário se perderem ou serem trocadas. O participante A2 quase que desistiu do projeto.</p> <p>Dificuldade para as dinâmicas que exigem noção de escrita; mas mais pela dificuldade de <u>evocação</u>, principalmente, espontânea.</p> <p>Nota-se que os participantes, apesar de perceberem o desafio da sessão anterior e termos debatido ideias, alternativas a experimentar, não mantiveram retida esta informação e, talvez por isso, não foram capazes de depois as colocar em prática. Evidencia que, no futuro, <u>soluções</u> para ajudar estas questões cognitivas, relacionadas com a memória, retenção e evocação, deverão ser pensadas no futuro.</p> <p>Participantes mostram resistência a fotografar com abertura coisas que não gostam.</p> <p>A escolha das fotografias para a mini exposição do Aniversário da ADSFAN foi muito positiva.</p> <p>As sessões vão passar a acontecer com maior frequência, para que os participantes, nesta fase, não dispersem tanto.</p>

Avaliação Por Participante (sessão #5)

A1	A2	C1	C2
<p>Participa pouco, principalmente no final.</p> <p>Estava aborrecida porque levou a máquina para a visita à sua terra e ao CC, mas a mesma ficou sem bateria de imediato.</p> <p>M+: <i>“Estar aqui... É importante estar aqui.”</i></p>	<p>Viveu esta semana em conflito, por causa de roupa. Inclusive, nem chegou a ir ao Museu. Chegou a querer desistir do projeto, mas recolocou-se.</p> <p><i>“O dia melhor que eu passei foi o dia que fui lá a cima. Foi o único dia...”</i></p> <p>Sobre as coisas que não gosta, direciona logo para pessoas e nega querer identificar tais desagradados pela fotografia.</p> <p>M+: <i>“Gostei de tudo. Gostei dessas brincadeiras todas hoje!”</i></p>	<p><i>“Foi nas fazendas. Foi engraçado. O meu filho agarrou-me no carro e levou-me no carro, e eu por qualquer maneira se ele não me levasse eu não era capaz de lá ir. E gostei de ir ver, ver a cebolada, ver aquilo tudo... É cada uma!”</i></p> <p>M+: <i>“Não te sei explicar... Gostei de tudo! Só é chato é as dores!”</i></p>	<p><i>“Ah possaras... Isto ao menos é engraçado.”</i></p> <p>Mostra resistência a fotografar coisas que não gosta “gosta de tudo”.</p> <p>M+: <i>“O mais importante é um dia que está bom e a gente aqui juntos (...) eu estar aqui num sitio que nunca vi!”</i></p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 6 (segunda)

Data: 30/05/2016

Horário: das 15h às 16h30 (87 min.)

Tema da sessão: *Levantar questões, procurar respostas 2*

Objetivo geral: *Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas	1. Dinâmica de iniciação (quebra-gelo): Dinâmica inicial 1: Movimentos	10 min.	Gravador
2. Fortalecer a aproximação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: "Zip Zap Boing"	10 min.	Computador
3. Refletir sobre as experiências associadas ao dia e à Pergunta 1 e à exposição durante o almoço; promover a partilha de emoções	3. Visualizar as fotografias tiradas e partilhar experiências, dificuldades e emoções, especialmente sobre durante o dia anterior	30 min	Televisão
4. Usar a fotografia como forma de comunicação; consciencializar para a mudança	4. Partilhar narrativas e relacioná-las com o tema de partida, percebendo exemplos da utilização da fotografia como forma de comunicação; preparar para trabalhar a temática referente ao próximo desafio	20 min.	Cabo HDMI
5. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana	5. Atividade: "O mais importante"; Pergunta 2: <i>Do que é que eu não gosto?</i>	10 min.	Máquinas fotográficas
			Fotografias tiradas

Avaliação Geral (sessão #6)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<p>Não foram realizadas as dinâmicas iniciais.</p> <ul style="list-style-type: none">1✓ 2✓ 3✓ 4✓ 5 <p>Os objetivos foram cumpridos, sendo que a noção de imagem enquanto representação e metáfora ainda precisa de maior aprofundamento.</p> <p>As fotografias passam (a partir de agora) a ser vistas todas durante a sessão, sem seleção inicial.</p>	<p>As sessões vão passar a acontecer com maior frequência, para que os participantes, nesta fase, não dispersem tanto.</p> <p>Desafio Pergunta 1: A utente A1 não fotografou; a maioria fotografou apenas o almoço.</p> <p>Nesta sessão, não se fizeram dinâmicas iniciais, como habitual. Isto porque os participantes estavam mais comunicativos, falando bastante sobre as experiências da semana e do dia anterior, considerando-se pertinente não quebrar com esta partilha.</p> <p>Desabafam também como alterações emocionais de determinadas colegas do grupo os afetam.</p> <p>Inicialmente, aproveitou-se para se ir introduzindo, novamente, a ideia do projeto e seus objetivos, preparando-os para começarem a assimilar melhor a ideia da fotografia como forma de comunicação de algo, das suas preocupações e vontades.</p> <p>Deram-se alguns exemplos com base nos trabalhos feitos ao longo da última semana. Os participantes foram mais capazes de dar ideias sobre formas como podem fotografar determinados aspetos da sua vida.</p> <p>O final da sessão um momento de suporte e de espírito conjunto.</p> <p>A2 desafia tirar fotografia à própria boca, pois todos diziam ser «impossível».</p>

Avaliação Por Participante (sessão #6)

A1	A2	C1	C2
<p>Esta participante não esteve presente nesta sessão, por se sentir mal, com tonturas.</p> <p>Não cumpriu, também, com o desafio da semana anterior.</p>	<p>O utente manteve-se participativo, como habitual. Tomou a iniciativa de agarrar na máquina para perceber se conseguia tirar determinada fotografia, que o grupo colocava em dúvida se seria possível (a uma boca, isoladamente).</p> <p><i>“Eu nunca pensei que chegasse ao que chegou. Passou, passou... (...) Começaram a querer fazer esta casa. Mas assim sem pés na cabeça. Depois foi destruído, ao quase tudo. (...) Depois é que se fez uma sala para irem para lá os velhos... iam lá comer e depois iam ficar a casa. Depois é que começaram a rebentar as divisões todas por dentro e fizeram tudo de novo.</i></p> <p>M+I: <i>“Foi estar a falar nessas coisas...”</i></p>	<p>A utente vai se mantendo participativa.</p> <p>Não se apercebeu, no dia anterior, das fotografias expostas – o que foi uma falha.</p> <p>Falou de algumas coisas que a incomodam.</p> <p>Continua, embora menos, algumas verbalizações de que «não vai ser capaz».</p> <p>Refere que «ainda não percebeu bem o que é que anda aqui a fazer».</p> <p>M+I: <i>“Importante... Foi tudo importante... Gostei de ouvir tudo o que disse... Para mim não tenho escolha... Tudo isto é melhor...”</i></p>	<p>A utente continua a participar bastante. No entanto, parece-me que continua, apesar dos esforços, a não ouvir boa parte do que é dito. Percebi também que não consegue discernir as imagens através da televisão. Vê melhor no portátil.</p> <p>Continua a ser muito generalista, não conseguindo especificar. Há igualmente alguma recusa em identificar aspetos negativos, mas foi capaz de partilhar algumas dificuldades que tem sentido.</p> <p><i>“Até ‘tou com medo de ver as minhas!”</i></p> <p><i>“Gostava de não ouvir más respostas!”</i></p> <p>M+I: <i>“Tou muito contente, de ouvir estas palavras... Palavras que eu não sabia... Vou-me deitar e penso, esta senhora falou bem!”</i></p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 7 (quinta)

Data: 02/06/2016

Horário: das 11h às 12h30 (89 min.)

Tema da sessão: *Levantar questões, procurar respostas 3*

Objetivo geral: *Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas	1. Dinâmica de iniciação (quebra-gelo): Dinâmica inicial 1: Movimentos	10 min.	Gravador
2. Fortalecer a aproximação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: “Contar com o corpo” + sons Dinâmica 2: “Pensamento livre – não gosto!”	10 min. 30 min.	Computador Televisão Cabo HDMI
3. Refletir sobre as experiências associadas ao dia associado ao desafio 3; promover a partilha de emoções	3. Visualizar as fotografias tiradas e partilhar experiências, dificuldades e emoções; Dinâmica: <i>Como se sentiram?</i>	20 min.	Máquinas fotográficas Fotografias tiradas
4. Usar a fotografia como forma de comunicação; consciencializar para a mudança	4. Partilhar narrativas e relacioná-las com o tema de partida, percebendo exemplos da utilização da fotografia como forma de comunicação; preparar para trabalhar a temática referente ao próximo desafio	10 min.	
5. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana	5. Atividade: <i>“O mais importante”</i> ; Pergunta 3: <i>O melhor do meu dia</i>		

Avaliação Geral (sessão #7)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<ul style="list-style-type: none">✓ 1✓ 2✓ 3✓ 4✓ 5 <p>Os objetivos da sessão foram cumpridos, mas não os da semana, sendo que a noção de imagem enquanto representação e metáfora ainda precisa de maior aprofundamento – e os participantes parecem resistir a identificar aspetos negativos.</p>	<p>Desafio Pergunta 2: A1 voltou a não fotografar. Dificuldade em fotografar o que não se gosta, de tal forma que C2 quase não fotografou; pequenas tentativas que foram valorizadas.</p> <p>A manutenção das dinâmicas iniciais, e as que implicam movimento, parece-me ser muito importante para preparar para a ação.</p> <p>A dinâmica de dar exemplos sobre o que não se gosta poderá ter estimulado a desmistificar os receios de falar sobre estas questões.</p> <p>Apesar de na sessão anterior os participantes terem sido mais capazes ainda de dar ideias sobre hipóteses de fotografias que pudessem representar uma ideia, pouco o fizeram nos seus trabalhos. Talvez tanto pelas suas mais reduzidas capacidades de retenção e invocação da informação, como por alguma possível resistência a falarem abertamente do que não gostam, do que os incomoda – eventualmente, até, com receio de represálias?</p> <p>Ainda assim demonstram alguns avanços no sentido de serem capaz de identificar respostas. Irão fotografar tais ideias?</p>

Avaliação Por Participante (sessão #7)

A1	A2	C1	C2
<p>Esta participante não esteve presente nesta sessão, porque foi para o CC.</p> <p>Não cumpriu, também, com o desafio da semana anterior.</p>	<p>Refere que esta última proposta (coisas que não gosta) foi difícil.</p> <p>Reflete sobre algumas questões importante, o que gosta, o que não gosta, o que é importante.</p> <p>M+I: <i>“Foi estar aqui, foi estar satisfeito!”</i></p>	<p>C1 com maior dificuldade em manter atenção, respondendo assertivamente aos desafios iniciais (dinâmicas).</p> <p><i>“A cama da R... Não gostava de a ver lá sem ela. Esteve no hospital. (...) Por ser a minha companhia e não a tinha lá... De noite, estava sempre a espreitar a ver quando é que ela dava sinal. No dia que ela entrou (...) eu tinha estado lá a descansar. Não vi lá nenhuma R., disse ainda não veio, à noite quando fui, vi lá uma coisa esquisita parecia uma pessoa... Mas quem é que diz que eu lá me chegava para ver? Não fui, tive que dizer à rapariga p’á ver!”</i></p> <p>M+I: <i>“Foi importante estar aqui porque eu já passei por muitos maus tempos (...) quando eu vim para aqui não pensava estar hoje viva!”</i></p>	<p>Vai se tornando mais capaz de falar sobre o que não gosta.</p> <p>C2 também com algumas dificuldades de retenção e evocação da informação.</p> <p><i>“Coisas que não gosto, não consigo de maneira nenhuma....”</i></p> <p>Fala sobre dificuldades que tem com as colegas da equipa mas evidencia ter muito receito que elas fiquem a saber e levem a mal.</p> <p>M+I: <i>“Para mim foi muito bom. Mesmo que me esqueça, pelo menos ouvi-as! Com 88 anos estar numa coisa destas é uma maravilha!”</i></p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 8 (segunda)

Data: 06/06/2016

Horário: das 11h às 12h30 (71 min.)

Tema da sessão: *Levantar questões, procurar respostas 4*

Objetivo geral: *Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas	1. Dinâmica de iniciação (quebra-gelo): Dinâmica inicial 1: "Sons em grupo - Abelha" Dinâmica inicial 2: Chapadinhas + Movimentos	10 min.	Gravador
2. Fortalecer a aproximação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: "aeiou" em grupo	10 min.	Computador
3. Refletir sobre as experiências associadas ao dia associado ao desafio 4; promover a partilha de emoções	3. Visualizar as fotografias tiradas e partilhar experiências, dificuldades e emoções; Dinâmica: <i>Como se sentiram?</i>	30 min	Televisão
4. Usar a fotografia como forma de comunicação; consciencializar para a mudança	4. Partilhar narrativas e relacioná-las com o tema de partida, percebendo exemplos da utilização da fotografia como forma de comunicação; preparar para trabalhar a temática referente ao próximo desafio	20 min.	Cabo HDMI
5. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana	5. Atividade: <i>"O mais importante"</i> ; Pergunta 4: <i>O pior do meu dia</i>	10 min	Máquinas fotográficas
			Fotografias tiradas

Avaliação Geral (sessão #8)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<p>✓ 1 ✓ 2 ✓ 3 ✓ 4 ✓ 5</p> <p>O ponto 2 teve que ser adaptado; mudou-se de letras para números. Os participantes estavam com maior dificuldade que o habitual.</p> <p>Os objetivos foram cumpridos, sendo que a noção de imagem enquanto representação e metáfora não estão a ser aprofundados como seria espectável?</p>	<p>Desafio Pergunta 3: perda do desafio (parece-me); fotografias muito representativas do quotidiano, mais criativas e de melhor qualidade “técnica”. Por perderem o «norte» houve, a parti daqui, perda de motivação entre sessões?</p> <p>A dinâmica “aeiou” não resultou muito bem. Tentou-se com os números, mas participantes, 2 deles, estavam com ainda maior dificuldade que o habitual. Sem um grupo maior para ajudar na orientação, tornou-se difícil, possivelmente gerador de frustração. Acrescentou-se mais algum movimento antes de parti para o ponto 3. Por esta razão, falou-se da capacidade de aprender que se mantém com a idade, bem como de memorizar, reforçando os participantes de que as suas capacidades mantêm-se.</p> <p>Os participantes tornam, nesta sessão, ainda mais repetitiva a ideia de que «já fotografaram tudo». Pareceram-me menos motivados nesta sessão que o habitual. Um pouco mais depois de visualizarem as fotografias.</p> <p>Mais capazes de pensarem e descreverem o seu dia, sem estarem tão focados no que faziam antigamente.</p> <p>No final, uma das participantes fala sobre uma das preocupações do grupo – atitudes de alguns membros da equipa – mas não querem que tais conversas se divulguem.</p> <p>O final da sessão foi, assim, de partilha e suporte.</p>

Avaliação Por Participante (sessão #8)

A1	A2	C1	C2
<p>Esta participante não esteve presente nesta sessão, porque foi para o CC.</p> <p>Não cumpriu, também, com o desafio da semana anterior.</p>	<p>Menos motivado que o que era habitual.</p> <p>Teve visita de um dos netos e tirou fotografias.</p> <p>A2 apoia C2.</p> <p>M+I: <i>“O melhor foi a gente estar aqui em paz, e ouvirmos boas conversas.”</i></p>	<p>C1 está pior da saúde. Muito desfalecida com as dores.</p> <p><i>“Acho que sou uma atrasada!”</i></p> <p>Continua a tirar boas fotografias, apesar das dificuldades de saúde.</p> <p>M+I: <i>“A mesma coisa. O que é que a gente quer melhor? Aqui à boa vida, e a conversar...”</i></p>	<p>Continua evidente, apesar dos esforços, falta de acuidade auditiva e visual de C2.</p> <p><i>“Não vem logo mas depois vem!”</i></p> <p>No final, com incentivo, foi capaz de ventilar sobre uma questão que a incomodou, uma resposta dada por colegas de equipa. Esta utente espera, frequentemente, por colegas para que possa ir à casa de banho.</p> <p><i>“Já está com a pressa? Espere!”</i></p> <p>M+I: <i>“A mesma coisa.”</i></p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 9 (quinta)

Data: 09/06/2016

Horário: das 17h às 18 (59 min.)

Tema da sessão: *Levantar questões, procurar respostas 5 – Aprofundar 1*

Objetivo geral: *Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas	1. Dinâmica de iniciação (quebra-gelo): Dinâmica inicial 1: “Sons” – individual	10 min.	Gravador
2. Fortalecer a relação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: “Eu hoje – teatro imagem”	10 min.	Computador
3. Refletir sobre as experiências associadas ao desafio 5; promover a partilha de emoções	3. Visualizar as fotografias tiradas e partilhar experiências, dificuldades e emoções; Dinâmica: <i>Como se sentiram?</i>	30 min	Televisão
4. Usar a fotografia como forma de comunicação; consciencializar para a mudança	4. Partilhar narrativas e relacioná-las com o tema de partida, percebendo exemplos da utilização da fotografia como forma de comunicação; preparar para trabalhar a temática referente ao próximo desafio	20 min.	Cabo HDMI
5. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana	5. Atividade: <i>“O mais importante”</i> ; Pergunta 5: <i>O que eu mudava</i>	10 min.	Máquinas fotográficas
			Fotografias tiradas

Avaliação Geral (sessão #9)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<ul style="list-style-type: none">✓ 1✓ 2✓ 3✓ 4✓ 5	<p>Desafio Pergunta 4:</p> <p>Nesta sessão, foi claro perceber como os participantes já vão falando com maior frontalidade sobre o que os preocupa; no entanto, nenhuma fotografia tirada explorou tais significados diretamente (ainda).</p> <p>Denota-se união entre o grupo. Participantes ficaram (ou já estavam) animados com as dinâmicas iniciais, usando barulhos para definir como se sentiam. De tal forma, que terminaram esta primeira parte a cantar e deixei de seguir os jogos pensados.</p> <p>Nota-se o grupo unido, a apoiar-se. Incentivaram a presença da participante que tem faltado. Estiveram especialmente bom-dispostos.</p> <p>O M+I desta sessão foi feito por gestos.</p>

Avaliação Por Participante (sessão #9)

A1	A2	C1	C2
<p>A1 voltou às sessões, apesar de, durante este período, não ter tirado fotografias.</p> <p><i>“Mas eu ouvir, oiço. Se me gritarem muito é pior.”</i></p> <p><i>“Eu aqui mudava... Sabe o quê? Este bocado de terreno aqui à saída da porta, aquele terreno que está ali cheio de erva, eu gostava imenso de ver ali um bom jardim.”</i></p> <p>M+I: mãos para baixo</p>	<p>Refere, logo de início, estar muito bem-disposto. Canta para o grupo.</p> <p>No final, pegou na questão da roupa que, internamente, ainda não estará resolvida.</p> <p>M+I: bico silencioso</p>	<p>C1 mantém pioria de saúde, mas mantém motivação e esperança para continuar a fotografar.</p> <p>Repete que não acha graça nenhuma tirar ao que já se tirou.</p> <p>M+I: mãos na cabeça</p>	<p><i>“A Sra. Soraia ao pé do comer... (...) É muito boa pessoa. Eu não tinha coragem de fazer o que ela fez... Andar com o carro, para trás, para diante... Aquela mulher nunca se viu triste! Posara!”</i></p> <p>Fala, com sentimentos, sobre as suas dificuldades por não poder andar.</p> <p>No fim, fala-se em tirar fotografias à boca.</p> <p>M+I: cabeça</p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 10 (segunda)

Data: 15/06/2016

Horário: das 11h às 12h30 (71 min.)

Tema da sessão: *Levantar questões, procurar respostas - Aprofundar 2*

Objetivo geral: *Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas	1. Dinâmica de iniciação (quebra-gelo): Dinâmica inicial 1: Movimentos Dinâmica inicial 2: “Sons em grupo”	10 min.	Gravador
2. Fortalecer a relação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: “Eu hoje – teatro imagem”	10 min.	Computador Televisão Cabo HDMI
3. Refletir sobre as experiências associadas ao desafio 6; promover a partilha de emoções	3. Visualizar as fotografias tiradas e partilhar experiências, dificuldades e emoções;	30 min	Máquinas fotográficas
4. Usar a fotografia como forma de comunicação; consciencializar para a mudança	4. Partilhar narrativas e relacioná-las com o tema de partida, percebendo exemplos da utilização da fotografia como forma de comunicação; preparar para trabalhar a temática referente ao próximo desafio	20 min.	Fotografias tiradas
5. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana	5. Atividade: “O mais importante”; Pergunta 6: <i>O que me faz feliz</i>	10 min.	

Avaliação Geral (sessão #10)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<p>✓ 1 ✓ 2 ✓ 3 ✓ 4 ✓ 5</p> <p>C2 foi a única a manter foco no desafio. Denota-se evolução obvia nesta participante.</p>	<p>Desafio Pergunta 5: “Poucas e ordinárias”, diz A2. Parece-me que desta vez abandonaram mesmo (intencionalmente) o desafio. Defendem-se dizendo que «gostam de tudo». Muitas fotografias com imagens da tv, nomeadamente dos santos populares. Incluiu, naturalmente, fotografias tiradas durante o almoço dos formandos do curso de cozinha do iefp, servido no pavilhão a utentes e colaboradoras.</p> <p>Sessão começou com atraso. Início com pouca dinâmica, sem a realização dos jogos habituais (esperas, atrasos, barulho, interrupções...). Sessão a «correr».</p> <p>Inicia-se com sugestão de C2, de mudança de um móvel na sala de convívio. É, portanto, capaz de identificar prolema e sugerir solução. A2 e C1 resistem à ideia. Acham que não devem ter voto na matéria, quem decide é «quem manda». Mesmo a C2, partilha esta ideia muito a medo de ser estar a meter onde não devia.</p> <p>Em termos de <i>empowerment</i>, conversa muito importante sobre a importância de se falar sobre o que não se gosta. A2 mantém centração no problema que teve «da camisa»; C1 acha que a sua opinião não tem valor e C2 dá-la a medo.</p>

Avaliação Por Participante (sessão #10)

A1	A2	C1	C2
<p>Faltou, foi passar o dia no centro de convívio.</p>	<p>“Se pudesse mudar, mudava as pernas”.</p> <p>Mantém tom irónico quando fala sobre a direção. Questões internas pelo conflito passado ainda presentes. A meio da sessão teve que se parar este remoinho.</p> <p>Sessão para ela, por isso</p> <p>M+l: “Eu também foi estar aqui, ao pé da gente”.</p>	<p>Não quer tirar fotografias às mesmas coisas que já tirou, “<i>não tinha graça</i>”.</p> <p>Mas está entusiasmada com a família e os netos terem visto no facebook.</p> <p>C1 acha que quem deve decidir mudanças na casa é a direção. Acha que não deve ser ela a dizer. Não quer dar «opinião», tem menos valor “<i>porque já sou velha e pataroca</i>”.</p> <p>M+l: “Foi ‘tar aqui, olhe!”</p>	<p>C2 tirou uma fotografia muito interessante à perna; para além do mais, tenta várias <i>selfies</i>.</p> <p>O que mudava (refere com receio): espaço do «cantinho da Soraia», “<i>se fosse eu que governasse, tirava aquela mesa dali, que tem muita coisa em cima que não se vê, plantava um armariozinho, (...) e aquilo ficava assim jeitosinho (...)</i>”. Estava a espera que A2 o sugerisse “<i>por ser homem</i>”(?)</p> <p>M+l: “<i>Foi aquelas que eu tirei naquela mesa, estávamos todos (?), foi, foi muito importante</i>”:</p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 11 (quarta)

Data: 30/06/2016

Horário: das 15h às 16h30 (116 min.)

Tema da sessão: *Aprofundar 3; Preparação para a finalização do projeto*

Objetivo geral: *Trabalhar emocionalmente sobre o tema do programa*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas	1. Dinâmica de iniciação (quebra-gelo): Dinâmica inicial 1: Movimentos Dinâmica inicial 2: “Sons em grupo”	10 min.	Gravador
2. Fortalecer a relação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: “Eu sou imagem”	10 min.	Computador Televisão Cabo HDMI
3. Refletir sobre as experiências associadas ao desafio 7; promover a partilha de emoções	3. Visualizar as fotografias tiradas e partilhar experiências, dificuldades e emoções;	30 min	Máquinas fotográficas
4. Usar a fotografia como forma de comunicação; consciencializar para a mudança	4. Partilhar narrativas e relacioná-las com o tema de partida, percebendo exemplos da utilização da fotografia como forma de comunicação; preparar para trabalhar a temática referente ao próximo desafio	20 min.	Fotografias tiradas
5. Finalizar a sessão e lançar o desafio para a próxima semana	5. Atividade: “O mais importante”; Desafio Final de despedida: <i>Auto Retrato</i>	10 min.	

Avaliação Geral (sessão #11)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<ul style="list-style-type: none">✓ 1✓ 2✓ 3✓ 4✓ 5	<p>Desafio Pergunta 6 (o que me faz feliz): Tiraram fotografias várias, sem eleição de maior (parece-me).</p> <p>Sessão após quase duas semanas de interregno. Onde estive, aliás, mais de uma semana completamente ausente do lar.</p> <p>Nota-se mais conversa espontânea ao início. Enquanto esperavam por mim e por C1, conversam bastante.</p> <p>Dinâmicas iniciais centraram-se num espaço de ventilação do grupo e na produção sons relaxantes.</p> <p>Ao se ver as fotografias, fala-se do que é mais importante para cada um. Fala-se sobre o lar, tanto enquanto «casa» como ao nível da importância das relações. Fala-se também sobre o primeiro dia no lar.</p> <p>Falam-se sobre as relações, as atividades... pouco desenvolvimento/ aprofundamento.</p> <p>Pede-se um trabalho no final que deia vir a exigir acompanhamento e supervisão.</p>

Avaliação Por Participante (sessão #11)

A1	A2	C1	C2
<p>Chega bem-disposta e aparentemente motivada. Trás a máquina.</p> <p><i>“O que eu acho é que agora já não me sinto bem em mais lado nenhum”.</i></p> <p><i>“Ir ao centro? É o que eu mais gosto! Porque eu gosto de quem lá está!”</i></p> <p>M+l: -</p>	<p>Especialmente importantes as fotografias que tirou a família (filho A., nora e netos).</p> <p>Diz que não vai ter saudades quando o projeto acabar.</p> <p><i>“O que eu mais gosto é isso, é da palermice!”, mas gostava de ter mais companhia para conversar.</i></p> <p><i>“Esse foi o dia talvez mais feliz que eu tive, há anos se calhar que eu não passava um dia tão bom passado”.</i></p> <p>M+l: -</p>	<p>Chegou atrasada. Tem estado muito desanimada por questões de saúde.</p> <p>Poucas fotografias.</p> <p>Apesar de muito constipada, mantém boa disposição.</p> <p>Teve que sair mais cedo, antes do final da sessão, por não se estar a sentir bem.</p>	<p>Diz também que não vai ter saudades quando o projeto acabar.</p> <p>Vai partilhando aqui e ali. Nota-se que pensa sobre o que se fala entre sessões.</p> <p>M+l: <i>“Foi tudo muito importante, foi sim”.</i></p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: # 12 (segunda)

Data: 04/07/2016

Horário: das 10h às 12 (77 min.)

Tema da sessão: *Preparação da exposição e Finalização do projeto*

Objetivo geral: *Encerrar os trabalhos, levantando apreciações sobre o projeto; preparar a exposição final*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas – reforço especial por se tratar da última sessão formal	1. Dinâmica de iniciação (atenção e concentração): Dinâmica inicial 1: Movimentos Dinâmica inicial 2: “Sons em grupo”	10 min.	Gravador Computador
2. Fortalecer a relação entre os participantes e preparar o grupo para a ação	2. Dinâmicas de Grupo: Dinâmica 1: “Grito de Honra” - em Unísono Dinâmica 2: “Zip Zap” ou “1, 2, 3 de Bradford”	10 min.	Televisão Cabo HDMI
3. Refletir sobre as experiências associadas aos desafios e à construção do auto retrato; promover a partilha de emoções	3. Visualizar as fotografias tiradas e partilhar experiências, dificuldades e emoções;	20 min	Máquinas fotográficas
4. Usar a fotografia como forma de comunicação; Preparar a montagem da Exposição Final	Dinâmica: <i>Como se sentiram? Quem sou eu?</i> 4. Partilhar narrativas e relacioná-las com o tema de partida; decidir aspetos, fotografias e imagens a mostrar na exposição final de trabalhos; dar um nome ao Projeto	20 min.	Fotografias tiradas

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
5. Conscientizar para os ganhos da participação no projeto	5. Conversar sobre a evolução ao longo dos três meses, ganhos e principais dificuldades; Elogiar o esforço, os resultados e o terem arriscado; a) O momento preferido b) O momento mais difícil c) O que aprendi d) O que ganhei com isto	20 min.	
6. Finalizar a sessão e dar por encerradas as sessões de implementação da 1ª Edição do projeto	6. Atividade: <i>“O mais importante”</i> – de tudo; Dinâmica Final: Som da Abelha	10 min.	

Avaliação Geral (sessão #12)

Realização dos Objetivos	Descrição qualitativa
<ul style="list-style-type: none">✓ 1✓ 2✓ 3✓ 4✓ 5✓ 6	<p>A sessão correu de forma muito positiva. Inicialmente os participantes pareciam estar algo desmotivados, até porque duas pessoas estão doentes, cheias de tosse, e uma estava com várias lamentações no início da sessão. O grupo apoiou-a e deu-lhe força, sendo que todos verbalizaram o quão importante é a sua presença junto do grupo, apesar das adversidades.</p> <p>Algumas dinâmicas iniciais foram facilitadas, por um lado, porque a sessão iniciou com atraso, por outro, porque os participantes tinham acabado de ter a aula de ginástica antes.</p> <p>O “Grito de Honra” - em Unísono correu muito bem, introduzindo-se, ao grupo, o debate sobre os ganhos que este projeto trouxe.</p> <p>Um dos momentos principais foi partilhar “o que ganhei com isto”, bem como o entender de que este grupo se tornou a prova de que pessoas como eles, «velhos depois de velhos, com a mesma idade, residentes em lar, ainda são capazes de aprender. Que outros, iguais a eles, tal como eles, poderão vir a fotografar também, um dia, se assim essa oportunidade lhes for dada.</p> <p>FALTOU AO PROJETO (mencionado pelos participantes): a) visitar uma exposição de fotografia; b) saídas para fotografarmos em conjunto.</p>

Avaliação Por Participante (sessão #12)

A1	A2	C1	C2
<p>Animada, muito positiva. Denota-se que as fotografias que trouxe tirão sido tiradas pela sobrinha e não por ela.</p> <p>M+I:</p>	<p>Aparentemente mantendo maior frieza, entrou em contacto com sentimentos quando se falou, tanto da importância que a equipa tem para eles, como sobre o exemplo que este grupo dá ao mundo.</p> <p>Desmotivou ao longo do programa, refere. Talvez, pelas suas competências, precisasse de diferentes desafios.</p> <p>M+I:</p>	<p>Esteve com muitas dificuldades, tanto pela tosse como pelos intestinos.</p> <p>M+I:</p>	<p>Muito animada, apesar da tosse. Será, possivelmente, a pessoa que mais falta vai sentir do projeto.</p> <p>Resulta melhor estar sentada ao meu lado esquerdo (audição).</p> <p>M+I:</p>

Assinatura(s): _____

Número da Sessão: #13 última

Data: 07/07/2016

Horário: das 11h às 12h (74 min.)

Tema da sessão: *Preparação da exposição e Finalização do projeto*

Objetivo geral: *Preparar a Exposição Final*

Objetivos específicos	Conteúdos	Duração	Recursos
1. Boas vindas; Decidir o nome da exposição	1. Dinâmica: brainstorming e mapa mental	10 min.	Gravador
2. Decidir e preparar aspetos logísticos para a montagem da Exposição Final	2. Visualizar e escolher as fotografias tiradas; escolher narrativas; decidir e preparar aspetos logísticos de apresentação das mesmas; preparar a divulgação do evento	50 min	Papéis e canetas Fotografias – provas de escolha Máquinas fotográficas

Avaliação Geral (sessão #13)

Descrição qualitativa	
<p><i>“Juntámos quatro idosos p’ra tirar fotografia Foi para a gente uma alegria, nunca pensei que o fazia! Tenho festa no sábado, como nunca me parecia... Quando peguei na máquina, pensei que não consegua!” (todos)</i></p> <p>“Eu chamo-me Carmina Vivo no Lar de A-dos-Negros ‘Tou cá muito bem! As colegas são boas, o comer é muito bom. Há cá jogos, música, divertimento. Nunca tive vida tão boa E até tirei o “curso” para tirar fotografias! Quando precisar de vir para cá Não tenha medo, Basta tocar à campainha! Obrigada Sra. Rosalinda, Obrigada Sr. Presidente Que deu ordem para fazer a nossa festa! E a todos os que aturam a gente, Obrigadinha a todos!” (C2-entregou)</p>	<p>A sessão aconteceu noutra sala, para ser mais fácil para C1, que continua doente, se deslocar. Primeiro que tudo, foi importante recapitular e esclarecer como / quando / onde vai acontecer a exposição.</p> <p>Tinha que ser decidido: título, fotografias, o que vender e dados biográficos.</p> <p>Para escolher o título, fez se um mapa mental, partindo de «velhos» e «fotografia» e daqui tentou-se utilizar as técnicas de brainstorming e associação livre para gerar ideias. Com a procura de palavras, surgiram as primeiras ideias tais como “velhos são os trapos», «nunca pensei», «idosos mas divertidos», «os velhos fazem-se novos», «depois de velhos», «cabeça parada», «brincadeiras» ... Entretanto, fala-se muito de nunca terem pensado vir a tirar fotografias, de nunca haverem pensado chegar a velhos, de nunca terem pensado chegar a esta idade e fazer estas coisas... Alguma dificuldade em assumirem preferências, mais fácil para A1 e A2. Até que A2 acaba por sugerir “Nunca Pensei Ser Artista” e C1 “Amanhã Serei Capaz”. Grupo muito silencioso no momento de tomar a decisão final, tem que ser dirigido... As mulheres vão referindo que não gostam da palavra «velhos» mas poucas expressões não contêm o termo. Decisão acaba pela sugestão de A2, “Nunca Pensei Ser Artista”.</p> <p>Entretanto, espontaneamente, o grupo cria um poema, juntando-se frases de todos.</p> <p>Fala-se, e m jeito de conclusão e antes de s selecionarem as fotos, sobre a metodologia e o aspeto inovador.</p> <p>Utentes escolheram, por fim, a maioria das fotos que queriam ver expostas.</p>

Assinatura(s):

ANEXO XII – TRANSCRIÇÃO DOS RELATOS DAS ENTREVISTAS FINAIS

Entrevista – Final A1 (tempo aprox.: 15 minutos)

17 / 08 / 2016

- Peço desculpa D. [REDACTED] por estar a minha espera...

- Não faz mal...

- Não? De certeza?

- Eu até queria sair um bocado lá de baixo, cá para cima...

- Então?

- Porque... estou farta disto tudo! 'Tou farta disto tudo!... E depois ando com o tremor alterado cada vez mais...

- Mas não parece...

- Sei eu... É o tremer, é o pescoço, é as mãos... É tudo... (queixas)

- (...) E eu queria falar um bocadinho consigo para saber ... o que é que achou da exposição! O que é achou?

- Achei bonita!

- Gostou de ver lá as suas fotografias?

- Claro que gostei! (...)

[Entrevista terminou com a entrega de algumas fotografias consideradas importantes para a pessoa]

Esta entrevista não aprofundada e nem foi considerada na íntegra pelas dificuldades de concentração no tema principal – o projeto – dadas as queixas da participante, que estava mais chorosa que o habitual.

Entrevista Final – A2 (tempo aprox.: 30 minutos)

15 / 08 / 2016

(outros assuntos)

- Então e como é que você tem estado?

- Eu, uns bocados choro, uns bocados rio... (...) Não falemos dessas coisas.

- Está bem. Queria falar um bocadinho com cada um de vocês, para saber, no fundo, agora à distância de um mês depois de ter acabado, o que é que vocês acharam desta brincadeira – como vocês dizem – que a gente andou a fazer...?

- Eu acho que já estava aborrecido de andar com aquilo... mas 'opoís gostei de ver, depois lá em baixo gostei de ver...

- Gostou de ver, Sr. [REDACTED]?

- Gostei.

- Foi importante para si ver lá as suas fotografias?

- (ri) ... Toda a gente andava a ver e eu também fui ver! Gostei de ver... (...)

- Como é que você se sentiu quando lá chegou?

- Atão não fiquei muito espantado... Gostei de ver!

- Não ficou muito espantado... Atão porquê?

- Atão já sabia! Não sabia todos os que lá 'tavam, não 'tavam lá todos os que eu tirei...

- Todos não estavam de certeza, que foram muitos!

- Fiquei contente por causa daquilo. Gostei... Pensei que aquilo não ia nada avante, e até que não aparecia lá ninguém para ver, e afinal estava lá bastante gente!

- Olhe, e diga-me uma coisa, qual foi o retrato que você gostou mais?

- Agora não tenho ideia. Agora já não me lembro dos que tirei. Lá o presidente da câmara (presidente da junta) estava a ver o desenho do passarinho, «isto está aqui um desejo bem feito», e depois «fui eu que o fiz», «isto tá bem feito, um canário tal e qual como ele é», «isto às vezes calha, uma vez calha bem, outras vezes calha mal»... Os meus outros retratos não tomei assim muita atenção.

- Os Sr. [REDACTED], acha que ter participado, ter feito parte disto, acha que foi bom para si ou não?

- Eu não dava com aquilo, deu para distrair... vou tirar um retrato a isto, vou tirar um retrato aquilo... Mas mais agora p'ó fim já não sabia a quem tirar. Alguns, não se importavam, outros, «sou muito feio para tirar retratos»... Só uma que queria sempre que eu lhe tirasse retratos era a [REDACTED]...

- Ai sim? Não sabia!

- Era, tirei a ela muitas vezes. (...) Ainda tenho alguns lá na máquina.

- Tirou mais algumas?

- Tirei, foi até ter carga, depois acabou-se a carga...

- Então mas pode carregar outra vez!

- Não, não merece a pena...

- Então e você não gostava de continuar a tirar fotografias?

- Agora pára.

- Pára? Porque é que pára?

- Porque... já tenho o pé pesado... se eu andasse livre, as pernas e os braços livres, uma pessoas tirava mais, mais aqui, mais ali... Até se tirava um retrato com uma pessoa a andar e tudo... Agora eu tenho as muletas, tenho que largar as muletas para tirar o retrato!

- Mas já antes era... e você andou três meses a tirar fotografias...

- Na altura estava tudo po mesmo, mais ou menos deixavam tirar...

- Oh Sr. ■■■■, acha que isto ajudou a mantê-lo bem-disposto?

- Andava bem-disposto... Arrecebi a máquina mal disposto, mas depois concertei-me.

- E está contente?

- Não estou contente com o que aconteceu...

- Não é isso, está contente por não ter devolvido a máquina?

- 'Tou... 'Tou... 'Tou que eu 'opois tinha pena de não ir... ver andar os outros e não andar...

- Ficava arrependido, não era?

- Pois...

Olhe Sr. ■■■■, as fotografias... Só ontem é que as fui lá buscar, só ontem é que eu tirei a exposição de lá! Agora, o que vai acontecer é que eu vou tentar expor aquelas fotografias noutras sítios!

- Pois!

- Se vocês não se importarem...

- Ora atão eu não me importo! Aquilo não é meu!

- É seu é!

- Não é nada meu...

- Olhe e diga me uma coisa... O que é que você acha agora, vai haver um Festival em Óbidos, o que é que acha de por lá algumas fotografias? Concorda?

- Por mim pode fazer o que quiser delas!

- Então e depois vai lá ver? Se eu o levar vai lá ver comigo?

- Se me levar vou!

- Ainda bem... Olhe Sr. ■■■■, nós neste projeto – e andámos três meses a falar sobre várias coisas... Acima de tudo falámos sobre o lar, o que é que fazia sentido para vocês, o que é que gostavam mais, o que é que gostavam menos... O que é que lhe ficou, dessas conclusões?

- Agora nada... Agora contanto assim, não tenho nada a dizer do lar. Não tendo dinheiro para obras, e aqui para fazer obras tem que se escavar algumas coisas para fazer outras maiores... Ali é que podiam fazer, uma casa para aqueles, coitados, que não têm juízo e estão a chatear os outros...

- Continua a ser essa a coisa que lhe faz mais confusão, não é?

- É... Muitos não têm paciência, eu tenho paciência para os aguentar, 'inda ontem ou anteontem (...). Mas nunca lhe disse nada, nem nunca ralhei com ela, nem a ela nem a nenhuma. A (...) a implicar, sempre, sempre (...). (dá exemplos de situações – passadas entre pares)

- É assim, cada pessoa tem o seu feitio, Sr. ■■■■...

- E ela não tem sentido nenhum do que ela tá a dizer, ela sabe lá o que é que ela está a dizer...

- Pois não... Oh Sr. Artur, então e voltando para a conversa da fotografia... Já olha, hoje, para as fotografias de forma diferente? Ou não, agora que já sabe tirar?

- *Eu não... Eu gosto de tirar, eu gosto... daquilo... Mas agora já não tenho nada para ver...*
- *Então olhe lá, e quando houver aí alguma atividade ou algum passeio, é menino para levar a máquina?*
- *... Conforme o sítio.*
- *Conforme o sítio? Se for muito inclinado não pode ser!*
- *(risos) Se o chão for muito inclinado, não!*
- *Aiii... Oh Sr. [REDACTED], como prometido, eu mandei fazer, estavam lá em exposição, algumas coleções de postais. Algumas têm fotografias tiradas por todos (mostra-se as coleções) ... E depois fiz algumas que são só de fotografias vossas! E foi destas que a filha da D. [REDACTED] comprou... E eu gostava de oferecer ao Sr. [REDACTED] a coleção daquelas que são só fotografias tiradas pelo Sr. [REDACTED]... Veja lá...!*
- *(Vê as fotografias) Esta não fui eu que tirei!*
- *Foi você que tirou a si próprio! Virou a máquina para si, e tirou!*
- *Ah... Lembro-me...*
- *Está a ver, e por trás é um postal! (continua-se a ver as fotografias uma a uma, falando sobre elas)*
- *Isto é a minha prenda para si!*
- *Está bem... é uma oferta!*
- *Estas são todas para si! Você agora faz o que quiser delas! Pode oferecer, pode vender, pode enviar, pode meter um selo e enviar para os seus filhos... Essas são todas para si, está bem?!*
- *Está bem... Muito obrigado.*
- *Gosta de ver assim as suas fotografias?*
- *Eu gosto! Esta é que eu fiquei contente! Esta não foi tirada por mim (referindo-se a um retrato tirado a ele).*
- *Esta fui eu que a tirei.*
- *Pois, não podia ser... Onde é que foi, que você tirou isto?*
- *Onde é que foi? Foi numa das nossas sessões! Já nem me lembro, também...*
- *Está lá uma em cima também que tirou, que eu tenho assim o retrato de uma mulher ao peito (refere-se a uma fotografia tirada durante uma dinâmica na primeira sessão).*
- *Pois está... Sr. [REDACTED], depois é assim: estas fotografias agora, as que estavam na exposição, eu guardei-as que é para a gente, se quiser, pôr noutros sítios... Depois no fim, quando já não forem precisas, também ficam aqui no lar e para vocês! Depois essa grande, por exemplo, depois pode ficar para si!*
- *Também pode pôr aí à vista!*
- *Pôs à vista? Eu ponho a vista, para toda a gente ver.*
- *A mim não me faz diferença nenhuma... Nem da minha figura, nunca roubei nada a ninguém...*
- *E nunca chegou a tirar nenhuma nu!*
- *(risos) Pois não! (e continua-se a ver as fotografias, comentando-as...) (...) Eu tirei muitas coisas que já nem me lembro, e às vezes estava escuro, e eu tirava, ficava claro... Isto a mim, ainda me faz... Impossível como isto... Há coisas! Ainda me faz confusão à cabeça!*
- *O quê, Sr. [REDACTED]?*
- *Acho impossível, uma coisa destas assim! Tira ali a imagem, depois vai ali ao computador... Antes havia alguma coisa disto?? Dantes, pela festa da Madalena, vinha aí (retoma situação do passado, que até já havia referido na primeira sessão) (...). E esta? Não me lembro nada desta!*
- *Esta é à televisão. A que você tirou a si mesmo é esta...*

- Pois!

- *esta foi a televisão, se calhar tirou sem querer!*

- *Não tirei sem querer!*

Se calhar foi alguma imagem que você gostou e tirou!

- *Pois! ...Então, está visto. Estamos conversados? (...)*

- *Gostei muito de ter esta experiência com vocês. Foi muito importante também para mim.*

- *Houve ali uma altura que já estava a ficar farto daquilo. Não havia mais ninguém para tirar retratos, e depois...*

- *Então mas você não tirou tantas fotografias sem ser retratos, a outras coisas?*

- *Foi! E houve uma aí quando estava aí a minha irmã...*

- *Espere aí que eu vou-lhe arranjar isso...*

[Entrevista terminou com a entrega de algumas fotografias consideradas importantes para a pessoa, e relativas a seus familiares]

Entrevista Final – C1 (tempo aprox.: 20 minutos)

16 / 08 / 2016

- Então oh D. [REDACTED], queria conversar um bocadinho consigo, com todos (...), mas queria conversar um bocadinho hoje... Porque devemos falar um bocadinho sobre o que é que foi isto que andámos a fazer durante 3 ou 4 meses!
- Arranja-se sempre um bocadinho!
- O que é que acha, D. [REDACTED]?
- Então, acho que foi uma brincadeira!
- Uma brincadeira boa ou má?
- Para mim foi uma brincadeira, há outras pessoas que não... (...)
- E o que é que achou da exposição?
- Achei bonito! Achei engraçado... Só que o meu corpo, é... Não quer estar em lado nenhum! É uma dor... ainda agora vinha aqui, parece que vinha a cair... Nunca mais melhora...
- Já anda melhor, nunca mais melhora, não... já anda um bocadinho melhor!
- Não 'tou muito melhor, não...
- Muito, não interessa... Já está melhor...
- Mas tenho passado umas noites terríveis (...), o que é que eu hei de fazer... Eu gostava tanto de fazer malha... Olhe não tenho feito nada! (...)
- Então e voltando aqui à conversa daquilo que a gente andou a fazer... O que é que você achou? Do projeto, das vezes em que a gente se encontrava todos, de andar a tirar fotografias...
- Eu achava... um género de um... um divertimento, uma brincadeira! (risos) O que é que eu haverá de achar? Não percebia mais nada!
- E gostou de andar a tirar fotografias?
- Gostei!
- Como é que foi para si, D. [REDACTED], agarrar numa máquina e aprender a tirar fotografias?!
- Ai demorou um bocadinho, não é... Não sabia mexer...E não me esquecer que ela está ali, tenho que lha dar...
- Pode ficar com ela, enquanto quiser, de vez em quando se for a casa, quando for a algum lado, pode usá-la! Um dia que eu precise dela, eu peço-a!
- Eu não me servi dela, porque estive sempre doente. Eu queria tirar retratos era aos meus netos...
- E não esteve cá a sua filha?
- Teve.
- Ainda está?
- Já não está, já se foi embora.
- 'Teve cá e não lhe tirou fotografias?
- Tirou, ela tirou... Eu é que já não tenho aquela... aquela genica...
- Mas podia você ter tirado a ela!
- Pois era... mas não...
- Olhe quais foram as fotografias que você gostou mais de tirar??

- Foi a do campo, a das cebolas...
- Foi, não foi?
- 'Inda lá anda, aquele malandro, metido nas cebolas... tem tanta cebola, aquele rapaz... Coitadinho... Que o Senhor o ajude, que ele tem trabalhado tanto!
- Gostou muito desse dia, não foi?
- Gostei, gostei muito da maneira do meu filho de me acompanhar... Ainda foi comigo, para eu tirar as fotografias...
- Soube-lhe bem... Olhe e gostava de continuar a fazer coisas destas ou o que é que acha?
- Quer dizer... eu não me faz diferença nenhuma! Eu desde quer não deva dinheiro! Não me faz diferença nenhuma, o pior é se eu não sou capaz!
- Mas foi! Foi capaz! E não gostou de ver as fotografias lá na exposição?
- Gostei! Gostei!
- Não se sentiu orgulhosa?
- A gente gosta...
- D. [REDACTED] as fotografias ficaram lá até esta semana, só esta semana é que as tirei de lá... Agora é assim, nós temos a oportunidade de vir a mostrar as fotografias noutros sítios! A D. [REDACTED] acha bem?
- Atão! Por mim não me incomoda nada!
- Em princípio em outubro, convidaram-nos a pôr algumas em Óbidos...
- Então e serve-se à vontade, são suas...
- São nossas!
- (risos) São uma brincadeira... Para mim são uma brincadeira...
- Uma brincadeira mas séria, no sentido em que eu acredito que isto foi bom para vocês, e que também mostram que da mesma forma que foi bom para vocês, pode ser para outras pessoas!
- Pois pode! É preciso é que uma pessoa ganhe genica! O que é que eu hei de fazer para ganhar genica... eu ontem tive jeito de cair no chão! Mas porque é que será?
- Também tem que se distrair! Olhe, agarre na máquina e vá tirar umas fotografias! Porque isso de estar sempre também a pensar no assunto, também não ajuda!
- Pois não...
- Olhe, então eu tenho aqui uma prenda que eu quis guardar para dar a cada um de vocês...
- Então, ainda estar a dar... E nós não lhe demos nada...
- Ai deram, deram! Deram a experiência, que eu gostei muito, daquilo que fiz com vocês! (entrega dos postais) (...) E tenho aqui para a D. [REDACTED]!
- Essa velha rabugenta!
- Esta fui eu que a tirei, num dia em que a D. [REDACTED] não estava muito bem! Mas todas as outras são fotografias que a D. [REDACTED] tirou!
- (vai vendo as fotografias dos postais, uma a uma, e comentando-as...)
- Mas esta está trocada. Não foi a que eu tirei.
- Ai foi, foi! Então mais ninguém lá foi!

- O pinheiro está mais altinho... Assim... (...) A igreja estava branca e aqui não está, pronto!

(...)

- E pronto, esta é a sua coleção, fica para si D. [REDACTED]! São suas! Agora eu tenho aqui outra coisa, para si...

- Ahhh...

[Entrevista terminou com a entrega de algumas fotografias consideradas importantes para a pessoa, e relativas a seus familiares - que recebeu, atenta e emocionada]

Entrevista Final – C2 (tempo aprox.: 25 minutos)

16 / 08 / 2016

- (risos) *Queria conversar um bocadinho, que nós nunca mais conversámos desde a exposição!*
- *Ai não faz mal, então! Correu tudo bem, estava tudo bem!*
- *Gostou?*
- *Gostei, muito! 'Inda queria ver era o jornal!*
- *O jornal?*
- *Diz que vem no jornal, a nossa festa! Não sei como está... Agora quando a minha [REDACTED] cá vier vou dizer para ela o trazer! Que é para eu ver, que o Sr. [REDACTED] também gostava de ver...!*
- *Ah pois tem razão! Mas eu não sei onde é que está, vou ver se elas o têm aí...*
- *Não sei... mas estavam uns jornais lá em baixo e não estava, que o Sr. [REDACTED] esteve a ver e disse que não...*
- *Então e o que é que achou da exposição? Gostou de lá ir?*
- *Gostei! Gostei muito de lá ir... Os meus filhos também gostaram muito do verso que eu disse, estiveram lá ler, o meu [REDACTED] gostou muito... Foi tudo muito bem, correu tudo muito bem...*
- *Como é que foi, para a D. [REDACTED], ter as suas fotografias numa exposição assim tão importante?*
- *Foi bom, não é... Assim desta idade... Nunca esperava por nada destas coisas, não é... Agora estou feliz, muito contente... Se os meus filhos fossem, uma coisa contra vontade, eu estava triste, não é... mas não, estão contentes! (...) Correu tudo muito bem...*
- *Ainda bem... Então e tem sentido falta de tirar fotografias ou não? Ou tem tirado fotografias?*
- *Não, então... 'inda ontem estive com ela na mão, a ver, mas nunca mais assim tirei... Para tirar, também tinha que tirar às mesmas, não saía mais dali... Ainda a fui buscar, para tirar aquele senhor muito grande... Fui buscar e ele foi se embora, ia-se embora, né? Mas não, não tenho tirado, está lá guardada num saquinho...*
- *Mas quando quiser pode tirar!*
- *Ela também mo disse (a animadora)! Está lá guardada num saquinho...*
- *Então mas tem sentido falta?*
- *Não, mesmo assim não... Estou ali contente, ao pé daquela senhora, a [REDACTED], coitadica... Está sempre com frio, com frio... (...) Depois estou ali, dou uma coisinha à mulher... (fala sobre ela) Não, estou muito contente, estou muito feliz...*
- *Gostou? De fazer parte deste projeto?*
- *Gostei...Gostei...*
- *Do que é que gostou mais?*
- *Olhe, foi se calhar de tirar aos meus netos, e ao meu filho, e à minha nora...*
- *Foi o mais importante para si, foi ver-se a tirar fotografias a eles, não foi?*
- *Foi! Para mim, acho que foi! E à filha... Só não tirei foi ao genro! Calhou cá não estar naquelas alturas, e depois aquilo passou... Mas pronto, estou muito feliz... Cortei a cabeça ao [REDACTED], mas não me faz diferença nenhuma! (risos) Que ele também ficou muito contente comigo à mesma!*
- *Claro!*
- *Cada vez que cá vem, traz me sempre coisicas... Para comer, rebuçados... E eu estou por ali, assim, entretida...*

- Oh D. [REDACTED], eu queria realmente explicar, que eu tenho estado mais ausente, porque (...). Acha que correu bem, este projeto, acha que as coisas correram bem?

- Acho! Eu acho! Só tive pena foi dizer uma coisa que sei que a disse mal dada...

- O quê, D. [REDACTED]?

- Foi de lá plantar aquele armariozinho...

- Mas não disse nada mal dado! Ela é que ainda não mudou, mas gostou muito da ideia! (atualmente, o armário já está mudado, como sugeriu, e a própria mencionou logo)

- Eu sei lá...! Tenho medo... Olha chegou agora de novo, e já está a querer...

- Não! Então já cá está há tanto tempo!

- Eu também não disse para fazer, né? É que, realmente, debaixo da mesa não está nada, né? E aquilo mandava só um bocadinho mais alto que a mesa... porque já da mesa para baixo ainda leva muita coisa!

- Pois é, pois é!

- E aquilo compunha-se mais!

- Temos que arranjar um armariozinho! Qual era a ideia da D. [REDACTED], era o quê?

- Era um armariozinho, para pôr lá as coisinhas dentro! Nem era preciso portas, não era... tanto que aquele que lá esta, atrás, é muito jeitosinho... Quer dizer, se fosse eu, não é!

- Temos que arranjar um armário para lá pôr!

- Porque aquilo já não é para a minha vida, não é, já não faz diferença... Mas entendo que ficava ali muito bem!

- Pois ficava, ficava mesmo... Então e oh D. [REDACTED], só mais uma pergunta... Depois de ter andado a aprender a tirar fotografias, e a fazer o que fez... como é que você olha, como é que você vê hoje a fotografia?

- Vejo que está bem, e penso... «olhe veja lá você, a idade que eu tenho!» Às vezes ponho-me assim a olhar... Vejam lá vocês onde eu me vim meter, com a idade que tenho... Elas agora andam aí... Porque eu não fui obrigada! Elas, antes disso, perguntaram-me se eu queria ir para um lar, e eu disse que ia para donde olhassem por mim! (e conta, como na primeira sessão, história sobre ter vindo para o lar)

- E agora que veio para aqui, logo veio aprender a tirar fotografia!

- Foi, é verdade... Porque eu primeiro fui para um lar lá de cima (continua)...

- E foi importante para si ver... não só aprender a tirar fotografias, como ver a exposição?

- Sim senhora!

- D. [REDACTED], a exposição, eu fui lá buscar as fotografias só esta semana...

- Atão pois, quando fosse!

- Porque elas estiveram lá para as pessoas poderem ir lá ver. E eu agora vou guardá-las, bem guardadas, porque quero ver se vamos montar mais vezes a exposição. Se as vamos mostrar a mais pessoas.

- Pois... Acho bem!

- Convidaram-nos para nós mostrarmos algumas das fotografias em Óbidos, agora em outubro!

- Por mim é igual, pode levar... Pronto! Está lá aquele lenço, esse eu dei-o...

- Mas ele há-de voltar para si!

- Para mim, não! Eu tenho! Fica para aí para a Soraia! O lenço está por estriar, foi a minha nora que o trouxe! Eu disse à Soraia, «olhe, o lenço, pode-o dar a quem precisar!» E ela, claro, disse que estava bem! Uma coisa que a gente dá, dá...

- Então, oh D. [REDACTED], houve aí uma confusão com só postais e com os que a sua filha comprou, foi... (esclarece-se situação sobre venda de postais) E, então, tenho aqui, para você dar à sua filha, que eu não a tenho visto... Isto, é para a sua filha. Isto foi o que ela encomendou, está pago.

- Pronto.

- Mas, para si, como para todos, sou eu que ofereço, somos nós que oferecemos! Nós oferecemos uma coleção, isto são tudo fotografias suas!

- Sim, senhora.... Ah, está bem... Sim... Atão mas se for preciso... Eu não preciso disto!

- Mas eu quero dar! Que é uma lembrança!

- Pronto... Vai ali para a gaveta, olhe!

- Você agora faz o que quiser com isso! Isto foi tudo fotografias que a D. [REDACTED] tirou!

- Pois a minha nora assentou assim ao pé de mim, a minha [REDACTED] dali, e começaram assim a falar, diz o meu genro assim «por acaso eu li o jornal sobre a sua festa», «no jornal?», «sim», «na me diga», «sim, veio, tá lá uma coisinha assim ao lado, mas eu não li tudo, que estava com pressa, para me vir embora, não li tudo». E opois diz a minha [REDACTED] assim «por acaso ainda não vi os retratos», «pagaste», «paguei», «não» (...). Ao final contou-me.

- Pois que isso eram outros, quem queria ajudar o projeto, encomendava os postais! A sua filha encomendou, os seus, claro, está aqui para ela. E estes são para si!

- Sim senhora, muito obrigada.

- E vou-lhe arranjar outra coisa, espere aí...

- Isto para mim... Olhe esta é da sala... (e vê fotografias)

[Entrevista terminou com a entrega de algumas fotografias consideradas importantes para a pessoa, e relativas a seus familiares; D. [REDACTED] fala, emocionada, sobre as fotografias aos netos...]